

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Valquiria Lopes Rabelo

**GÊNERO, LOUCURA E MÍDIA:
textualidades em torno do “*Free Britney*”**

Belo Horizonte
2023

Valquiria Lopes Rabelo

**GÊNERO, LOUCURA E MÍDIA:
textualidades em torno do “*Free Britney*”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Linha de Pesquisa: Textualidades Midiáticas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Camargos Mendonça

Belo Horizonte

2023

301.16 R114g 2023	Rabelo, Valquiria Lopes. Gênero, loucura e mídia [manuscrito] : textualidades em tomo do "Free Britney" / Valquiria Lopes Rabelo. - 2023. 127 f. : il. Orientador: Carlos Magno Camargos Mendonça. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia. 1. Comunicação – Teses. 2. Relações de gênero - Teses. 3. Loucura - Teses 4. Estigma (Psicologia social) - Teses. 5. Semiótica - Teses. I. Mendonça, Carlos Magno Camargos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
-------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

GÊNERO, LOUCURA E MÍDIA: textualidades em torno do “Free Britney”

VALQUÍRIA LOPES RABELO

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **vinte e nove de setembro de dois mil e vinte e três**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani
DCM/FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Joana Ziller de Araújo Josephson
DCM/FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa da Silva
UFOP

Prof. Dr. Carlos Magno Camargos Mendonça (orientador)
DCM/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 29 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Joana Ziller de Araujo Josephson, Professora do Magistério Superior**, em 09/10/2023, às 20:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, Professora do Magistério Superior**, em 10/10/2023, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, Usuário Externo**, em 11/10/2023, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Magno Camargos Mendonca, Professor do Magistério Superior**, em 11/10/2023, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2657493** e o código CRC **06F2CA4E**.

AGRADECIMENTOS

No prefácio de *Problemas de gênero*, Judith Butler nos diz: “concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (2018, p. 8). Gostaria de propor, então, que os criemos e os enfrentemos juntos.

Como logo será possível perceber, nas próximas páginas me projeto na primeira pessoa do plural. A este “nós” podem ser atribuídos sentidos que, certamente, merecem ser discutidos ou, melhor, problematizados. No entanto, pelo menos dois deles me convenceram a manter essa escolha. Em primeiro lugar, gosto da possibilidade de incluir “você” nesta conversa: espero que este texto possa, em alguma medida, chamar a uma experiência ou a uma ação conjunta, a uma *comunicação*. Além disso, esse “nós” também é uma tentativa de reconhecer o sujeito coletivo que se formou ao longo da escrita, composto não só por mim, pelas autoras e pelos autores que mobilizo, mas também pela diversidade de contribuições sem as quais este trabalho não seria o mesmo.

Agradeço imensamente ao professor Carlos Magno Camargos Mendonça, meu orientador, pelas direções propostas, pelo diálogo aberto e por ver no plano de estudos não só o que ele era a princípio, mas o que ele poderia (e ainda pode) vir a ser.

Dedico um agradecimento especial à professora Karina Gomes Barbosa da Silva, pela generosa recomendação de uma bibliografia que se tornou constitutiva para os argumentos sobre gênero e loucura aqui desenvolvidos. Sou grata a ela também pela leitura atenta e pelos apontamentos perspicazes nas bancas de Qualificação e de Defesa. Pelo mesmo motivo, agradeço à professora Joana Ziller de Araújo Josephson — aliás, é imprescindível dizer que o título desta dissertação é uma homenagem à disciplina *Mulheres, Heteronormatividade e Mídia*, que tive a oportunidade de cursar com ela no segundo semestre de 2021.

Não poderia deixar de agradecer também à professora Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, por sua participação na banca de Defesa e pelo acompanhamento das primeiras versões do projeto submetido à linha de Textualidades Midiáticas; ao professor Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, por sua gentileza e pelas palavras de apoio logo antes da apresentação do trabalho final; às professoras Vera Regina Veiga França e Paula Guimarães Simões, pela indicação de percursos metodológicos no campo dos estudos de celebridades; à professora Laura Guimarães Corrêa, quem primeiro estimulou meu interesse pela trajetória acadêmica; e, ainda, à professora Maria Luísa Magalhães Nogueira e ao professor Hugo

Alejandro Cano Prais, por me introduzirem aos debates ao redor do conceito de estigma desde a Psicologia Social e a Antropologia da Saúde.

Estendo meus agradecimentos ao Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional, o Neepec, pelos encontros e pelas interlocuções, e ao PPGCOM/UFMG, por acolher esta pesquisa.

Aos meus pais, Soraya e Luiz, e à Yuki, pela companhia.

Por fim, agradeço a Daniel Bilac por me convidar a andar junto por esse caminho, por me incentivar sempre, por compartilhar comigo ideias preciosas e por me ajudar a não perder de vista a dimensão sensível dos fenômenos.

“O texto é da cabeça para o corpo ou do corpo para a cabeça?”

(Flávia Péret, *Os Patos*, 2018).

RESUMO

Nesta dissertação, tomamos as textualidades midiáticas em torno do movimento “*Free Britney*” como um campo privilegiado para observar entrelaçamentos discursivos entre gênero e loucura. Para problematizar o fenômeno, propomos articular a noção de estigma de Erving Goffman ao conceito de interseccionalidade, elaborado por Kimberlé Crenshaw. Em seguida, fazemos um recuo histórico guiado pelos pensamentos de Elaine Showalter, Eleni Varikas e Maria Rita Kehl, que nos ajudam a recuperar as tramas que vinculam “Mulher” e “Loucura” no imaginário ocidental. A partir desse arranjo teórico-metodológico, analisamos os percursos gerativos do sentido que emergem da empiria, de acordo com o modelo organizado pela semiótica tensiva *greimasiana*. Seguindo as indicações de Gonzalo Abril, também discutimos as relações sensíveis e pragmáticas produzidas pelo conjunto de componentes que integram o espaço sinóptico. Ao final, reconhecemos quatro recorrências na qualificação da diva *pop* Britney Spears: a) sua representação a partir de uma mirada voltada ao desejo do observador masculino por autoridade e dominação sexual; b) o monitoramento e a patologização de seus desvios do referencial heteronormativo de performatividade de gênero e de sexualidade; c) as contradições entre uma suposta fragilidade, tradicionalmente atribuída às mulheres, e a percepção de perigo decorrente do estereótipo em torno de pacientes psiquiátricos; e d) um tácito descrédito de seus relatos e reivindicações. Encerramos o trabalho com uma discussão sobre o papel performativo da mídia na atualização de normas e textos estigmatizantes.

Palavras-chave: Gênero; Loucura; Estigma; Mídia; Semiótica.

ABSTRACT

In this dissertation, we take the media textualities surrounding the “Free Britney” movement as a privileged field to observe discursive intertwinements between gender and madness. To problematize the phenomenon, we propose articulating Erving Goffman’s notion of stigma with Kimberlé Crenshaw’s concept of intersectionality. Subsequently, we undertake a historical investigation guided by the insights of Elaine Showalter, Eleni Varikas, and Maria Rita Kehl, who assist us in unraveling the connections that link “Woman” and “Madness” in the Western imagination. Building on this theoretical-methodological framework, we analyze the generative trajectory of meaning emerging from the empiricism, according to the model organized by *Greimasian* Tensive Semiotics. Following the indications of Gonzalo Abril, we also discuss the sensitive and pragmatic relations produced by the components of the synoptic space. Ultimately, we acknowledge four recurring aspects in the portrayal of the pop *diva* Britney Spears: a) her depiction through a gaze identified with the male observer’s desire for authority and sexual domination; b) the monitoring and pathologizing of her deviations from the heteronormative referential of gender performance and sexuality; c) the contradictions between a supposed fragility, traditionally attributed to women, and the perception of peril cast by the stereotype around psychiatric patients; and d) an implicit discredit of her statements and claims. We conclude the study with a discussion on the performative role of media in reinforcing norms and stigmatizing texts.

Keywords: Gender; Madness; Stigma; Media; Semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Participação de Britney Spears no programa de entrevistas holandês <i>TROS TV Show</i> , apresentado por Ivo Niehe, em outubro de 1999.....	12
Figura 2 — Capas das revistas <i>Teen People</i> (fev. 2000), <i>Rolling Stone</i> (mai. 2000) e <i>Allure</i> (jun. 2000).	13
Figura 3 – Flagrante <i>paparazzi</i> de Britney Spears, aos 25 anos, raspando o próprio cabelo em um salão de Los Angeles.	14
Figura 4 – ROBERT-FLEURY, T.. <i>O doutor Philippe Pinel livrando os loucos de suas correntes</i>	31
Figura 5 – (a) À esquerda, detalhe de <i>O Nascimento de Vênus</i> , de Sandro Botticelli, 1485. (b) À direita, detalhe de <i>O doutor Philippe Pinel livrando os loucos de suas correntes</i> , de Tony Robert-Fleury, 1876.....	32
Figura 6 – BROUILLET, P. A. <i>Uma aula clínica na Salpêtrière</i> . 1887. Pintura, óleo sobre tela; 2,90 × 4,30m. Coleção da Universidade Paris V.....	34
Figura 7 – PELTRO, J. <i>Uma representação das figuras capitais do portão do Hospital Bethlem, Londres</i> . 1784, depois de Caius Cibber, 1676. Reprodução, gravura em metal, 9.2 x 16.3 cm.	35
Figura 8 – Esculturas de Caius Gabriel Cibber, 1676.	36
Figura 9 – A ala feminina no Hospital Bethlem, 1860. Coleção: <i>Bethlem Museum of the Mind</i>	45
Figura 10 – Quatro estágios da mania puerperal. Desenho a partir de foto de Hugh Welch Diamond, 1856.	46
Figura 11 – Registro da consulta ao <i>Google Trends</i>	57
Figura 12 – Linha do tempo de eventos relacionados a Britney Spears, a partir de junho de 2021.	59
Figura 13 – Registro de busca realizada no portal <i>Folha de S. Paulo</i>	60
Figura 14 – Capa da edição de 15 de abril de 1999 da revista <i>Rolling Stone</i>	75
Figura 15 – Capas da <i>Cosmo Girl</i> (jun. / jul. 2000), <i>People Weekly</i> (fev. 2000) e <i>Atrevida Hot</i> (jan. 2001).....	76
Figura 16 – Roleta interseccional, proposta por Fernanda Carrera (2020).	77
Figura 17 – Capas das revistas <i>In Touch</i> (mar. 2007) e <i>US Weekly</i> (jan., ago. e out. 2007) e dos tabloides <i>Daily News</i> (out. 2007) e <i>National Enquirer</i> (jan. 2008).....	79
Figura 18 – Capas das revistas semanais <i>In Touch</i> (fev. 2007), <i>Star</i> (dez. 2007) e <i>OK! Weekly</i>	81
Figura 19 – Capas das revistas semanais <i>People</i> (mar. 2007) e <i>OK! Weekly</i> (ago. 2007), e dos tablóides <i>Daily Mirror</i> , <i>Daily News</i> e <i>New York Post</i> (fev. 2007).....	82
Figura 20 – Carolina Dieckmann raspa o cabelo na novela <i>Laços de Família</i>	83
Figura 21 – Britney Spears logo depois de investir contra o carro do <i>paparazzo</i> Daniel Ramos.	84

Figura 22 – Capas do tabloide <i>National Enquirer</i> (jan. 2008) e das revistas <i>Ok Weekly</i> (mar. 2008) e <i>Star</i> (jan. 2008).	85
Figura 23 – Quadrado semiótico.	86
Figura 24 – Modalização veridictória.	88
Figura 25 – Percursos fundamentais.	89
Figura 26 – As três dimensões dos textos visuais (Abril, 2012).	95
Figura 27 – Ensaio fotográfico de Britney, reproduzido em dez textos coletados do <i>F5</i> .	96
Figura 28 – Retrato de Britney.	97
Figura 29 – Retratos das atrizes Natalie Portman, Renée Zellweger e Penelope Cruz na cerimônia do Oscar de 2020.	98
Figura 30 – Detalhes do retrato de Britney.	99
Figura 31 – Espaço sinótico: anexos B.1 (esq.) e F.2 (dir.).	100
Figura 32 – Espaço sinótico: anexos C.3 (esq.) e D.4 (dir.).	101
Figura 33 – Retrato de Britney Spears no 29º Prêmio <i>GLAAD Media</i> em Beverly Hills, Califórnia, 2018.	102
Figura 34 – Espaço sinótico: anexos A.6 (esq.), B.7 (dir., acima) e B.2 (dir., abaixo).	103
Figura 35 – Espaço sinótico, anexo C.1.	104
Figura 36 – Espaço sinótico, anexos D.2 e F.3.	105
Figura 37 – Levantamento e categorização das fotografias presentes na primeira dobra das páginas eletrônicas dos textos extraídos do <i>F5</i> (parte I).	106
Figura 38 – Levantamento e categorização das fotografias presentes na primeira dobra das páginas eletrônicas dos textos extraídos do <i>F5</i> (parte II).	107

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico de interesse de pesquisa pelo termo “Britney Spears” no Brasil, de 20/06/2021 a 24/09/2022.	58
Gráfico 2 – Marcação dos picos de interesse (em vermelho) iguais ou superiores ao valor de 40, a partir do Gráfico 1.	58

QUADROS

Quadro 1 – Critérios de exclusão dos materiais pré-selecionados.	61
Quadro 2 – Seleção de materiais para entrada de análise.	61
Quadro 3 – Sucessão de esquemas narrativos.	71
Quadro 4 – “Confira os principais acontecimentos da vida de Britney Spears”.	72
Quadro 5 – Correspondência entre denúncias e temas evocados.	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. GÊNERO E LOUCURA	19
1.1. Estigma	19
1.1.1 Signo corporificado, força normativa	19
1.1.2 Articulações contemporâneas: por uma apreensão interseccional	25
1.2. Outridades sobrepostas	29
1.2.1. A feminização da loucura	29
1.2.2. A histerização do corpo feminino.....	37
1.2.3. Discursos psiquiátricos	42
1.2.4. Considerações até então.....	49
2. TECER O FENÔMENO.....	51
2.1. Território, mídia e veículo	53
2.2. Acontecimento, tempo e narratividade.....	55
2.3. Levantamento inicial	60
3. TEXTUALIDADES MIDIÁTICAS EM TORNO DO <i>FREE BRITNEY</i>.....	66
3.1. Texto e textualidade.....	66
3.1.1. Doença como textualidade.....	67
3.2. Percurso gerativo do sentido	69
3.2.1. Esquema I: Ascensão de Britney enquanto diva <i>pop</i>	73
3.2.2. Esquema II: Ataques midiáticos e instauração da curatela.....	78
3.2.3. Esquema III: Das suspeitas do <i>fandom</i> ao movimento <i>Free Britney</i>	87
3.2.4. Esquema IV: Britney depõe contra a curatela	89
3.3. Espaço sinóptico.....	94
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS.....	118

INTRODUÇÃO

Aos sete minutos do documentário *Framing Britney Spears* (2021), assistimos a uma pequena Britney entoando uma voz grave e potente no que parece ser o palco de um programa de auditório do tipo “caça-talentos”. Depois de concluir sua performance, a cantora, na ocasião com apenas dez anos de idade, é interpelada pelo apresentador que pergunta: “notei na semana passada que você tem belíssimos olhos... você tem namorado?”.¹ Mais adiante, vemos Spears, agora aos dezessete anos, ser entrevistada por um homem que, sentado em uma poltrona a poucos metros de distância, comenta pausadamente: “todo mundo está falando sobre isso, [...] bem, seus seios”² (Figura 1). Sua fala é seguida por uma claque. Alguns minutos depois, em uma coletiva de imprensa, a ouvimos repetir com alguma incredulidade a pergunta de um dos repórteres: “se eu sou... virgem?”.³

Figura 1 – Participação de Britney Spears no programa de entrevistas holandês *TROS TV Show*, apresentado por Ivo Niche, em outubro de 1999.



Fonte: *Framing Britney Spears*, 2021.⁴

Embora o documentário produzido pelo *The New York Times* exponha novos indícios de graves violações sofridas pela diva *pop* nos últimos anos, as cenas enumeradas acima não são inéditas. Tratam-se em sua maioria de arquivos televisivos, trechos de produções normalizadas e postas em circulação à época de sua feitura. Esses exemplos demonstram como,

¹ No original: “I noticed last week you have the most adorable, pretty eyes... do you have a boyfriend?”. (FRAMING Britney Spears, 2021, 7min).

² No original: “Everyone is talking about it, [...] well, your breasts”. (FRAMING Britney Spears, 2021, 17min).

³ No original: “Am I... a virgin?”. (FRAMING Britney Spears, 2021, 20min).

⁴ A íntegra da entrevista está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZrQ-cgTcYNs>>. Acesso: 25 ago. 2023.

desde a infância, sua sexualidade tem sido tematizada, questionada e regulada. Ilustram ainda o quanto sua imagem esteve fundada na valorização de atributos do que constituiria, nos Estados Unidos do final da década de 1990, uma feminilidade ideal.⁵ Nos próximos capítulos, iremos discutir esse conjunto de predicados em mais detalhes, mas as capas de revista abaixo (Figura 2) deixam antever uma boa síntese das representações de Britney Spears nos primeiros anos de sua carreira.

Figura 2 — Capas das revistas *Teen People* (fev. 2000), *Rolling Stone* (mai. 2000) e *Allure* (jun. 2000).



Fonte: Composição da autora.⁶

Quando, em 2007, a cantora transgrediu radicalmente esses mesmos atributos, seu comportamento foi qualificado como um colapso mental.⁷ Naquele ano, enquanto disputava a custódia dos dois filhos com o ex-marido Kevin Federline, lidava também com a superexposição na imprensa. Uma das imagens mais memoráveis desse período é o seu conhecido retrato raspando a cabeça (Figura 3). Veiculado em diferentes meios de

⁵ Teses que investigam a produção de sentidos na imprensa voltada para meninas e mulheres ajudam a mapear os valores contemporaneamente associados a uma feminilidade ideal. Na *Capricho*, a linha editorial define e exalta características que estariam relacionadas a “boa aparência”, “boas maneiras” e amabilidade (Mesquita, 2014). Uma sexualidade ativa é aconselhada à leitora de *Cláudia*, com o fim de satisfazer as necessidades do parceiro (Vitorino, 2015). Enquanto esposa, sua eventual infidelidade é condenada, ao passo em que é culpabilizada em maior ou menor grau pela traição do marido (Carneiro, 2018). Embora possa ser identificada uma tendência em expor os desafios de ser mãe, as representações da *TPM* ainda corroboram a maternidade como um momento sublime na vida das mulheres (Trindade, 2019).

⁶ Capas disponíveis em: <<https://www.bustle.com/articles/86596-21-britney-spears-magazine-covers-from-the-early-2000s-ranked-and-swooned-over>>. Acesso em 25 ago. 2023.

⁷ Ver a capa do tabloide britânico *Daily Mirror* em 18 de fevereiro de 2007, disponível em: <<https://www.nzherald.co.nz/entertainment/new-documentary-reveals-shocking-new-details-about-britney-spears-2007-meltdown/ZYO4CGAF4ZFC17YWJ6WOHNGQQA/>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

comunicação,⁸ quase sempre em cobertura sensacionalista e em tom de chacota, tal gesto foi considerado um ato de “loucura”,⁹ uma evidência conclusiva de sua instabilidade emocional.

Figura 3 – Flagrante *paparazzi* de Britney Spears, aos 25 anos, raspando o próprio cabelo em um salão de Los Angeles.



Fonte: Agência X17.¹⁰

⁸ Ver as capas do *New York Post*, em 18 de fevereiro de 2007 (disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/d7/8b/32/d78b32c2b4b996123197bc690cfd658d.jpg>>), e da edição de março da revista *Star* naquele mesmo ano (disponível em: <<https://i0.wp.com/popbytes.com/img/starcover-113.jpg>>). Acesso em 8 nov. 2021.

⁹ Como caracterizado pelas capas dos jornais *The Daily News* (disponível em: <<https://glamour.globo.com/entretenimento/celebridades/noticia/2016/02/britney-spears-raspou-cabeca-ha-nove-anos-veja-como-ela-deu-volta-por-cima.ghtml>>) e *The Sun* (disponível em: <http://www.septicisle.info/uploaded_images/scumbritney-716917.jpg>), por exemplo. Acesso em: 8 nov. 2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://x17online.com/gallery/view/britney-head-shave-gal>>. Acesso em 25 ago. 2023.

Depois de enfrentar uma cobertura midiática profundamente desfavorável desse e de outros acontecimentos de sua vida pessoal,¹¹ em 2008 a Corte de Los Angeles concedeu a seu pai, Jamie Spears, sua curatela temporária.¹² Entretanto, por mais de uma década o instrumento foi renovado pela Justiça dos EUA, sob a alegação de que Britney seria “substancialmente incapaz de gerenciar seus recursos financeiros ou de resistir a fraude ou influência imprópria”.¹³ Composto por um extenso conjunto de medidas protetivas, que implicam em um domínio quase irrestrito sobre o corpo, a sociabilidade e o patrimônio da pessoa interdita, a curatela se trata de um procedimento extraordinário, em geral aplicado a pessoas com Alzheimer, em coma ou com adoecimento mental severo, julgadas completamente incapacitadas de garantir as condições básicas para a própria sobrevivência. De acordo com o *El País Brasil*,¹⁴ antes de Spears “não se sabia do uso a longo prazo de uma curatela para uma celebridade”.

Na vivência diária, isso implica que, sem a expressa permissão de seu pai, Britney não poderia contratar advogado próprio, administrar seu dinheiro, tomar decisões sobre a própria carreira, votar ou se casar. Em um depoimento juramentado, em junho de 2021, ela relatou ser obrigada até mesmo a manter um dispositivo intrauterino (DIU) contra sua vontade.¹⁵ Caso apresentasse resistência a essa ou a outras condições, seu curador estaria habilitado a autorizar sua internação involuntária, sem a necessidade de passar por novos procedimentos de validação jurídica.

Poucos meses depois de ter sido declarada incapaz, a cantora retornou à cena *pop* com uma intensa rotina de trabalho, que incluía o lançamento de novos álbuns, a realização de turnês mundiais e a participação em programas televisivos. Tal situação despertou questionamentos não só por suas contradições, mas também pela emergência de indícios de graves violações de direitos. A principal suspeita do *fandom* era de que a diva estava sendo rigidamente controlada e explorada por sua família. Em 2019, depois de uma série de denúncias terem vindo à tona, comunidades de fãs e apoiadores independentes impulsionaram o "Free Britney" — movimento que reivindicava o encerramento da interdição. Diante do crescente interesse ao redor da disputa judicial, o assunto passou a ser pautado por diferentes meios de comunicação e, mais de uma

¹¹ Detalharemos esses episódios no Capítulo 3.

¹² *Conservatorship* corresponde ao termo em inglês que aparece nos processos judiciais relacionados à cantora. “Curatela” foi a tradução mais aproximada que encontramos, mas é importante apontar que os dispositivos legais no Brasil e nos EUA não são coincidentes em todos os aspectos, e variam de acordo com as legislações dos países em que vigoram.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/08/21/britney-spears-permanece-sob-tutela-do-pai-ate-2021-apos-determinacao-da-justica.ghtml>. Acesso em: 8 nov. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-07-23/a-dificil-vida-de-britney-spears-que-ainda-fatura-milhoes-mas-vive-com-1500-dolares-por-semana.html>. Acesso em: 8 nov. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://theintercept.com/2021/06/30/britney-spears-abuso-sexual-lei-maria-da-penha>. Acesso em: 8 nov. 2021.

vez, figurou entre os tópicos mais comentados do Twitter. Mesmo depois do fim da curatela, em novembro de 2021, continuam a ser produzidos documentários, programas televisivos e artigos de opinião que questionam tanto as suas bases quanto a maneira como foi conduzida. Exemplo disso é o lançamento do documentário *Controlling Britney Spears* (2021), também produzido pelo *The New York Times*.

Entendemos que as excepcionalidades das condições materiais de Britney Spears demonstram o alcance, o poder e a capacidade de articulação de diferentes sistemas de opressão que atravessam a experiência de outras mulheres, em especial daquelas diagnosticadas com algum tipo de adoecimento psíquico. Ainda que seu capital financeiro e social não tenha sido suficiente para impedir as restrições a que foi submetida por treze anos, foi também essa conjuntura que propiciou que seu caso ganhasse visibilidade e projeção e, nesses termos, a possibilidade de contestação pelos públicos. Foi sua inserção na esfera midiática, na qualidade de diva *pop*, que possibilitou que diferentes pessoas acompanhassem ocorrências de sua vida pessoal, identificassem-se com suas experiências e manifestassem solidariedade, ultrapassando barreiras territoriais. Reproduzindo a questão levantada pela professora de direito Dra. Robyn Powell: “se isso está acontecendo com Britney Spears, que é muito privilegiada, branca, e com muito dinheiro, o que está acontecendo com as mulheres comuns declaradas incapazes?”.¹⁶

Diante dessa discussão, e a partir de experiências que mobilizam nossos interesses investigativos, definimos o seguinte problema de pesquisa: quais convocações políticas entre gênero e loucura podemos perceber nas textualidades midiáticas em torno do acontecimento *Free Britney*?

Dessa pergunta, derivamos os objetivos geral e específicos, que incluem:

- Analisar os entrelaçamentos sociodiscursivos entre gênero e loucura nas textualidades que reverberam o *Free Britney* na imprensa brasileira.
 - Identificar as bases semânticas, os procedimentos de organização narrativa e as estruturas discursivas com que operam esses textos verbovisuais;
 - Observar como se configuram os mecanismos de identificação e de projeção dos sujeitos enunciadoreis;

¹⁶ No original: “‘If it’s happening to Britney Spears, who’s very privileged, white, has lots of money,’ said Powell, ‘what’s happening to the average disabled woman?’”. Disponível em: https://theintercept.com/2021/07/09/brazil-britney-spears-sexual-violence/?utm_source=twitter&utm_campaign=theintercept&utm_medium=social. Acesso em: 8 nov. 2021.

- Descrever os atravessamentos de sistemas de gênero, sexo e sexualidade nesses enunciados;
- Discutir de que modos a temática do sofrimento psíquico é abordada.

Pelas dimensões que o compõem, o objeto empírico pode suscitar abordagens de diferentes campos do conhecimento, como a Psiquiatria, a Psicologia Social e o Direito. Essas leituras podem nos interessar, mas cabe reforçar que esta pesquisa foi conduzida a partir de uma aproximação semiótica do fenômeno, de uma tentativa de compreender sua constituição nas relações mediadas pela linguagem e pela mídia.

Em um contexto nacional recente de desmonte de políticas públicas voltadas para a saúde mental (Cruz; Delgado; Gonçalves, 2020) e de ataques reacionários a discussões de gênero (Galzerano, 2021), debates que tangenciam tais temáticas tornam-se ainda mais relevantes. Assim, analisar os entrelaçamentos entre gênero e loucura a partir de perspectivas caras à linha de Textualidades Midiáticas pode trazer contribuições para o campo da Comunicação e suas áreas de interface, bem como para a compreensão de dinâmicas sociais atravessadas por essa relação.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro, organizamos as principais chaves teórico-metodológicas desta pesquisa. Inicialmente, introduzimos a noção de estigma de Erving Goffman (2019) e problematizamos seus contornos. Em seguida, reivindicamos uma apropriação política do conceito e sua articulação ao paradigma interseccional (Crenshaw, 1991; Akotirene, 2019; Carrera, 2020). Na sequência, procuramos compreender os agenciamentos de simultâneos eixos de opressão sobre os corpos de mulheres marcadas pelo adoecimento psíquico. Para tanto, fazemos um recuo histórico guiado pelos pensamentos de Elaine Showalter (1985), Eleni Varikas (2014) e Maria Rita Kehl (2016), que nos ajudam a recuperar as tramas que vinculam “Mulher” e “Loucura” no imaginário ocidental.

No segundo capítulo, “Tecer o fenômeno”, detalhamos os critérios que orientaram os procedimentos iniciais de coleta. Já no capítulo 3, “Textualidades Midiáticas em torno do *Free Britney*”, analisamos percursos gerativos do sentido emergentes da empiria, de acordo com o modelo organizado pela semiótica tensiva *greimasiana* (Barros, 2005). Seguindo as indicações de Gonzalo Abril (2007; 2012), também discutimos as relações sensíveis e pragmáticas produzidas pelo conjunto de componentes que integram o espaço sinóptico de alguns dos textos selecionados.

Encerramos nossa escrita com uma síntese dos principais achados desta dissertação e uma breve discussão sobre o papel performativo da mídia na atualização de normas e textos estigmatizantes.

1. GÊNERO E LOUCURA

1.1. Estigma

1.1.1 *Signo corporificado, força normativa*

Para Erving Goffman (2019), a sociedade estabelece mecanismos de classificação das pessoas em categorias, ao mesmo tempo em que define o conjunto de atributos que deveriam compor cada uma dessas identidades sociais. Quando, por algum motivo, alguém apresenta um traço que escapa às expectativas projetadas em sua direção, tal discrepância pode ser percebida como uma anormalidade ou mesmo como uma fraqueza. Ao produzir um profundo sentido de descrédito, a característica desviante cumpre a função de *estigma*: revestido de qualidades depreciativas, o sujeito deixa de ser considerado uma criatura comum e total, e passa a ser reduzido a uma pessoa “estragada e diminuída” (p. 16), inabilitada à aceitação plena.

Criado na Grécia Antiga, a princípio o termo designava sinais gravados com fogo ou com cortes na pele de criminosos, escravizados ou traidores. Impressos em lugares de difícil encobrimento, serviam para indicar que as pessoas que os portavam deveriam ser evitadas pelas demais. Mesmo em seu sentido original e literal, nota-se que a palavra não se refere apenas à dimensão formal da marca física, uma vez que depende de seu reconhecimento enquanto símbolo — para ser efetivo, o estigma precisa ser capaz de ativar um repertório socialmente partilhado.

Embora não se restrinja ao domínio do visível, persiste na apropriação do conceito por Goffman a ideia do corpo como uma superfície semiótica, sujeita à apreciação interpretativa:

Essa informação, assim como o *signo* que a transmite, é reflexiva e *corporificada*, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem (Goffman, 2019, p. 70, grifo nosso).

[...] enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir *evidências* de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável (Goffman, 2019, p. 16, grifo nosso).

Ao produzir e suportar signos, o corpo, menos que uma matéria estática, apresenta-se aqui como um “texto constituído nas interações sociais da vida cotidiana” (Leal, 2006, p. 145).

Se o corpo não é um dado natural, seus atributos não podem ser positivos ou negativos em si mesmos; não se tratam de propriedades absolutas e universais, mas de uma linguagem de relações, inscrita na cultura. Assim, o que se configura como um traço de descrédito em alguns corpos pode ser normalizado ou mesmo exaltado em outros. Se quisermos um exemplo, basta lembrarmos da cobertura midiática que antecedeu o *impeachment* de Dilma Rousseff. Representações da então presidenta com uma postura enérgica foram associadas a agressividade, descontrole emocional e, enfim, loucura (Lima, 2020). Em figuras masculinas, por sua vez, as mesmas características são atribuídas a predicados mais desejáveis, como demonstrações de força e aptidão para papéis de liderança.

O estigma resulta, portanto, de “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (Goffman, 2019, p. 17), de um confronto frustrado entre uma generalização virtual – social e historicamente localizada – e a singularidade manifesta do sujeito. Como consequência desse desencaixe, a identidade da pessoa estigmatizada passa a ser eclipsada pelo que se presume de sua condição. Erros banais, que qualquer um poderia cometer, tendem a ser associados à sua característica diferencial. Pequenos gestos podem tornar-se fonte de uma admiração exótica ou condescendente que, por mais contraditório que possa parecer, não é incompatível com um potencial desprezo. Mesmo que por alguma razão específica a pessoa consiga esquivar-se da valência negativa do atributo que suporta, ela só pode ser aceita “como exceção que confirma a regra da inferioridade de seu grupo” (Varikas, 2014, p. 112). “Reconhecido *prioritariamente* por ‘sua’ diferença, ele (ou ela) é marcado(a) como membro de uma categoria à parte” (Varikas, 2014, p. 88, grifo nosso), em um processo que, simultaneamente, fragiliza o seu estatuto de pertencimento à condição humana e recobre os aspectos que constituem a sua individualidade.

Ao recorrer à observação de diferentes grupos marginalizados, Goffman se ocupou das relações entre seus integrantes e aqueles que, em determinadas circunstâncias, sentem-se autorizados a assumir a posição de *normais*. Uma das principais contribuições desse exercício analítico foi “reconhecer comunidade entre uma ampla variedade de estigmas sociais e ilustrar como cada um deles está dinamicamente entrelaçado no tecido da interação social”¹⁷ (Bos *et al.*, 2013, p. 7). No entanto, assim como acontece com a noção de *enquadramento* do mesmo autor,¹⁸ a flexibilidade do conceito de estigma também decorre em desafios metodológicos:

Uma razão pela qual é difícil abordar o estudo do estigma com confiança é que existem tantos tipos. [...] A conceitualização e o emprego do termo têm sido tão

¹⁷ No original: “[...] he recognized commonality across a wide variety of social stigmas and illustrated how each is dynamically interwoven into the fabric of social interaction”.

¹⁸ Cf. Mendonça e Simões, 2012.

vagos e acríticos que qualquer um pode, com razão, se perguntar: o que é estigma? Para muitos, a resposta é simplesmente uma “falha”, “imperfeição”, “mancha” ou “defeito”, mas essa resposta faz pouco, exceto sugerir que os estigmas são pejorativos (Stafford e Scott, 1986, p. 77).¹⁹

Boa parte da teoria contemporânea sobre estigma tem se dedicado a problematizar seus próprios contornos. Não é raro que os primeiros parágrafos de artigos desenvolvidos a partir do conceito sejam reservados para discutir a definição com que irão operar. Filiadas a Goffman em alguma medida,²⁰ essas formulações oferecem perspectivas metodológicas complementares.

Stafford e Scott (1986) aproximam estigma da noção de desvio ao tomá-lo como uma característica que afronta a norma de uma dada unidade social. Uma ofensa normativa pode ser desencadeada por uma determinada conduta, mas também pela manifestação de um modo de ser divergente. Tal interpretação daria conta de compreender, por exemplo, a rejeição, as terapias corretivas e as tentativas de encobrimento dirigidas a anatomias intersexo. Afinal, ao expor o critério não-natural da binariedade sexual, a mera existência desses corpos é suficiente para desafiar as categorias políticas sobre as quais se sustenta o sistema sexo-gênero (Dorlin, 2021).

Ainda que tenha alguns pontos de contato, a abordagem de Stafford e Scott se diferencia da proposta por Phelan, Link e Dovidio (2013). Embora assumam que o descumprimento de normas possa ser uma das bases do estigma,²¹ estes últimos sustentam que tal motivação só se aplicaria a comportamentos e atributos voluntariamente assumidos — e, logo, imputáveis de culpa. Em última análise, a marginalização teria a finalidade de coagir o *diferente* a conformar-se ao grupo. Nessa trilha, argumentam os autores, permaneceriam “difíceis de se explicar” os estigmas dirigidos a pessoas que sofrem de “doenças mentais, incluindo deficiências intelectuais; as doenças físicas, tais como o câncer, as doenças de pele e a AIDS; deficiências físicas e imperfeições, tais como a falta de membros, a paralisia, a cegueira e a surdez”, uma

¹⁹ No original: “*One reason why it is difficult to approach the study of stigma with much confidence is that there are so many kinds. [...] Conceptualization and use of the term have been so vague and uncritical that one may reasonably ask: What is a stigma? To many, the answer is simply a ‘flaw’, ‘shortcoming’, ‘blemish’, or ‘taint’ but that answer does little except to imply that stigmas are opprobrious.*”

²⁰ Comenta Roy Richard Grinker (2021): “não consigo pensar em outro grande conceito das ciências sociais que esteja tão vinculado a um único texto” (p. 13). No original: “*I cannot think of another major concept in social science that is so tied to a single text.*”

²¹ Além do reforço normativo, para os autores outras funções do estigma seriam a) justificar relações de dominação e exploração; e b) evitar a transmissão de doenças.

vez que ao sujeitá-las ao preconceito “não estamos tentando controlar seu comportamento ou usá-las como exemplo para os outros”²² (Phelan; Link; Dovidio, 2013, p. 194-195).

Discordamos dessa conclusão por entendermos que o poder de afetação dos processos discriminatórios não se restringe às pessoas a que mais imediatamente se dirigem. Exposta à rejeição pública, mais ou menos velada, a pessoa estigmatizada é em certa medida convertida em alegoria. Mesmo quando a *reabilitação*, a *cura* ou a *correção* não são possíveis, os rituais de estigma demonstram, para os demais, as consequências da não conformidade (Erikson, 1966). Recobrem, ainda, uma propaganda normativa: ao expurgar os corpos dissidentes, reafirma-se a superioridade de identidades e valores hegemônicos. Opressões capacitistas, por exemplo, constroem corpos com deficiência ao mesmo tempo em que satisfazem visões de mundo ancoradas em ideais de individualismo, produtividade extrema e autossuficiência (Grinker, 2021).

Em segundo lugar, mesmo quando a contração de uma doença é fortuita, ou quando suas razões são desconhecidas, a lacuna de significação costuma ser preenchida por “fantasias ornadas de culpa” (Sontag, 2007, p. 32).²³ A estigmatização pode operar como um reforço pedagógico, ainda que as relações de causalidade entre patologia e desvio não se sustentem. É precisamente o caso da AIDS; nos anos 1980, a presunção de que o HIV só era transmitido entre pessoas que violavam as condutas sexuais²⁴ foi determinante para a estigmatização dos pacientes soropositivos (Bos *et al.*, 2013). É verdade que nem sempre os próprios portadores são os únicos a serem enredados na trama punitivista; no caso de doenças congênitas, com frequência a culpabilização recai sobre as mães (Lopes, 2021). Não vamos entrar em uma discussão detalhada de cada uma das doenças enumeradas na lista de Phelan, Link e Dovidio, mas essas reflexões dão pistas de que a apreensão do fenômeno pode se beneficiar da apreciação dos fluxos discursivos que o atravessam.

Esse caminho investigativo é sinalizado, inclusive, em um trabalho precedente de Link e Phelan (2001), em que descrevem estigma como um processo resultante da convergência de quatro etapas inter-relacionadas: (1) criar rótulos; (2) estereotipar; (3) separar e discriminar; (4) marginalizar. Descrevemos cada uma delas abaixo.

²² No original: “Neither are we trying to control their behavior or set an example for others by subjecting them to stigma and prejudice”.

²³ Essa discussão é desenvolvida em mais detalhes na seção 3.1.1 do presente trabalho.

²⁴ No sentido conferido por Gayle Rubin (2017).

- (1) Antes de mais nada é preciso que uma característica humana seja reconhecida como diferença. Quando não são de todo ignorados, a maioria dos aspectos que distinguem as pessoas são irrelevantes. Mas, em certos lugares e tempos históricos, alguns desses traços passam a ser socialmente proeminentes. Percebê-los, nomeá-los e passar a rotular indivíduos de acordo com sua presença ou ausência é pré-condição para a produção de estigma.
- (2) Não basta, porém, identificar a diferença — para que se torne um estigma é necessário que ela seja revestida por valores indesejáveis. Essa produção de sentidos precisa ser amparada por crenças que vinculem o atributo a estereótipos negativos. Nesta etapa, são produzidas expectativas generalizantes, em sua maioria pouco favoráveis, de como se comportam as pessoas marcadas por um dado rótulo.
- (3) A estereotipização, se bem-sucedida, culmina em uma separação do tipo “nós *versus* eles”. Ao presumir que as pessoas rotuladas — *eles?* — são fundamentalmente diferentes²⁵ daquelas que não compartilham do mesmo atributo — *nós?* —, os sujeitos estigmatizados passam a ser isolados em uma categoria à parte e, então, evitados, excluídos, ridicularizados, etc. Em casos extremos, deixam de ser considerados como seres humanos, o que os expõe a diferentes tipos de vulnerabilidade.
- (4) De modo geral, as condutas discriminatórias costumam ser sucedidas por privações materiais. A ênfase dessa etapa se localiza na perda de *status* e em seus desdobramentos econômicos, como a dificuldade em conseguir emprego, em receber uma remuneração digna, em conquistar independência financeira e, no limite, ter meios para garantir a própria subsistência. Por conseguinte, pode haver uma maior dificuldade em acessar serviços básicos ligados a educação, saúde e moradia.

Além dos quatro componentes acima detalhados, há uma tendência crescente em considerar o papel desempenhado por fatores estruturais. Afinal, para se manter, um estigma

²⁵ A produção de uma diferença radical pode ser aproximada da metáfora da abjeção, proposta por Kristeva e recuperada por Butler (2019). Desenvolvemos esse argumento em maior profundidade na seção 1.2.2 deste capítulo.

precisa ser sustentado por um aparato cultural que garanta não só o reconhecimento da diferença em que se baseia como a ampla aceitação dos significados a ela atribuídos. Para que se efetive, é necessário também que o grupo que perpetua a discriminação ocupe posições econômicas e políticas privilegiadas o bastante para legislar sobre instituições, regular a oferta de oportunidades e mobilizar (ou desmobilizar) debates públicos. Em resumo, “é preciso poder para estigmatizar” (Link e Phelan, 2001, p. 375).

Esse critério é decisivo para que possamos reconhecer estigma para além de seus parâmetros formais. Se um conjunto de pessoas em uma dada posição subalterna cria um rótulo negativo para se referir a quem está no topo dessa mesma situação hierárquica, entendemos que isso não pode ser compreendido a partir do referencial do estigma, porque o primeiro grupo não tem condições materiais ou políticas para efetivamente estreitar as oportunidades de vida do segundo (Link e Phelan, 2001). O que não quer dizer, no entanto, que as posições sejam unívocas, ou que diferentes camadas de opressão/privilégio não possam se sobrepor umas às outras — vamos tratar disso logo mais adiante.

Se o desnível de poder é um requisito, ele também é um dos efeitos: como discutimos, práticas de estigmatização desempenham um papel central na reprodução de hierarquias e valores dominantes (Parker e Aggleton, 2003). Nesse sentido, constituem um conjunto de operações que reiteradamente validam desigualdades sociais.

Tal proposta permite conceituar estigma como um processo tanto interacional quanto performativo. Receber um rótulo desqualificante, e passar a ser identificado por ele, implica tornar-se sujeito a uma série de práticas de constrangimento e exclusão que, enfim, confirmam a indesejabilidade do traço diferencial. As oportunidades de vida das pessoas marginalizadas são reduzidas e os seus corpos, então debilitados, servem de argumento para validar os estereótipos negativos que fundamentam a sua discriminação. A circularidade garante a eficiência desse tipo de agenciamento, que encobre a si mesmo sob a fachada do natural ou do pré-determinado. Como aponta Eleni Varikas, tal encobrimento é imprescindível às sociedades que se autodeclaram baseadas no princípio da universalidade de direitos. Formalmente ilegítima, a estigmatização é obrigada a mascarar a própria existência, a esconder-se sob “justificativas enganosas”. Por esse motivo, o “caráter sistemático da marca permanece invisível num sistema em que a categorização discriminatória, mesmo tendo expressão legal, deve permanecer sempre implícita” (Varikas, 2014, p. 88).

A diferença estigmatizante também é produtora de experiências que, submetidas a um esforço sistêmico de apagamento, tendem a assumir uma forma “clandestina, indizível, incomunicável” (Varikas, 2014, p. 89). Mesmo quem sofre suas piores consequências pode ser

envolvido pelo fazer-persuasivo dos discursos que a amparam. A percepção de si pode ser distorcida pela internalização de crenças e sentimentos negativos associados à sua condição; em outros casos, ao antecipar situações de constrangimento, a pessoa estigmatizada pode escolher evitar ocasiões de que, não fossem as circunstâncias, desejaria participar. A estigmatização²⁶ abala a sociabilidade e deteriora as possibilidades afetivas. Como força normativa que entendemos ser, não incide apenas sobre a interação entre sujeitos, mas também sobre a própria formação das subjetividades: “a conformação age para além do externo aos corpos, ela inculca valores morais nos sujeitos” (Mendonça, 2018, p. 19).

1.1.2 Articulações contemporâneas: por uma apreensão interseccional

Além de problematizar os contornos da definição de estigma, críticas à produção sociológica de Erving Goffman têm sido elaboradas a partir de diferentes campos e perspectivas teóricas. Na sequência, buscaremos sumarizar parte dessa discussão. Nosso interesse não é desfazer das potencialidades analíticas do conceito, pelo contrário. Entendemos que esse debate indica possibilidades de expansão ou, ainda, de articulação com proposições que só conquistaram espaço recentemente.

Sabemos que Goffman dedicou-se a entender como o estigma perturba a ritualidade habitual das interações sociais. Conforme o próprio subtítulo do seu livro indica — e aqui vale retomarmos a versão original, *Stigma: Notes on the **Management** of Spoiled Identity* (grifo nosso) — a ênfase de suas investigações se localiza em como os indivíduos *gerenciavam* suas identidades deterioradas, a fim de “esconder ou mitigar a exposição pública de suas condições” (Grinker, 2021, p. S55-S56). O volume é povoado por algumas dezenas de relatos de pessoas sobre as táticas que elas mesmas criavam para lidar com as discriminações a que eram sujeitadas. O autor também propõe algumas classificações para o fenômeno que observa, de acordo com o tipo de condição (as “abominações do corpo”, as “culpas de caráter” e vínculos comunitários de classe, raça, religião, nacionalidade etc.) ou com o seu grau de evidencialidade (“desacreditáveis” ou “desacreditados”). Em seu texto, no entanto, pouco peso é conferido ao questionamento das origens dos estigmas de que trata, ou à problematização dos fatores sócio-históricos que os produziram, embora essas possibilidades não deixem de ser sinalizadas:

²⁶ E aqui, mais especificamente, o auto-estigma (Bos *et al.*, 2013).

A história natural de uma categoria de pessoas com um estigma deve ser claramente diferenciada da história natural do próprio estigma – a história das origens, difusão e declínio da capacidade de um atributo servir como estigma numa sociedade particular, por exemplo, o divórcio na classe média alta da sociedade americana (Goffman, 2019, p. 50).

Discordamos em parte da percepção de Roy Richard Grinker (2021) de que Goffman produziu “análises ahistóricas focadas em indivíduos que vivem em contextos em que a existência do estigma é presumida” (Grinker, 2021, p. S55-S56), mas admitimos que o espaço que uma preocupação política ocupa em seus escritos é bastante marginal. Esse entendimento converge com críticas formuladas a partir de correntes estruturalistas da sociologia e, também, por diferentes pensamentos feministas, segundo os quais Goffman, de modo geral, se dedicou pouco a problematizar as relações de poder que amparavam as processualidades que observava — “[ele] não se pergunta por quê, mas como” (Kian, 2014). Mais que uma lacuna epistemológica, a ausência de contestação dos processos de categorização que engendram *normais* e estigmatizados limita o alcance das “tentativas de inclusão ou de redefinição positiva” dos grupos discriminados (Varikas, 2014, p. 87). À medida que conservam intactas “as relações que constituem esses grupos e definem seus membros”, tais tentativas podem ser contornadas, sem grandes embaraços, por “reformulações inventivas das proibições rituais e das barreiras invisíveis” (Varikas, 2014, p. 87). Enquanto práticas comunicativas dinâmicas, os textos estigmatizantes se renovam e garantem os meios para prolongar a própria pertinência, em um “deslocamento perpétuo da diferença” (Varikas, 2014, p. 87).

O caminho de pesquisa que se abre a partir dessa fricção é o de não se deter no esforço descritivo, mas buscar localizar os componentes culturais e históricos que participaram da emergência de um determinado estigma. Esse exercício pode oferecer pistas sobre as forças que asseguram sua manutenção e, com sorte, alguma chance de desarme. Convocamos, assim, o método sugerido pela pensadora feminista Gayle Rubin, quando propõe modos de investigar a opressão sexual: é preciso “identificar, descrever, explicar e denunciar” (Rubin, 2017, p. 77).

Outro potencial de atualização se relaciona ao fato de que, quando a primeira edição de *Estigma* foi publicada, em 1963, ainda não estava disponível a chave da interseccionalidade. O termo só viria a ser cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw, no artigo *Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas*.²⁷ Formulado no campo das ciências jurídicas e dos direitos

²⁷ No original: “*Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*”.

civis, o constructo foi criado frente à necessidade de articular raça e gênero para enfrentar processos de violência e de injustiça dirigidos a mulheres negras. Nesse contexto, Crenshaw percebeu os atravessamentos de sistemas de opressão formados “pelo encontro de duas ou mais estruturas discriminatórias, cujo resultado é mais complexo que a soma das suas origens de desempoderamento” (Carrera, 2020). Dois anos mais tarde, em um artigo de 1991, a autora aponta o potencial de sua proposição para “fornecer os meios para lidar com outras marginalizações” (Crenshaw, 1991, p. 1299). Nesse sentido,

o projeto feminista negro adota coalizção e solidariedade políticas em prol dos oprimidos por classe, sexualidades ou território, dentre diferentes marcações. A interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas (Akotirene, 2019).

Em produções contemporâneas, a interseccionalidade tem sido um operador decisivo para a compreensão de como os vários marcadores sociais da diferença – dentre eles gênero, sexualidade, idade, raça, classe social e corporalidades – interagem na promoção de desigualdades e hierarquias (Henning, 2015). A proposta tem se mostrado “particularmente útil para superar uma conceituação ‘matemática’ da dominação” (Dorlin, 2021, p. 80), segundo a qual se supunha que as diferentes instâncias de subordinação se encadeavam umas às outras, sendo possível isolar cada uma delas como fatores de uma adição. Como alternativa, a interseccionalidade oferece uma “sensibilidade analítica”, que nos permite observar “a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias” (Akotirene, 2019, p. 14).

Ao mesmo tempo em que podemos reconhecer as dinâmicas específicas que emergem de um conjunto de opressões cruzadas, abre-se a possibilidade complementar de uma análise que considere também a atuação das camadas de privilégio (Carrera, 2020). Um exercício nessa direção é desenvolvido por Goffman, quando ele afirma que todos nós estamos ou estaremos, em algum momento de nossas vidas, sujeitos a sofrer algum tipo de estigma; a única exceção, nos Estados Unidos da década de 1960, talvez fosse “um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes” (Goffman, 2019, p. 183). Ao enumerar todos esses predicados que permitem escapar, ao menos temporariamente, de alguma forma de discriminação, evidenciam-se os eixos de privilégio/opressão relacionados a gênero, idade, raça, território, sexualidade, classe, peso, deficiência e outros mais. No entanto, a complexidade identitária é reduzida na composição de outras figuras que entram em cena na sua escrita — a “pessoa cega”, o “paciente mental”, “o analfabeto”, as “mulheres”, os “negros”, o “alcóolatra”, o “homossexual”, o “presidiário”, o

“judeu”, a “prostituta”. Na medida em que inventaria personagens unidimensionais, destituídas de outras marcações, o texto faz ele mesmo um pouco daquilo que descreve: reifica sujeitos segundo suas marcas de desvio.

Em contraponto a essas figuras exemplares, que coincidem com as categorias a que pertencem, Goffman localiza a si próprio e aos leitores a que se endereça na posição de “nós, os normais”. Aqui, convocamos a crítica ampla da Teoria *Queer* à Sociologia — mesmo quando os estudos sociológicos voltavam seu interesse investigativo para as margens, tendiam a se manter identificados com concepções normativas e a reproduzir “o conjunto de princípios binários não explícitos que influenciou [...] a classificação dos fenômenos sociais como normais ou anormais” (Mendonça, 2018, p. 15).

Nós, que não nos identificamos como homens-brancos-heterossexuais-protestantes-etc., em algumas situações podemos nos sentir suficientemente confortáveis nessa posição de “nós, os normais”, mas em outras não. Como, então, produzir uma análise a partir de outros lugares de experiência? Como revisitar as categorias de estigma, tão bem delimitadas, a partir das teorias interseccionais? E de que modos simultâneos eixos de opressão e/ou privilégio podem agir sobre um corpo estigmatizado? Que agenciamentos e que contradições podemos perceber?

1.2. Outridades sobrepostas

1.2.1. A feminização da loucura

Sabemos que a estigmatização de uma enfermidade pode recair tanto sobre seus acometidos quanto em pessoas próximas a eles.²⁸ Entendemos também que os rituais de constrangimento que decorrem desse processo podem servir à pedagogização dos corpos, ao expor publicamente as consequências da não-conformidade. Mas Goffman (2019) sinaliza ainda um outro movimento, desenvolvido em maior profundidade por Susan Sontag (2007): certas doenças podem ser textualizadas como metáforas e, nessa configuração, assumir funções adjetivas. As denominações específicas do estigma a elas associadas passam a ser incorporadas à expressão cotidiana como fonte de representação. Uma das implicações desse fenômeno linguístico é que outros objetos e sujeitos passam a ser identificados com a patologia, para além de quem dela padece. Convertida em figura de linguagem, a doença desloca-se a outros domínios discursivos e passa a incidir sobre matérias com que, ao menos a princípio, não estaria paradigmaticamente relacionada:

A doença torna-se *adjetiva*. Diz-se que algo parece a doença, indicando que é feio ou repugnante. [...] Os sentimentos sobre o mal são projetados numa doença. E a doença (tão enriquecida de sentidos) é projetada sobre o mundo (Sontag, 2007, p. 46, grifo nosso).

Cunha (1980) compreende o processo de adjetivação como a modificação de objetos ou seres nomeados pelos substantivos, por meio da atribuição de qualidades, aspectos, estados e modos de ser. Já Bechara (2001) e Rocha Lima (2002) definem adjetivo como a categoria lexical que restringe a significação ampla do substantivo, delimitando suas possibilidades designativas.

A reapropriação adjetiva de uma doença para qualificar de forma degradante um sujeito aproxima-se da noção de injúria linguística, desenvolvida por Judith Butler (2021). Considerando a injúria como um ato de fala ilocucionário, que não apenas representa, mas

²⁸ “Pesquisas têm demonstrado que pessoas associadas a indivíduos estigmatizados (familiares, parentes e cuidadores, por exemplo) são rotineiramente desvalorizados, unicamente em função de sua conexão com alguém com uma condição de estigma” (Bos *et al.*, 2013). No original: “*Research has shown people associated with stigmatized individuals (e.g., family, friends, caregivers) are routinely devalued purely as a result of their connection with someone with a stigmatized condition*”.

performatiza a violência no momento mesmo do enunciado, Butler destaca como esse ato não se constitui em um acontecimento único ou isolado; em lugar disso, integra uma rede de horizontes temporais que condensa uma repetição que excede, em direção ao passado e ao futuro, o momento em que ocorre. Assim, podemos dizer que a ação injuriosa produzida quando um sujeito é interpelado e descrito a partir da reapropriação adjetiva de uma doença apoia-se nas convenções sociais vinculadas a tal enfermidade e, através de uma operação citacional, arrasta consigo as significações discriminatórias do estigma a ela associadas. Desse modo, a interpelação excludente empregada aos doentes é tomada de empréstimo pelo discurso de ódio, restringindo e delimitando violentamente as possibilidades de existência discursiva do sujeito a que se endereça. Reflexivamente, compreendemos que esse tipo de injúria revigora, reedita e renova textos estigmatizantes, que participam da experiência de adoecimento tanto quanto os sintomas manifestados.

Podemos, então, questionar: que sentidos são convocados quando uma mulher é adjetivada como louca, histérica, descontrolada ou irracional? Elaine Showalter (1985) responde a essa pergunta com uma inversão. A pesquisadora afirma que a própria ideia de “loucura” teria sido, desde o final do século XVIII, identificada à feminilidade nos sistemas ocidentais de linguagem e representação — enquanto os homens foram associados ao domínio da razão, da objetividade e da lógica, as mulheres foram posicionadas no campo da emoção, da intuição e do instinto. E, se por um lado a loucura foi tomada como metáfora para descrever a feminilidade, por outro, o gênero feminino passou a qualificar o adoecimento psíquico em geral. Assim, mesmo quando é experienciado por um homem, segue sendo “metafórica e simbolicamente representado como feminino”²⁹ (Showalter, 1985, p. 4).

Para apreender as bases que sustentam a feminização da loucura, Showalter recorre a textos literários, pinturas, fotografias e peças teatrais, mas também a documentos médicos, legais e científicos — que, para a autora, são “tão culturalmente determinados e reveladores em suas metáforas como a linguagem da ficção”³⁰ (Showalter, 1985, p. 5). Uma das obras que elege é a pintura de Robert-Fleury, *O doutor Philippe Pinel livrando os loucos de suas correntes*,³¹ datada de 1876 (Figura 4).

²⁹ No original: “*metaphorically and symbolically represented as feminine*”.

³⁰ No original, “[...] *as culturally determined and revealing in its metaphors as the language of fiction*”.

³¹ No original: “*Le docteur Pinel faisant tombé les chaînes des aliénés*”.

Figura 4 – ROBERT-FLEURY, T.. *O doutor Philippe Pinel livrando os loucos de suas correntes*. 1876. Pintura, óleo sobre tela; 3,55 x 5,05m; Coleção do Hospital da Salpêtrière.



Fonte: *L'Histoire par l'image*.³²

O acontecimento acima representado teria se dado após Philippe Pinel (1745-1826), médico responsável pelos asilos parisienses durante a Revolução Francesa, obter permissão da Comuna para libertar os pacientes do Hospital da Salpêtrière, em 1785. De acordo com os registros, Pinel primeiro liberou os residentes da ala masculina e, só algumas semanas depois, dirigiu-se às instalações onde viviam as mulheres. Apesar disso, é notório que na pintura a loucura é encarnada apenas por figuras femininas, enquanto os representantes da racionalidade são todos homens.

De pé, ao centro da tela está “uma mulher amável, passiva e despenteada, com olhos modestamente abaixados, cujo colo exposto um digno e ereto Pinel encara com interesse ambíguo” (Showalter, 1985, p. 3).³³ Com o joelho esquerdo flexionado, um dos pés apoiado na

³² Disponível em: <[https://histoire-image.org/etudes/approche-historique-folie#:~:text=Avec%20son%20surveillant%20Jean%20DBaptiste.M%C3%BCler%20\(1815%2D1892\)>](https://histoire-image.org/etudes/approche-historique-folie#:~:text=Avec%20son%20surveillant%20Jean%20DBaptiste.M%C3%BCler%20(1815%2D1892)>)> Acesso: 12 abr. 2023.

³³ No original: “a lovely, passive, and disheveled young woman, her eyes modestly cast down, upon whose exposed bosom an erect and dignified Pinel gazes with ambiguous interest”.

ponta dos dedos e o braço direito rente ao quadril projetado, sua pose espelha a da Vênus de Botticelli (Figura 5a). A mente adoecida, mas até certo ponto passível de redenção, é concretizada aqui em um corpo feminino e jovem, submisso e seminu, rodeado por homens autorizados a gerenciá-lo. A liberdade que lhe estaria prestes a ser concedida mantém, assim, “uma complexa tensão com o controle masculino”³⁴ (Showalter, 1985, p. 3).

Exposta ao escrutínio do alienista — e ao nosso, no lugar de observação que a cena nos confere —, a figura central é contraposta às que ocupam a periferia do enquadramento. Seu braço estendido, assim como a distribuição das massas compositivas, conduz nossa atenção para o canto inferior direito da tela, onde podemos ver corpos que permanecem acorrentados; não por acaso, corpos que divergem dos atributos ostentados pela mulher recém-liberta (Figura 5b).

Figura 5 – (a) À esquerda, detalhe de *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli, 1485.³⁵
(b) À direita, detalhe de *O doutor Philippe Pinel livrando os loucos de suas correntes*, de Tony Robert-Fleury, 1876.



Fonte: Composição da autora.

Sentadas ou deitadas no chão, presas ao que parecem ser barras de ferro fixadas em pilares de madeira, estão internas aparentemente mais velhas, mais exasperadas ou mais insubordinadas. A forma como se vestem (ou se desvestem), seus gestos e suas expressões faciais oferecem pistas de sua inconformidade. Uma delas, por exemplo, ao contrário das

³⁴ No original: “a complex tension with male control”.

³⁵ BOTTICELLI, S.. *Nascita di Venere*. 1485. Pintura, têmpera sobre tela; 1,72 x 2,78m; Coleção do Museu Uffizi. Disponível em: <<https://www.uffizi.it/en/artworks/birth-of-venus>>. Acesso em 20 ago. 2023.

demais, não se dirige ao interior da cena nem desvia os olhos para um vazio indeterminado, mas encara desconcertantemente o extracampo. Ao voltar-se para o ponto a partir do qual o retrato se constrói, desorganiza a expectativa de “poder mirar tudo sem ser mirado”³⁶ (Abril, 2012) e abala a ilusão de relativo distanciamento que a princípio poderíamos estar inclinados a aderir. Mas, mais que um efeito de proximidade, há algo de desafiador no olhar que devolve: ao reivindicar a posição de sujeita-observadora, parece afrontar as relações de poder que conformam a exibição de sua própria imagem.³⁷

À medida em que contrasta os traços da paciente solta aos das que seguem encarceradas, a pintura não deixa de insinuar modos mais ou menos apropriados de incorporar e performar a loucura.³⁸ Tanto a construção da mirada quanto o imaginário convocado (Abril, 2012) estruturam uma escala de aceitabilidade interna ao espectro de expressões do adoecimento psíquico, cujo referencial parece coincidir com os códigos de performatividade de gênero.

Onze anos depois de sua conclusão, a obra passou a dividir a sala onde havia sido instalada, no próprio Salpêtrière, com a reprodução litográfica de uma outra pintura, montada na parede oposta. *Uma aula clínica na Salpêtrière* (Figura 6),³⁹ de André Brouille, documenta uma palestra do neurologista Jean-Martin Charcot (1825–1893) naquele mesmo hospital, onde uma plateia atenta de vinte e seis homens densamente agrupados rodeia o corpo desfalecido de Marie “Blanche” Wittman (1859–1913), sua paciente mais conhecida. Apesar de fazerem menção a acontecimentos separados por quase um século, podemos encontrar nas duas cenas uma estilização corporal partilhada, com atos e disposições similares. Mais que representar, a associação do par de obras parece “*instruir* a mulher histérica em seu ato”⁴⁰ (Showalter, 1985, p. 149, grifo nosso). Em contrapartida, também prescreve um modelo ritual de apropriação do corpo feminino por autoridades médico-científicas.

³⁶ No original: “*el poder mirarlo todo sin ser mirado*”.

³⁷ Agradeço a Daniel Bilac pelos apontamentos instigantes que contribuíram para a análise desta imagem e pelo compartilhamento de referências do campo da cultura visual.

³⁸ Essa formulação é habilmente desenvolvida por Vera Chouinard (2009) ao analisar o filme *Garota, interrompida* (1999). Na trama, há uma oposição entre duas personagens: Susana, reabilitada a partir do momento em que se submete aos tratamentos médicos, e Lisa, caracterizada como cruel e agressiva, mantida institucionalizada.

³⁹ No original: “*Une leçon clinique à la Salpêtrière*”.

⁴⁰ No original: “*seemed to be instructing the hysterical woman in her act*”.

Figura 6 – BROUILLET, P. A. *Uma aula clínica na Salpêtrière*. 1887. Pintura, óleo sobre tela; 2,90 × 4,30m. Coleção da Universidade Paris V.



Fonte: *Wikimedia*.⁴¹

A título de comparação, façamos um recuo até meados do século XVIII, quando a imagem cultural dominante da loucura ainda era masculina (Showalter, 1985). Como exemplo de representação, elegemos o par de esculturas *Melancholia* e *Loucura Delirante*⁴², de Caius Gabriel Cibber, que se constituía como um importante referencial na paisagem de Londres. Separadas por uma forma sugestivamente fálica, as estátuas em tamanho real coroavam o pórtico de entrada do Hospital Real de Bethlem (Figura 7) e, de 1676 a 1815, “marcavam a entrada do lunático no submundo dos insanos”⁴³ (Showalter, 1985, p. 8).

⁴¹

Disponível

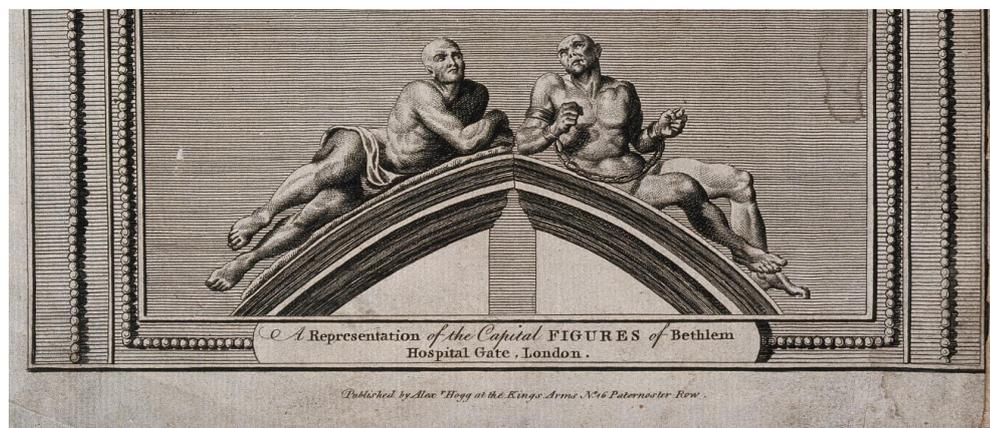
em:

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Une le%C3%A7on clinique %C3%A0 la Salp%C3%AAtre.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Une_le%C3%A7on_clinique_%C3%A0_la_Salp%C3%AAtre.jpg)> Acesso: 8 jul. 2023.

⁴² No original: “*Melancholy Madness*” e “*Raving Madness*”.

⁴³ No original: “*marked the lunatic's entrance into the netherworld of the insane*”.

Figura 7 – PELTRO, J. *Uma representação das figuras capitais do portão do Hospital Bethlem, Londres*.⁴⁴ 1784, depois de Caius Cibber, 1676. Reprodução, gravura em metal, 9.2 x 16.3 cm.



Fonte: *Wellcome Collection*.⁴⁵

Loucura Delirante (Figura 8b) sintetiza o principal estereótipo pré-moderno ao redor do adoecimento mental. O corpo que retrata é mais despido que o das internas de Robert-Fleury, mas o mesmo traço recebe aqui outros investimentos semânticos. “O poder físico decorrente do delírio maníaco” (Kromm, 1994, p. 507) assume as formas de um homem musculoso, contorcido em agonia. Sua boca aberta, seus punhos erguidos e as correntes em seus braços sugerem sua propensão à agressividade e justificam sua contenção. A nudez, aqui, é menos insinuante que ameaçadora; trata-se de uma das muitas marcas isotópicas que redundam sua “animalidade incivilizada”⁴⁶ (Kromm, 1994, p. 508).

Já *Melancolia* (Figura 8a) apresenta marcações que, ao menos contemporaneamente, estão mais associadas a performances de feminilidade. Acentuados pela oposição binária à *Loucura Delirante*, tais aspectos são sugeridos pela gestualidade da figura — a conformação sinuosa do torso apoiado nos cotovelos, a suspensão dos pés e o relaxamento do rosto imprimem um senso de delicadeza e passividade. Nota-se que, mesmo quando a loucura era caracterizada por traços que hoje são considerados afeminados, ainda assim era simbolizada por um corpo masculino. Na próxima seção deste capítulo, discutiremos algumas hipóteses do que teria motivado a mudança do gênero que corporifica o conceito, mas antes vale nos determos um pouco mais nessas imagens.

⁴⁴ No original: “A representation of the capital figures of Bethlem Hospital gate, London”.

⁴⁵ Disponível em: <<https://wellcomecollection.org/works/xtfbv4un>>. Acesso em 14 abr. 2023.

⁴⁶ No original: “[...] give the madman a gloss of uncivilized animality”.

Figura 8 – Esculturas de Caius Gabriel Cibber, 1676.
(a) *Melancholia*, à esquerda. **(b)** *Loucura Delirante*, à direita.



Composição da autora.⁴⁷

Tanto nas pinturas de Robert-Fleury e Brouillet quanto nas esculturas de Cibber, nota-se a produção de uma mirada exótica (Garland-Thomson, 2002), que espetaculariza o corpo em sofrimento e o desloca à posição de um *Outro* — “o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (Beauvoir, 1970, p. 12). Entre a curiosidade e o medo, o fascínio e a repulsa, a pessoa louca é submetida a diferentes tipos de subjugação, inclusive a do olhar. Jane Kromm (1994) observa que tal mirada tende a ser identificada a um ponto de vista masculino,⁴⁸ que produz sentidos distintos a depender do gênero de quem personifica a loucura. No caso dos homens, com frequência a condição é revestida por características associadas à bestialidade, amparadas na oposição antropocêntrica /Homem/ vs. /Animal/ ⁴⁹ que, por sua vez, é ampliada para /Cultura/ vs. /Natureza/, /Razão/ vs. /Emoção/, etc. Assim, o estereótipo do homem louco violento assombra e ameaça o espectador masculino, com quem compete por controle e superioridade física (Kromm, 1994). Já figuras femininas que encarnam a loucura são tipicamente representadas como auto abusivas e sexualmente provocantes, desafiando “o desejo do observador masculino por autoridade sexual e dominação” (Kromm, 1994, p. 508).⁵⁰

⁴⁷ Fotografias disponíveis em <<https://artuk.org/discover/artworks/melancholy-madness-265091>> e em <<https://artuk.org/discover/artworks/raving-madness-265092>>. Acesso em 14 abr. 2023.

⁴⁸ Cabe esclarecer que, ao dizer de um ponto de vista ou de um espectador “masculino”, Kromm (1994) toma como referência o modelo dominante de performance da masculinidade, segundo os padrões generificados.

⁴⁹ “[...] cientistas europeus há muito buscavam entender o que separava os humanos dos animais. Os asilos e seus residentes, — que pareciam divergir da noção de humanidade — ofereciam então uma resposta. Humanos, ao contrário dos animais, eram providos de razão” (Grinker, 2021, p. 19).

⁵⁰ No original: “the sexually preoccupied madwoman [...] challenges the male viewer's desire for sexual authority and domination.”

Essa diferenciação constitui uma das especificidades do construto da *mulher louca*, forjado na interseção de pelo menos mais um tipo de outridade, que é a que contrapõe /Homem/ à categoria universalizante /Mulher/: “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 1970, p. 10). A ideia de outridades articuladas sobre um mesmo corpo é devedora do pensamento que Grada Kilomba (2019) desenvolve quando define a mulher negra como “a ‘*Outra*’ da alteridade”:

As mulheres *brancas* têm um status oscilante, como o eu e como a “*Outra*” dos homens *brancos*, porque elas são *brancas*, mas não homens. Os homens *negros* servem como oponentes para homens *brancos*, bem como competidores em potencial por mulheres *brancas*, porque são homens, mas não são *brancos*. As mulheres *negras*, no entanto, não são *brancas* nem homens e servem, assim, como a “*Outra*” da alteridade (Kilomba, 2019, p. 191).

Retomando Crenshaw, a combinação de dois ou mais eixos de opressão (ou de outridades, nos termos de Beauvoir e Kilomba) é mais complexa do que sua soma. A mulher marcada pelo rótulo da loucura emerge, assim, como um significante próprio, cuja complexidade buscaremos apreender mais adiante.

Antes, não podemos deixar de apontar que até então temos falado da loucura encarnada pela mulher branca europeia. Optamos por seguir o percurso sinalizado pelo projeto de “uma história feminista da loucura” de Showalter, que estava consciente da localização temporal e geográfica de seus achados. Sobre o recorte de sua pesquisa, a autora argumenta o quanto as ideias produzidas na Inglaterra e na França no início da Idade Moderna foram influentes para a constituição do próprio campo da Psiquiatria. Transpostas para outros territórios e impostas sobre outros corpos, as categorias do saber médico europeu produziram outras identidades e outras injunções discursivas.

1.2.2. *A histerização do corpo feminino*

Para compreendermos as bases sobre que se ergueu a imagem cultural da mulher louca, bem como suas transformações ao longo tempo, precisamos recuperar o momento em que “a dialética entre razão e desrazão assumiu significados sexuais específicos, e o gênero simbólico

da pessoa louca migrou do masculino para o feminino”⁵¹ (Showalter, 1985, p. 8). Como já mencionado, Showalter identifica as origens do fenômeno a partir do final do século XVIII, época que coincide com a passagem para a ordem burguesa, marcada pela Revolução Francesa e pela formação da sociedade industrial.

Segundo Maria Rita Kehl (2016), tal período foi caracterizado por instabilidades do campo simbólico, decorrentes da transformação de múltiplos enunciados organizadores da experiência. No plano epistêmico, o referencial religioso de interpretação do mundo deslocava-se para uma matriz secular, em que a transcendência dava lugar à imanência. As intensas mudanças econômicas, políticas e territoriais também mobilizavam a reestruturação dos padrões discursivos. O vetor de urbanização, assim como a ascensão dos ideais de autonomia e de individualidade, enfraqueceu vínculos comunitários: “relações de parentesco erodiam à medida que as pessoas se mudavam para cidades e centros urbanos, longe de suas famílias estendidas” (Grinker, 2021, p. 14).⁵²

A mobilidade geográfica e social desarranjou as hierarquias que até então regulavam as relações, o que contribuiu para uma percepção geral de desenraizamento. Além disso, sobretudo nas cidades, começava a se esboçar uma distinção bastante delimitada entre os espaços público e privado, o que requisitava dos indivíduos novas competências. Entre as aptidões que lhes eram demandadas estava a elaboração e o gerenciamento da *personalidade*, entendida aqui como a imagem de si mesmo (Kehl, 2016). Além de manter-se consciente das próprias representações, era preciso estar atento aos sinais expressos ou corporificados pelos demais. A sociabilidade no espaço público impunha, assim, um constante estado de alerta.

Em resposta às incertezas e tensões emergentes, o homem burguês procurava na esfera privada alguma possibilidade de refúgio. É a partir desse quadro que se constitui a família nuclear, “cuja harmonia e cuja tranquilidade estariam a cargo daquela que cada um escolheu para esposa” (Kehl, 2016, p. 44). A condição de concretização do lar como um lugar necessariamente de relaxamento (para o homem) dependia da produção de um padrão de feminilidade que assegurasse a subordinação da mulher e a mantivesse inseparavelmente ligada ao ambiente doméstico. “A heterossexualidade bem-organizada no casamento” desponta, assim, como “garantia de coesão da sociedade moderna” (Varikas, 2014, p. 57).

Essa definição dos papéis sexuais também foi uma reação à força subversiva e à vontade de participação cívica que as mulheres demonstraram quando saíram às ruas durante a

⁵¹ No original: “*the dialectic of reason and unreason took on specifically sexual meanings, and that the symbolic gender of the insane person shifted from male to female*”.

⁵² No original: “*Kinship relations eroded as people moved to towns and cities, away from their extended families*”.

Revolução Francesa⁵³ — “incendiárias, indisciplinadas, ‘buchas de canhão’ nas mais violentas insurreições populares, as mulheres estiveram na linha de frente das manifestações públicas no fim do século XVIII” (Kehl, 2016, p. 51). Sua presença nas ações contestatórias foi motivada pela circulação das proposições filosóficas do Iluminismo, que disseminaram valores como emancipação individual e recusa da sujeição às instituições religiosas. Porém, ainda que tais princípios possam ter contribuído para questionar a subjugação das mulheres no Antigo Regime, o pensamento iluminista não deixava de corroborar concepções essencialistas. É em meio a esse movimento, inclusive, que a junção entre as categorias “Mulher” e “Natureza” firma-se como uma importante base para o discurso normatizador da inferioridade do corpo feminino:

Se o conceito de natureza como explicador universal tem, por um lado, valor emancipador em sua conexão com o desencantamento, ao deslocar o homem do centro de um universo projetado por Deus e eliminar toda causa metafísica para as ações humanas, por outro, quando se trata da mulher, torna-se um argumento poderoso para escravizá-la às vicissitudes de seu corpo (Kehl, 2016, p. 55).

Rousseau, por exemplo, defendia que o útero determinava tanto o comportamento quanto a moral das mulheres, ao mesmo tempo em que condicionava sua realização pessoal somente pela via do casamento e da maternidade. Em consonância, Voltaire considerava condenável a mulher que abandonasse seus deveres familiares para dedicar-se a projetos intelectuais. Apreensivos com “o estado de abandono que parecia ameaçar seus lares, seus filhos e a vida conjugal em decorrência da fúria com que as mulheres se atiraram às manifestações” (Kehl, 2016, p. 55), os revolucionários de modo geral pareciam pouco dispostos a ceder o lugar de privilégio que ocupavam.

A tradição cristã que por séculos vinculou a sexualidade da Mulher à vergonha do pecado original não foi rompida, mas antes secularizada e, então, apropriada pelo pensamento iluminista. “Marcar o corpo feminino com a culpabilidade característica que o designa como origem de desordem moral” (Varikas, 2014, p. 59) e, em seguida, questionar sua “verdadeira humanidade” (Varikas, 2014, p. 55), foi um movimento estratégico para conservar a retórica de superioridade civilizada do homem e, conseqüentemente, flexibilizar o conceito de *universalidade* sobre o qual a Declaração Universal dos Direitos do Homem⁵⁴ seria fundada.

⁵³ Para Jane Kromm (1994), o temor diante do empoderamento político das mulheres na Europa pós-revolucionária está diretamente associado ao fenômeno de feminização da loucura nas representações culturais.

⁵⁴ Ao excluir metade da população dos direitos previstos pela Declaração Universal, ficou claro como a ambigüidade semântica da palavra “Homem” contida em seu título havia sido cristalizada. Metonimicamente, “o macho adulto” passou a corresponder à unidade do gênero humano (Varikas, 2014).

Nesse sentido, a “impureza da ‘raça’, a do sexo, a do gênero encontram-se firmemente imbricadas na esteira das elaborações modernas, científicas e políticas, da distinção ‘puro-impuro’, ‘são-degenerado’, ‘civilizado-selvagem’” (Varikas, 2014, p. 57). A categorização binária do gênero configura-se, desse modo, em um princípio organizador político: excluídas da igualdade de direitos, as mulheres só poderiam ser reconhecidas a partir do parâmetro da complementaridade que, no sistema de legitimação universalista, assumia contornos fundamentalmente hierárquicos.

O conjunto de regras e predicados que fundou o ideal de feminilidade moderno foi uma resposta às demandas de seu tempo e resultado de uma consistente produção discursiva, que atribuía à anatomia das mulheres a origem de suas virtudes e vicissitudes. Presumidamente inatas, dentre suas propriedades mais exaltadas estaria o recato, a docilidade e a receptividade em atender aos desejos de outrem — justamente as qualidades que deveriam assumir para melhor se adequar aos papéis de esposa e de mãe. Já suas falhas incluíam “fraqueza de vontade, hipersensibilidade, emotividade, imaginação ‘desregrada’, incapacidade de esforços acurados do pensamento, predomínio dos reflexos sobre a reflexão e o juízo, vaidade, leviandade, sugestibilidade” (Rocha *apud* Cunha, 2022, p. 224).⁵⁵

Segundo tal concepção, um outro atributo que seria constitutivo das mulheres é a fragilidade, tanto física quanto intelectual. A ideia de que seriam naturalmente delicadas, fracas e inaptas serviu para justificar argumentos “contra a profissionalização, contra a exposição das mulheres ao tumulto das ruas e à vida noturna, contra quase todos os esforços físicos, contra o abuso nos estudos, contra os excessos sexuais” (Kehl, 2016, p. 65). Como consequência, elas eram sistematicamente isoladas do mundo exterior, mantidas materialmente dependentes e treinadas para a obediência. Todos os aspectos de sua subjetividade eram orientados para sua tutela e sua permanente incapacidade civil.

Varikas destaca como a conformação de uma condição jurídica subalterna não é só o efeito de um sistema de crenças, mas também é produtora dos sentidos que as amparam — “num sistema de legitimação que faz da humanidade comum a origem da igualdade de direitos, o não reconhecimento de seus direitos faz pesar uma suspeita sobre sua plena e completa humanidade e tende associar à sua inferioridade social uma inferioridade antropológica”

⁵⁵ Vale destacar que essa lista de adjetivos não se trata apenas de uma percepção generalizada dos discursos sobre a mulher e as falhas que lhe seriam naturais, embora pareça ser uma síntese exemplar. Essa citação direta foi recuperada pela pesquisadora Maria Clementina Pereira Cunha de um folheto de 1901 da série "Estatísticas e apontamentos", assinada pelo psiquiatra brasileiro Francisco Franco da Rocha (1864 – 1933). Para o ex-diretor do Hospício de São Paulo e fundador do Asilo Juquery, a histeria nada mais era do que "a exacerbação de traços tradicionalmente atribuídos à mulher normal", dentre os quais incluíam-se os predicados acima (Rocha *apud* Cunha, 2022, p. 224).

(Varikas, 2014, p. 54). Somada a outras operações, a exclusão legal das mulheres contribuía para a percepção generalizada do corpo feminino como degradado, indigno e essencialmente diferente, enfim, como uma “heterogeneidade impura e radical” (Varikas, 2014, p. 56). Para compreendermos os processos de instauração e manutenção dessa heterogeneidade, convocamos a discussão que Judith Butler desenvolve a partir da metáfora da abjeção, proposta por Julia Kristeva.

“O 'abjeto' designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente 'Outro'” (Butler, 2019, p. 226). Essa alteridade não está posta *a priori*, mas é estabelecida a partir do processo mesmo de ejeção. Os fluidos corporais, que antes circulavam silenciosamente pelos órgãos internos, sem despontar à percepção, passam a suscitar respostas viscerais, como asco e náusea. Ao demarcar uma oposição entre interno e externo, a abjeção, enquanto fenômeno psíquico, delimita tanto os limiões do corpo quanto os contornos do sujeito. Mais que uma afirmação da identidade pela instituição de uma existência outra, a abjeção é caracterizada por uma forte rejeição frente ao corpo expurgado, encarado como imundo ou poluente — “uma 'expulsão' seguida por uma 'repulsa'” (Butler, 2019, p. 227). A alteridade que emerge desse processo não é só distinta, mas profundamente inferior; “com efeito, é dessa forma que o *Outro* 'vira merda'” (Butler, 2019, p. 227).

A nível social, a operação excretora configura-se como “modelo pelo qual outras formas de diferenciação da identidade são praticadas” (Butler, 2019, p. 227). Isso explicaria o repúdio dirigido aos corpos que em função de seu gênero, por exemplo, desviam-se do referencial normativo. As margens para onde esses *Outros* são empurrados definem e protegem as identidades hegemônicas. A conservação dessa fronteira porosa, “tenuemente mantida para fins de regulação e controle sociais” (Butler, 2019, p. 227), assegura a estabilidade das hierarquias binárias, dentre elas a que define “homens” e “mulheres”.

Permeável, a fabricação de uma diferença radical acomoda contradições aparentes: assim como a Mulher foi convertida em uma “raça” ou uma espécie distinta, banida da unidade humana, sua presença era “condição de existência da comunidade” (Varikas, 2014, p. 56). Disso resulta uma posição ambígua, que oscila entre o dentro e o fora do corpo social. Além disso, enquanto a “natureza feminina” era definida como uma essência imutável, também era compreendida como algo passível de ser moldado — e, portanto, capaz de ser admitido ou tolerado, desde que certas condições fossem satisfeitas. Para Rousseau, por exemplo, a educação das moças deveria incutir-lhes um senso de vergonha e pudor, que garantisse sua castidade e, futuramente, sua fidelidade matrimonial. Interessante notar que o recato, aqui,

abandona a roupagem de um atributo inato, como vimos anteriormente, e assume-se como produto de um exercício disciplinar.

É nesse contexto que a Mulher se converte em um objeto de ampla intervenção médica. A apropriação do corpo feminino pelo saber-poder da Medicina é uma das estratégias de normalização dos corpos que enumera Foucault:

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, no campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização (Foucault, 1988, p. 115).

Para Barros e Flores (2019), a histerização configurou-se em um processo fundamental para a fixação de normas e para o constrangimento de corpos e condutas desviantes. O mesmo discurso médico que patologizava o corpo feminino também autorizava modos apropriados de se performar gênero. As mulheres que não se conformavam aos padrões normativos da “verdadeira Mulher” caíam em “uma rede discursiva que ensejava uma punição disfarçada de tratamento, ou um tratamento punitivo por estar contrariando sua própria natureza” (Barros e Flores, 2019, p. 261).

1.2.3. Discursos psiquiátricos

Vistas como vítimas da periodicidade, relatos clínicos associavam o adoecimento mental de mulheres a manifestações de seu aparelho reprodutor. Médicos defendiam que o útero as tornava mais suscetíveis à loucura ao interferir em seu “controle sexual, emocional e racional” (Appignanesi, 2011, p. 90). Crenças como essas orientaram a Psiquiatria emergente no final do século XVIII em direção a tentativas de regular, conter ou extirpar a sexualidade feminina. Tendo em vista esses objetivos, foram projetados instrumentos específicos, dentre eles uma ferramenta mecânica para a compressão dos ovários. Procedimentos cirúrgicos como a ovariectomia e a cauterização do clitóris tornaram-se mais difundidos e foram realizados em incontáveis mulheres (Grinker, 2021; Rago, 2013; Showalter, 1985). Quando dirigidas ao clitóris, as intervenções buscavam, principalmente, interditar a masturbação e controlar o

apetite sexual. Já as práticas de extração dos ovários estavam associadas a tentativas de conter os efeitos da menstruação.

A menarca, assim como a menopausa, era considerada um momento crítico. O médico inglês Edward Tilt (1815-1893) recomendava às mães adiar tanto quanto possível a primeira menstruação de suas filhas. Como método, sugeria que as meninas fossem mantidas na companhia de outras crianças, tomassem banhos frios e não comessem carne. Seus temores estavam associados aos impactos nocivos que as transformações fisiológicas da puberdade teriam sobre o cérebro feminino. Entretanto, passavam ao largo dos relatos clínicos as mudanças na forma como as meninas vitorianas eram socializadas a partir de sua primeira menstruação.

A menarca marcava a passagem para um outro tipo de existência — enquanto os meninos iam para a escola, as meninas eram confinadas ao espaço da casa. Seu ciclo de interações sociais tornava-se mais reduzido, seu comportamento era mantido sob constante vigilância e entretenimentos que antes lhe estavam disponíveis passam a ser vedados (Showalter, 1985). A entrada na puberdade era, enfim, o momento em que a experiência de vida da maioria das meninas era definitiva e abruptamente “apartada da experiência masculina pela educação e pelas convenções sociais” (Kehl, 2016, p. 57). Diante disso, é plausível concluir que as crises emocionais que os médicos eram chamados a sanar fossem precipitadas não pelo fluxo menstrual, mas por “conflitos de gênero e protestos contra a repressão sexual”⁵⁶ (Showalter, 1985, p. 57).

O fim da vida reprodutiva era concebido como tão perigoso para o estado mental feminino quanto o seu começo. Além disso, a sexualidade expressa por mulheres mais velhas era tratada como motivo de ridículo, principalmente quando eram solteiras. Quando casadas, aos maridos era recomendado refrear qualquer tipo de estímulo. Os psiquiatras (todos eles homens) descreviam os sintomas eróticos e nervosos da menopausa a partir de metáforas violentas — “a *morte* da faculdade reprodutiva” como uma “‘*revolução*’ na economia feminina”, que irrompia sob a forma de “*lutas* que implicam todos os órgãos e funções do corpo” e provocavam “um distinto *choque* no cérebro”⁵⁷ (Maudsley *apud* Showalter, 1985, p. 59, grifos nossos). A brutalidade da linguagem se estendia aos tratamentos sugeridos. As prescrições para “aliviar” as ondas de calor e, tacitamente, desencorajar o desejo, podiam incluir

⁵⁶ No original: “*Case histories of mental breakdown attributed to the biological stresses of puberty suggest both gender conflict and protest against sexual repression*”.

⁵⁷ No original: “*The death of the reproductive faculty*”, “‘*revolution*’ in the female economy”, “*a distinct shock to the brain*”.

“injeções de água gelada no reto, introdução de gelo na vagina e a aplicação de sanguessugas nos lábios genitais e no pescoço”⁵⁸ (Showalter, 1985, p. 75).

Se o ciclo menstrual era considerado debilitante ao ordenamento da mente das mulheres, a gravidez era significada como um estado puro, quase sagrado. Nas narrativas de vida que se colocavam como modelo a ser seguido e desejado, tornar-se mãe era o passo seguinte ao casamento, necessário para a realização plena do destino feminino (Kehl, 2016). Nesse sentido, os casos de mania puerperal eram particularmente perturbadores e afrontavam o imaginário idealizado em torno da maternidade. Nos asilos do século XIX, mulheres diagnosticadas com esse transtorno representavam entre 7 e 10% das internas. Sob o mesmo rótulo, encontravam-se reunidas pacientes que demonstravam um amplo espectro de sintomas: de quadros brandos e temporários de depressão a psicoses intratáveis, que podiam persistir durante toda a vida. Registros médicos documentavam “uma total negligência e, frequentemente, uma forte aversão à criança e ao marido”; “explosões de raiva, com gritos e violenta gesticulação”;⁵⁹ formas de se vestir desleixadas ou extravagantes; uso de vocabulário obsceno, incompatível com o decoro social e a moral religiosa; sexualidade exacerbada; masturbação; e, nos casos mais severos, ideações suicidas, tentativas de autoextermínio e de infanticídio (Bucknill e Tuke *apud* Showalter, 1985, p. 57 - 58). O elo comum entre todas essas ocorrências era a manifestação dos primeiros episódios no mês subsequente ao parto.

A principal tese médica sobre as causas da loucura puerperal, bastante difundida e aceita, convertia a doença em argumento: “a religião e os princípios morais dão força à mente feminina; quando estes são enfraquecidos ou removidos pela doença, os fogos subterrâneos tornam-se ativos e a cratera produz fumaça e chama”⁶⁰ (Bucknill e Tuke *apud* Showalter, 1985, p. 58). Mais uma vez, a loucura é definida como um produto infeliz da natureza da Mulher, como a irrupção das falhas que lhe seriam próprias. Tais interpretações desprezavam “tanto os problemas sociais das mães solteiras, abusadas e destituídas, quanto os choques, os ajustes e os traumas psicológicos decorrentes do papel maternal”⁶¹ (Showalter, 1985, p. 59). Showalter constata que o trágico desfecho do infanticídio era muito mais raro entre famílias de classes média e alta, cujas residências contavam com trabalhadores domésticos e amas de leite que

⁵⁸ No original: “[...] course of injections of ice water into the rectum, introduction of ice into the vagina, and leeching of the labia and the cervix”.

⁵⁹ No original: “a total negligence of, and often very strong aversion to, her child and husband”; “explosions of anger occur, with vociferations and violent gesticulations”.

⁶⁰ No original, “religion and moral principles alone give strength to the female mind; and that, when these are weakened or removed by disease, the subterranean fires become active, and the crater gives forth smoke and flame.”

⁶¹ No original, “[...] both the social problems of unmarried, abused, and destitute mothers and the shocks, adjustments, and psychological traumas of the maternal role”.

ajudavam a cuidar da casa e do recém-nascido — “como seria de se esperar, o assassinato de crianças era muito mais provável de acontecer em conjunção com ilegitimidade, pobreza e brutalidade”⁶² (Showalter, 1985, p. 59).

Figura 9 – A ala feminina no Hospital Bethlem, 1860. Coleção: *Bethlem Museum of the Mind*.



Fonte: *The New York Times*.⁶³

Além de intervenções cirúrgicas e prescrições, outra resposta terapêutica à loucura era o confinamento em hospitais, retiros e casas de repouso. Ali, as tentativas de controlar a fisiologia coexistiam com um rígido gerenciamento moral. Nos asilos ingleses da Era Vitoriana, tanto a arquitetura quanto a programação da vida diária estruturavam-se conforme as convenções de gênero. No caso das alas femininas, a decoração buscava emular as condições de domesticidade consideradas adequadas para a reabilitação das internas (Figura 9). Enquanto os pacientes homens podiam usufruir de atividades e passeios ao ar livre, a mobilidade física das mulheres era muito mais limitada. Os artefatos que elas tinham à disposição para se ocupar

⁶² No original, “as we would expect, child murder was much more likely to occur in conjunction with illegitimacy, poverty, and brutality”.

⁶³ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/09/30/arts/design/chains-whips-and-misery-studying-and-preserving-old-lunatic-asylums.html>>. Acesso em 11 mai. 2023.

eram “menos para o seu prazer do que para seu treinamento na disciplina da feminilidade”⁶⁴ (Showalter, 1985). Tanto os diagnósticos quanto o sucesso dos tratamentos eram medidos de acordo com a capacidade que elas demonstravam de manter o “decoro”, o que as levavam a ser constantemente monitoradas. Desvios do comportamento esperado motivavam punições severas — insubordinação às autoridades, falta de higiene e o uso de expressões chulas eram justificativas suficientes para banhos gelados, sedação e isolamento em celas acolchoadas, castigo a que eram submetidas em frequência até cinco vezes superior se comparada com os internos homens.

As tentativas de conformar as pacientes aos padrões generificados estendiam-se à regulação de suas aparências. Os médicos impunham como critério as expectativas que eles mesmos tinham de como uma mulher deveria se parecer. O psiquiatra inglês John Connolly (1794-1866) preocupava-se especialmente com as internas de cabelos curtos, entendendo-as como negligentes e contrárias à própria “natureza”. A assimilação de parâmetros como esse pela interna era encarada como indício objetivo de recuperação. Na sequência de retratos abaixo (Figura 10), acompanhamos um processo de cura da mania puerperal. Nota-se que a indumentária e o comprimento do cabelo são os principais traços que sinalizam o progresso do tratamento.

Figura 10 – Quatro estágios da mania puerperal. Desenho a partir de foto de Hugh Welch Diamond, 1856.



Fonte: *Wellcome Collection*.⁶⁵

⁶⁴ No original, “[...] were less for the patients’ pleasure than for their training in the discipline of femininity.”

⁶⁵ Disponível em: <<https://wellcomecollection.org/works/hbqeamrf>>. Acesso em 11 mai. 2023.

Até meados do século XIX, os residentes dos asilos ingleses eram predominantemente homens. Um estudo de 1845 indicava que, no Retiro de York, o número de homens era cerca de 30% maior que o número de mulheres. Mas, em menos de três décadas, tal distribuição foi alterada. Em 1872, mais de 54% das pessoas internadas na Inglaterra eram mulheres. A partir de 1890, a presença feminina superava a masculina em todas as instituições psiquiátricas do país, públicas e privadas, com exceção apenas daquelas voltadas para a detenção dos “criminosos insanos” (Showalter, 1985).

Depois de mais de meio século de intensiva produção cultural que estigmatizava as mulheres como criaturas “movidas por instinto e predispostas ao adoecimento mental”⁶⁶ (Grinker, 2021, p. 57), a mudança nas representações estatísticas serviu para confirmar as hipóteses que o próprio imaginário da época cristalizou. Neste discurso, causa e efeito se confundem, como comenta Yvonne Knibiehler:

Além da gravidez e do parto, a puberdade e a menopausa constituem também, a partir de então, provocações mais ou menos perigosas, e as menstruações, feridas dos ovários, abalam, diz-se, o equilíbrio nervoso. Todas as estatísticas provam, com efeito, que as mulheres sofrem, no século XIX, de uma morbidez e de uma mortalidade superior às dos homens. A opinião pública e numerosos médicos incriminam a “fraqueza” da “natureza feminina”: “causa” biológica, suposta eterna e universal, que se arriscava a alimentar um fatalismo insuperável (Knibiehler, 1990, p. 361).

No século XIX, quando a Modernidade havia consolidado seus padrões estruturantes, “uma criatura muito estranha, complexa emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante” (Woolf, 2004, p. 56). A busca por realização individual, a crença no livre-arbítrio e o desejo de fazer da própria biografia uma aventura são alguns dos projetos de vida disponíveis ao homem burguês. Mesmo que não fossem endereçados às mulheres, esses valores chegavam até elas através de textualidades circulantes à época, principalmente pela via da Literatura, que consumiam “entre um parto e outro, entre as saídas e as chegadas dos maridos” (Kehl, 2016).

Em contraste com a estreiteza das experiências que lhes eram permitidas, as mulheres sonhavam com narrativas ambientadas na vida pública; projetavam-se nas heroínas românticas, responsáveis por traçar o seu próprio destino; e identificavam-se com anseios de autonomia que, na prática, eram-lhes interditados. O fenômeno que Kehl descreve como “uma enorme inflação do imaginário” (Kehl, 2016, p. 103) refere-se a um desajuste entre as possibilidades de identificação aspiradas e “as duras arestas que pautavam a vida social” das mulheres (Kehl, 2016, p. 103). O devaneio era, para a vasta maioria delas, o único escape possível para a

⁶⁶ No original: “*as driven by instinct and predisposed to mental illness*”.

satisfação de suas fantasias. É nesse contexto que a anorexia, a neurastenia e, em especial, a histeria tornaram-se epidêmicas (Showalter, 1985).

Ainda que os psiquiatras estivessem cientes das restrições que o “papel feminino” impunha, prevalecia a explicação de que a histeria resultava exclusivamente de impulsos sexuais e maternos não satisfeitos. Como aponta Showalter, era mais fácil culpar a frustração sexual do que confrontar a repressão intelectual, imposta pela educação; a privação de mobilidade, decorrente da reclusão ao espaço doméstico; e as reivindicações por autonomia e autoexpressão, ambas sufocadas pelo poder patriarcal.

Outro aspecto que marcava o tratamento da histeria era o desafio que as pacientes impunham à autoridade médica. Encaradas como “poderosas antagonistas”, elas desorganizavam a rotina e as hierarquias familiares. Quando adoeciam, “não mais interpretavam o papel da filha ou esposa abnegada”⁶⁷, mas, ao contrário, passavam a desfrutar de cuidados constantes e eram dispensadas de deveres domésticos e conjugais (Showalter, 1985, p. 133). Os psiquiatras suspeitavam que, na verdade, as histéricas estavam fingindo os sintomas para usufruir da liberdade e do poder que o tratamento ao menos momentaneamente lhes conferia. A suposição de que estavam sendo manipulados a assumir o papel de cúmplices justificava um tratamento implacável, “um microcosmo da guerra sexual destinada a estabelecer a autoridade total do médico homem”⁶⁸ (Showalter, 1985, p. 137). Extremamente punitivas, as intervenções combinavam o gerenciamento moral a ataques diretos ao corpo. Além de intimidação e ameaças, os tratamentos sugeridos incluíam a produção repentina de sensações dolorosas através de procedimentos como atirar um balde de água fria na cabeça, “comprimir o nervo supra orbital, impedir a paciente de respirar, estapear a cara e o pescoço com toalhas molhadas e exercer pressão sobre alguma ‘área sensível’”⁶⁹ (Ormerod *apud* Showalter, 1985, p. 138).

⁶⁷ No original: “*when the hysterical woman became sick, she no longer played the role of the self-sacrificing daughter or wife*”.

⁶⁸ No original: “*a microcosm of the sex war intended to establish the male doctor's total authority*”.

⁶⁹ No original: “*pouring water on the head, compressing the supraorbital nerve, stopping the patient's breathing, slapping the face and neck with wet towels, and exercising pressure 'on some tender area'*”.

1.2.4. Considerações até então

Nas últimas páginas, procuramos apreender as textualidades que historicamente vinculam “Mulher” e “Loucura” no imaginário ocidental. A partir dos trabalhos de Elaine Showalter (1985), Jane Kromm (1994), Eleni Varikas (2014) e Maria Rita Kehl (2016), nosso esforço foi o de buscar mapear os componentes políticos, sociais e culturais que participaram do entrelaçamento dessas duas categorias. Embora o trajeto que fizemos até aqui mereça ser ampliado e aprofundado, a essa altura já conseguimos situar com mais precisão nossa posição analítica. Por exemplo, para Grinker (2021), os aspectos que particularizam o estigma do adoecimento mental seriam o sentimento de vergonha, a atmosfera de segredo e as tentativas de encobrimento da condição: “reconheci então até que ponto nossa sociedade tornou as condições psiquiátricas assustadoras e vergonhosas, uma doença dupla: primeiro, o próprio padecimento, e, segundo, o julgamento negativo da sociedade” (Grinker, 2021, p. 15).⁷⁰ Embora tais disposições possam estar presentes, o percurso que buscamos organizar neste capítulo sugere que ordenamentos de gênero são decisivos para essa produção de sentidos.

Submetida ao olhar masculino, a figura da mulher louca é convertida em objeto de apreciação exótica, voltado ao desejo de dominação sexual (Kromm, 1994). Por outro lado, sua sexualidade é sistematicamente depreciada e patologizada, convertendo-se em alvo de intervenções morais, clínicas e cirúrgicas. Outro componente constitutivo é a tensão entre a fragilidade, tradicionalmente atribuída às mulheres, e a percepção de perigo que a condição psiquiátrica, em suas diferentes formas, pode instaurar. Ora a paciente mental apresenta-se como vítima das debilidades de seu próprio corpo, inspirando cuidados paternalistas; ora atemoriza pela imprevisibilidade de seus atos. Sua alteridade é conformada, desse modo, nos limiares entre desejo e repulsa, entre condescendência e apreensão.

Para caminharmos para um desfecho temporário dessa enumeração, gostaríamos de comentar um último aspecto que nos parece fundamental. Como demonstram os textos clínicos sobre a histeria, a fala de mulheres marcadas pelo rótulo da loucura é recorrentemente posta em xeque. Qualificadas como atrizes carentes de atenção (Showalter, 1985), a suspeita que circunscreve o regime de apreensão de seus relatos se estende a seus sintomas. Assim, o que instaura a dúvida não é só a profundidade do delírio, mas também a possibilidade de falseamento. Diante dessa discussão, podemos nos valer da amplitude semântica que o termo

⁷⁰ No original: “I recognized then the extent to which our society had made psychiatric conditions frightening and shameful, a double illness: first, the ailment itself, and second, society’s negative judgment”.

descrédito insinua na teoria de Goffman: na estigmatização de pacientes e ex-pacientes psiquiátricos, a perda de crédito, no sentido de prestígio social e de *status*, é acompanhada pelo abalo irreversível de sua *credibilidade* — é também o seu dizer que é destituído de valor.

2. TECER O FENÔMENO

Desde as primeiras formulações do problema de pesquisa, pretendíamos nos aproximar das reverberações midiáticas da contestação pública da curatela de Britney Spears como de um campo privilegiado de emergências textuais, a partir do qual poderíamos observar as dinâmicas comunicacionais, representacionais e discursivas constituídas pelos entrelaçamentos entre gênero e loucura.

Orientados por esse objetivo, desde 2020 até agora buscamos acompanhar as ocorrências relacionadas a Britney Spears e ao movimento de contestação pública de sua curatela, o “*Free Britney*”, através de mecanismos de pesquisa e de redes sociais. Depois de fazer um cadastro no *Google Alerts*, passamos a receber por e-mail um compilado semanal de notícias relacionadas à diva *pop*. Também seguimos as contas da cantora, de seus familiares mais próximos e de algumas bases de fãs, no *Twitter* e no *Instagram*. Com o auxílio dessas ferramentas, conseguimos acompanhar os eventos mais recentes ligados à sua figura, mas, diante do imenso volume de informações gerado, por muito tempo nosso contato com essas textualidades se pareceu mais com o ato de encarar uma série de fotografias aéreas do que com um trabalho de campo. Até certo ponto, adiar uma aproximação era uma tentativa de resistir à urgência de estabilizar um entendimento. Antes de empreender uma imersão por esse material, procuramos entrar em contato com o pensamento de autoras e autores que se debruçaram, em algum momento de suas produções, sobre temáticas transversais a nosso interesse de pesquisa. Nossa intenção era poder qualificar o problema antes de criar estratégias mais definitivas de apreensão.

Contudo, mesmo em uma observação mais superficial, alguns textos despontavam em nosso campo de visão. Aqui nos lembramos do conceito da “solicitação”, descrito por Antoine Compagnon (1996). Segundo o autor, a solicitação seria uma “figura iniciatória”, capaz de nos ligar aos textos antes mesmo de um esforço mais detido de significação (p. 28). Inseparável do sentido, essa força convocatória emergiria do ato de leitura, de uma experiência de linguagem atravessada pelas paixões que desperta. Mais adiante, é muito provável que consideremos em nossas análises os componentes passionais da empiria. Talvez não fosse preciso, mas o que gostaríamos de sublinhar é que o movimento investigativo não nos torna imunes a como essas leituras nos chamam, nos perturbam e nos afetam.

Começamos a discernir, ainda imaginativamente, possíveis campos de investigação em meio à paisagem textual heterogênea. Porém a escala desse mapa se tornava cada vez mais

insustentável, com um desejo de detalhamento e de abrangência que não caberiam nos limites deste projeto. O próximo passo que se insinuava seria o de delimitar um perímetro, mas, se essa parecia ser uma tarefa simples, logo nos vimos em um ciclo de idas e vindas, tentando antever o que restaria de diferentes operações de subtração. Recorremos mais uma vez a Compagnon, que descrevia um tipo de impaciência muito parecido com o que começávamos a experimentar:

Não sei ler as instruções, mas tenho-as no sangue, a paixão do recorte, da seleção e da combinação. Meu gesto desejaria ser minucioso; ponho-me a seguir o contorno das figuras, um traço negro em volta do corpo. Mas o recorte é de todos os jogos aquele que mais me deixa nervoso: serro os punhos, bato o pé, rolo pelo chão. Sapateio de raiva quando as coisas me põem resistência, quando se recusam a submeter-se à minha vontade, rebeldes que são a se deixarem representar em meu recorte, em meu modelo de universo (Compagnon, 1996, p. 10).

Valendo-se de metáforas relacionadas à colagem, com papel e tesoura, Compagnon descreve a leitura como um ato que envolve explodir, desagregar e dispersar o texto, objeto primeiro, para então remontá-lo em outros arranjos, em uma operação que é a um só tempo de depredação e de apropriação: “o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: releio. [...] O fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso” (Compagnon, 1996, p. 13).

Na perspectiva teórico-metodológica que estamos adotando, já estávamos mesmo dispostos a tomar o próprio fenômeno como texto (ou textualidade) e o movimento de pesquisa como um ato de leitura. Mas o que nos pareceu ainda mais potente nessa analogia é perceber que podemos considerar a composição do objeto empírico não apenas por sua incompletude em relação a um referente inalcançável — “colar novamente não recupera jamais a autenticidade” (Compagnon, 1996, p. 10) — mas como um gesto inventivo de tecitura, com todas as marcas que lhe são inerentes. Em lugar de impor uma geometria plana e regular sobre a superfície das vistas que vínhamos observando até então, começamos a percorrê-las, traçando linhas por diferentes camadas de sentido.

2.1. Território, mídia e veículo

A primeira dimensão de que vamos tratar, que provisoriamente denominamos territorial-midiática, estava presente desde nossas formulações iniciais do projeto de pesquisa: “analisar os entrelaçamentos sociodiscursivos entre gênero e loucura na cobertura do ‘*Free Britney*’ pela imprensa brasileira”. Entendemos que o poder de afecção de Spears enquanto celebridade proeminente na cena *pop* mobiliza públicos transnacionais e ativa um senso de comunidade que supera “territorialidades [e] marcas de línguas diferentes, mas existe diante de uma marca simbólica ancorada no midiático” (Soares, 2014, p. 9). Tendo isso em vista, interessa-nos discutir os valores e os agenciamentos postos em circulação por textos inscritos no cotidiano e apresentados como “isentos” e “objetivos”. Sabemos que essa suposta objetividade é uma fabricação engendrada por efeitos de linguagem e que, como lembra Diana Luz Pessoa de Barros (2005), “a enunciação, de todo modo, está lá, filtrando por seus valores e fins tudo o que é dito” (p. 54).

Após algumas primeiras investidas sobre a empiria, no entanto, percebemos que essa definição ainda era muito abrangente, se tomássemos apenas ela como diretriz de seleção. Assim, para delimitar um pouco mais, propomos focalizar os esforços sistemáticos de coleta em um veículo específico: o *F5*, subdomínio do site da *Folha de S. Paulo* voltado para a publicação de conteúdos relacionados a entretenimento, celebridades e cultura *pop*. De acordo com levantamento de audiência realizado pela *ComScore* — empresa estadunidense especializada em análise de tráfego —, em 2022 o portal de notícias da *Folha*, de modo geral, foi um dos dez mais acessados da categoria no Brasil.⁷¹ Em auditorias realizadas pela mesma empresa em 2020⁷² e em 2021,⁷³ ele também ocupou as três primeiras posições do segmento no que diz respeito a métricas como “páginas visualizadas”, “visitantes únicos” e “tempo de leitura”. Em apurações do Instituto Verificador de Circulação (IVC) em 2019⁷⁴ e em 2020⁷⁵, a

⁷¹ *Ranking* disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-chega-ao-2o-lugar-dos-portais-de-noticias-mais-acessados-do-pais#:~:text=Segundo%20a%20Comscore%2C%20o%20Metr%C3%B3poles,primeiro%20colocado%2C%20com%2060%20milh%C3%B5es>>. Acesso em 20 set. 2022.

⁷² Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/dados-de-audiencia-do-1o-trimestre-reafirma-lideranca-da-folha.shtml>>. Acesso em 20 set. 2022.

⁷³ *Ranking* disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impreso-cai-13-digital-sobe-6>>. Acesso em 20 set. 2022.

⁷⁴ Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/folha-cresce-e-lidera-circulacao-entre-jornais-do-pais-em-2019.shtml>>. Acesso em 20 set. 2022.

⁷⁵ Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/folha-chega-aos-100-anos-com-lideranca-digital-consolidada.shtml>>. Acesso em 20 set. 2022.

Folha aparece ainda como o jornal nacional de maior circulação na audiência paga, levando-se em conta número de assinantes e exemplares vendidos. Essa posição foi atingida sobretudo pela média mensal de assinaturas digitais, que dão acesso irrestrito aos conteúdos de toda a plataforma, incluindo aqueles publicados no *F5*.

Mas, mais que seu alcance, o principal ponto que nos levou a escolher o *F5* como ponto de partida para nossa primeira etapa de coleta foi a cobertura vasta e diversificada de episódios relacionados a Britney Spears. Constatamos que todas as ocorrências assinaladas mais adiante em nossa linha do tempo (ver Figura 12, na p. 59) foram pautadas pelo veículo, o que não verificamos em outros portais de notícia, como o *GI* do Grupo Globo. Além disso, no *F5* detectamos a associação de conteúdos sobre o “*Free Britney*” a diferentes editoriais e seções (ver Quadro 2, na p. 61), como “Celebidades”, “Música”, “Cinema”, “Ilustrada” e “FolhaJus”, esta última voltada para notícias do cenário jurídico. Parece-nos instigante observar que sedimentos de significação essas diferentes abordagens podem depositar sobre os textos.

Por fim, o funcionamento do portal atende a necessidades de ordem mais prática. Utilizamos a ferramenta de busca do próprio site para localizar resultados através da combinação de dois tipos de indexador: o primeiro deles é a presença de uma expressão-chave no corpo dos textos, que no nosso caso definimos ser “Britney Spears”; o segundo é o intervalo de tempo, considerando-se as datas de publicação das postagens. Como veremos em breve, a sobreposição desses dois critérios será estratégica para nossas análises. Apesar de parecer simples, encontramos tal recurso apenas nos subdomínios da *Folha* e no *GI*, este último preterido pelos motivos já expostos. Outros portais de notícia dentre os mais acessados no Brasil,⁷⁶ — como *UOL*, *Terra*, *R7* e *Metrópole* — não oferecem mecanismos nativos para entrecruzar esses dados. Recorremos ainda a ferramentas de busca externas, como *Google* e *Yahoo*, mas mesmo depois de uma leitura cuidadosa da documentação disponibilizada pelas plataformas⁷⁷ não conseguimos realizar pesquisas que filtrassem simultaneamente por expressão-chave e intervalo de tempo personalizado em um ou mais sites específicos. Como alternativa, em conversa com desenvolvedores levantamos que seria tecnicamente viável criar uma *API*⁷⁸ para tal função, uma vez que os operadores lógicos que queríamos sobrepor estavam

⁷⁶ Segundo o *ranking* da *Comscore* de 2022, disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-chega-ao-2o-lugar-dos-portais-de-noticias-mais-acessados-do-pais#:~:text=Segundo%20a%20Comscore%2C%20o%20Metr%C3%B3poles,primeiro%20colocado%2C%20o%2060%20milh%C3%B5es>>. Acesso em 20 set. 2022.

⁷⁷ Disponível em <<https://support.google.com/websearch>> e em <https://br.busca.yahoo.com/web_br/advanced>. Acesso em 9 set. 2022.

⁷⁸ A tradução do termo *API* corresponde a “Interface de Programação de Aplicação”. Trata-se de um conjunto de definições e protocolos para integrar funcionalidades de outras aplicações pré-existentes.

inscritos na estrutura dos conteúdos. Porém, logo descartamos essa possibilidade, uma vez que tanto os custos quanto os prazos de implementação não seriam adequados ao escopo deste trabalho.

2.2. Acontecimento, tempo e narratividade

A princípio, esperávamos que a referência ao movimento “*Free Britney*” pudesse oferecer um critério estável e auto evidente para a delimitação do fenômeno, mas, quanto mais avançávamos nas investigações, mais difusos pareciam ser os seus contornos.

Em 2007, quando Britney foi qualificada por diferentes meios de comunicação como “insana”,⁷⁹ “histórica”⁸⁰ e em “colapso”,⁸¹ alguns de seus fãs já performavam demonstrações públicas de solidariedade, mas à época posicionamentos como esses eram minoritários e até constrangidos. Uma das mais memoráveis dessas manifestações partiu de uma fã em transição de gênero. Ela mesma vítima de *bullying* e de ameaças transfóbicas, Cara Cunningham gravou um vídeo em que demonstrava forte identificação com o assédio sofrido por Britney — “eu sei que é difícil imaginar Britney como um ser humano, mas, acredite, ela é uma pessoa como eu e você”, declarava e, às lágrimas, concluía com um apelo: “*leave Britney alone!*” (“deixem Britney em paz!”). Com dois milhões de visualizações nas primeiras duas horas após sua publicação, o vídeo foi compartilhado, remixado e parodiado milhares de vezes, tornando-se alvo de escárnio.⁸²

Ainda que neste momento já fosse possível antever as bases que levariam à mobilização massiva de fãs e apoiadores mais de uma década depois, a expressão “*Free Britney*” só foi cunhada como palavra de ordem dois anos mais tarde. Em 2009, uma pequena campanha com

⁷⁹ Na capa da revista *Star* de 21 de janeiro de 2008, lia-se a chamada: “***Insane!*** Inside Britney’s tragic freefall into ***madness***” (grifos nossos).

Disponível em <<https://ist3-6.filesor.com/pimpandhost.com/1/ / / /1/4/v/5/g/4v5gk/starcover-174a.jpg>>. Acesso em 11 fev. 2022.

⁸⁰ No corpo de texto publicado pela Agência Reuters em 31 de janeiro de 2008, lia-se “*Spears was first hospitalized for two days on January 3 after apparently locking herself in a bathroom in hystercis*” (grifo nosso).

Disponível em <<https://www.reuters.com/article/us-spears-hospital-idUSN3128619820080131>>. Acesso em 11 fev. 2022.

⁸¹ Na capa do tabloide britânico de *Daily Mirror*, encontramos a manchete: “***MELTDOWN*** — Britney ***explodes with rage*** [...]” (grifos nossos). Disponível em:

<[https://www.nzherald.co.nz/resizer/k5jtD1P4t90_8uiAY4jEcytnIow=/576x749/smart/filters:quality\(70\)/cloudfront-ap-southeast-2.images.arcpublishing.com/nzme/TN3R6R5NJKFYAQLUC5MCSD6WQ.jpg](https://www.nzherald.co.nz/resizer/k5jtD1P4t90_8uiAY4jEcytnIow=/576x749/smart/filters:quality(70)/cloudfront-ap-southeast-2.images.arcpublishing.com/nzme/TN3R6R5NJKFYAQLUC5MCSD6WQ.jpg)>. Acesso em 11 fev. 2022.

⁸² Fonte: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/14/video-leave-britney-alone-feito-por-fa-da-cantora-e-vendido-como-obra-nft.ghtml>>. Acesso em 11 fev. 2022.

esse título foi iniciada pelo site *BreatheHeavy.com*⁸³ para questionar as restrições impostas à cantora, àquela altura já sob a tutela do pai. No entanto, as preocupações então levantadas não obtiveram projeção suficiente para ultrapassar os circuitos limitados ao *fandom*.

Só em 2019, quando uma série de eventos⁸⁴ acentuou ainda mais as suspeitas dos fãs de que a diva estaria sendo explorada por sua família, o *Free Britney* ganhou alcance e adesão, figurando entre os assuntos mais comentados no *Twitter*. Manchetes sobre o movimento — inicialmente pautado apenas por revistas *people*,⁸⁵ tabloides e seções de entretenimento — passaram a ser tratadas com uma abordagem mais investigativa e a ocupar posições de destaque em canais jornalísticos mais prestigiados.

Nesta breve retomada, já levantamos três datas que poderíamos eleger como marco inicial para observar as mobilizações de apoio a Britney. No entanto, parece-nos estratégico considerar ainda um quarto acontecimento: o depoimento da cantora à Corte de Los Angeles, em 23 de junho de 2021.⁸⁶ Aberto ao público e amplamente reverberado, seu relato deu concretude às denúncias sustentadas pelos fãs, antes tidas como especulativas, duvidosas ou mesmo conspiratórias. Durante a audiência, ela narrou, por exemplo, ter sido internada e obrigada a tomar medicamentos psicotrópicos mais intensos do que aqueles com que estava habituada como punição por ter se recusado a seguir com sua última turnê em Las Vegas, sugestivamente intitulada *Domination*.

Desde então, vemos uma maior inserção das pautas do “*Free Britney*” em meios de comunicação nacionais de grande porte. Exemplo disso é a exibição de uma matéria de sete minutos sobre a disputa em torno da curatela no programa *Fantástico*,⁸⁷ da TV Globo. Além disso, o teor do pronunciamento juramentado da cantora contribuiu para reativar discussões atreladas às temáticas que nos interessam.

Por todas essas razões, tomamos este acontecimento como referência para traçar nosso eixo temporal. Mas até onde deveríamos avançar? Para guiar essa escolha, fizemos uma consulta ao *Google Trends* — ferramenta que permite visualizar a frequência com que um termo é procurado nos mecanismos de busca da *Google*. A plataforma permite, dentre outros recursos, indicar um intervalo de tempo e uma localização geográfica. Como produto, gera gráficos que representam as oscilações do interesse de pesquisa em uma escala de zero a cem: “cada ponto

⁸³ Fonte: <<https://www.nytimes.com/2019/05/17/arts/music/britney-spears-conservatorship-mental-health.html>>. Acesso em 11 fev. 2022.

⁸⁴ Descritos na seção 3.2.3 do presente trabalho.

⁸⁵ Chamamos de “revistas *people*” a imprensa especializada na cobertura e na produção de narrativas ao redor da vida das celebridades (Dakhli, 2014).

⁸⁶ Disponível na íntegra no Anexo H.

⁸⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9639973>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

de dados é dividido pelo total de pesquisas da geografia e do intervalo de tempo que representa para se comparar a popularidade relativa. [...] Os números resultantes são, em seguida, dimensionados num intervalo de 0 a 100 com base na proporção de um tópico em relação a todas as pesquisas em todos os tópicos”.⁸⁸

Levando em conta que o depoimento da cantora foi agendado conforme os trâmites de uma ação judicial, constatamos que o episódio começou a ser pautado antecipadamente pela imprensa, a alguns dias de sua realização. Por isso, como data inicial da nossa consulta ao *Google Trends* definimos o domingo anterior, dia 20 de junho de 2021. Quanto à data final, assinalamos o dia 24 de setembro de 2022, véspera da realização dos procedimentos aqui detalhados. Já para o termo chave optamos mais uma vez pela expressão “Britney Spears”. Como alternativa, poderíamos ter escolhido “*Free Britney*” ou “*#FreeBritney*”. No entanto, considerando o horizonte temporal com que estamos trabalhando, entendemos que mesmo buscas que não fizeram menção expressa ao movimento ou à *hashtag* poderiam ter sido motivadas pelas últimas ocorrências ao redor da diva *pop*. Por último, restringimos a localização das pesquisas ao Brasil, de acordo com as marcações territoriais estabelecidas (Figura 11).

Figura 11 – Registro da consulta ao *Google Trends*.



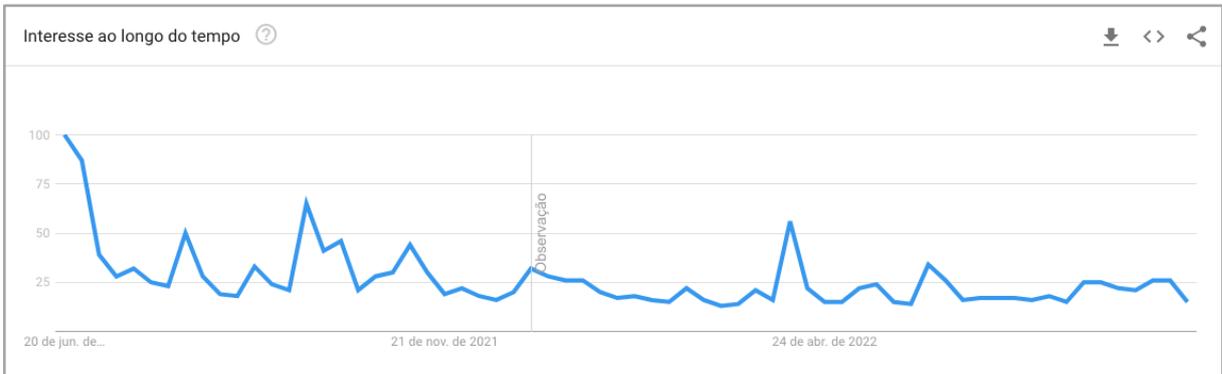
Fonte: Composição da autora.

Segundo esses parâmetros, a aplicação gerou o gráfico mostrado a seguir (Gráfico 1). Ao visualizar as oscilações ao longo do período selecionado, optamos por considerar os picos de interesse público iguais ou superiores ao valor de 40. A partir desse critério, foram

⁸⁸ Informações extraídas de documentação disponível em <<https://support.google.com/trends/answer/4365533?hl=pt-BR>>. Acesso em 5 set. 2022.

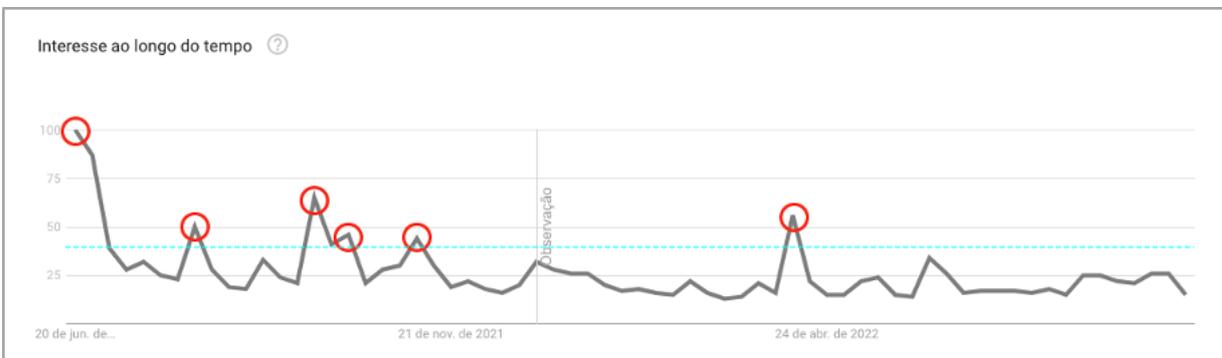
destacadas as semanas dos dias 20/6, 27/6, 8/8, 3/10, 10/10 e 7/11 do ano de 2021, além da semana do dia 10/4/2022, como indicado no Gráfico 2.

Gráfico 1 – Gráfico de interesse de pesquisa pelo termo “Britney Spears” no Brasil, de 20/06/2021 a 24/09/2022.



Fonte: Google Trends.⁸⁹

Gráfico 2 – Marcação dos picos de interesse (em vermelho) iguais ou superiores ao valor de 40, a partir do Gráfico 1.

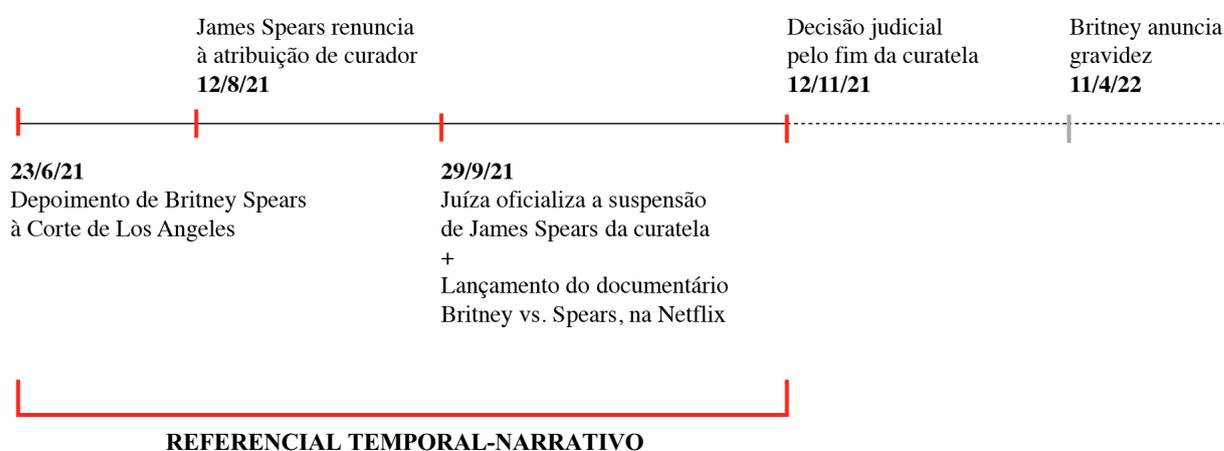


Fonte: Composição da autora.

Para rastrear os eventos que teriam feito vir à tona cada um dos pontos de emergência assinalados, utilizamos a ferramenta *Google Notícias*. As correlações realizadas nesta etapa permitiram esquematizar uma linha do tempo (Figura 12).

⁸⁹ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2021-06-20%202022-09-24&geo=BR&q=Britney%20Spears>>. Acesso em 9 set. 2022.

Figura 12 – Linha do tempo de eventos relacionados a Britney Spears, a partir de junho de 2021.



Fonte: Composição da autora.

Percebemos que, mesmo depois de meses a contar do fim da curatela, as textualidades que envolvem o “*Free Britney*” continuam ativas. Novos detalhes enriquecem versões anteriores; punições ou recompensas ainda são distribuídas; e mesmo episódios aparentemente independentes estabelecem com os demais um vínculo de sentido. Entretanto, não seria viável lidar com o volume textual veiculado ao longo de todo esse período. Por essa razão, propomos restringir a coleta até a semana do dia 12 de novembro de 2021, quando o Tribunal Superior do Condado de Los Angeles decidiu encerrar a interdição de Britney.

Ao longo desse intervalo — de 20/6 a 13/11/2021 —, há uma transformação bem demarcada das relações entre sujeitos e objetos. Em uma leitura preliminar, conseguimos antever diferentes percursos de um esquema narrativo,⁹⁰ com as fases de manipulação, competência, performance e sanção mais ou menos definidas. Também vislumbramos alguns actantes recorrentes, que à primeira vista parecem alternar papéis e posições.

⁹⁰ Descreveremos os operadores analíticos aqui mencionados no próximo capítulo.

2.3. Levantamento inicial

Figura 13 – Registro de busca realizada no portal *Folha de S. Paulo*.



Fonte: Composição da autora.⁹¹

A partir da combinação dos procedimentos descritos, iniciamos a coleta. Começamos desde então a notar algumas recorrências e nuances. Na Figura 13, registramos os dois primeiros resultados da busca pelo termo “Britney Spears” na semana de 20 a 26/6/2021. Observamos que todos dois trazem retratos distintos da cantora, mas com uma gestualidade bastante parecida: em posições ligeiramente diferentes, vemos a diva sorrindo e acenando em direção a um extracampo fotográfico. Logo acima de seu rosto, enquadrado bem de perto, lemos o rótulo da seção editorial “F5 – Celebidades” e, à direita de cada foto, títulos que começam com seu nome. Em um corpo de fonte menor, os dois trechos destacados fazem menção também a seu pai, Jamie Spears, e à “disputa legal que existe desde que a cantora se livrou da tutela dele”. Em contradição com o que o texto visual sinaliza, as figuras que revestem a narrativa verbal são marcadas por “muita rusga” e “muita mágoa”.

Apesar das várias similaridades, as chamadas para cada um dos resultados são orientadas por apelos diversos: na que está mais abaixo, a tentativa de um acordo judicial ocupa a centralidade do enunciado; já na outra, é convocado um dos abusos que Britney declarou sofrer. A manchete “Britney Spears lembra que seguranças a viam nua e tomando banho” ajuda

⁹¹ Ferramenta de busca disponível em <<https://search.folha.uol.com.br>>. Acesso em 21 jul. 2022.

a contextualizar o que seria motivo para o conflito com seu pai, mas, muito mais que um papel informativo, tal formulação mobiliza os enunciatórios pelo choque e pela curiosidade. Ao extrair e enfatizar essa dentre todas as outras denúncias da cantora, o título não deixa de explorar o seu sofrimento e expor novamente o seu corpo, agora ao escrutínio público e midiático.

Enquanto anotávamos essas e outras impressões, concluímos os procedimentos que nos permitiram pré-selecionar um total de 52 unidades textuais. No entanto, com a amostra em mãos, percebemos que alguns textos destoavam do conjunto geral. A identificação dessas diferenças produziu mais alguns critérios eliminatórios, enumerados no Quadro 1. O produto de todo o percurso de seleção encontra-se sumarizado no Quadro 2.

Quadro 1 – Critérios de exclusão dos materiais pré-selecionados.

Critérios eliminatórios	Descrição
(1)	Conteúdo produzido prioritariamente para divulgação em redes sociais, no formato de <i>web stories</i> .
(2)	Resumos diários, colunas semanais e/ou outros compilados que não focam exclusivamente discussões relacionadas a Britney Spears.
(3)	Britney Spears é citada no corpo do texto, mas não é o assunto central pautado.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 2 – Seleção de materiais para entrada de análise.

Veículo: F5 – Folha de São Paulo (https://f5.folha.uol.com.br)				
Semana	Editoria	Título	Status	Anexo
20/6 a 26/6/2021	Celebridades	Britney Spears pede desculpas por fingir que estava bem: ‘Fiquei com vergonha’	Incluído	A.1
	Celebridades	Justin Timberlake é criticado por fãs de Britney Spears após apoiá-la	Incluído	A.2
	Celebridades /FolhaJus	Britney Spears: as explosivas declarações da cantora em julgamento sobre sua tutela	Incluído	A.3
	Agora	Luciano Szafir volta a se infectar com a Covid-19	Eliminado (2)	—
	Celebridades /FolhaJus	Britney Spears diz que tutela é desmoralizante: ‘Quero minha vida de volta’	Incluído	A.4

Veículo: F5 – Folha de São Paulo (https://f5.folha.uol.com.br)				
Semana	Editoria	Título	Status	Anexo
	Celebridades	Depoimento de Britney Spears sobre a tutela do pai é cercado de mistérios	Incluído	A.5
	<i>Web Stories</i>	A trajetória de Britney Spears	Eliminado (1)	—
	Música	Britney Spears diz que vivia com medo e era forçada pelo pai a trabalhar	Incluído	A.6
	Ilustrada	Por que o <i>queernejo</i> , a promessa de um sertanejo gay, nunca chegou a decolar	Eliminado (3)	—
	Ilustrada	Artistas indígenas ganham protagonismo no circuito e terão peso inédito na Bienal	Eliminado (3)	—
27/6 a 3/7/2021	Celebridades	Britney Spears: Empresa pede para deixar tutela financeira da cantora	Incluído	B.1
	Celebridades	O uso forçado de contraceptivos declarado por Britney Spears é legal?	Incluído	B.2
	Celebridades /FolhaJus	Britney Spears: por que Justiça decidiu manter cantora tutelada pelo pai	Incluído	B.3
	Celebridades	Pai de Britney Spears permanecerá como tutor da cantora, segundo decisão judicial	Incluído	B.4
	Celebridades /FolhaJus	Pai de Britney Spears acusa tutora da artista de a impedir de tomar decisões	Incluído	B.5
	Agora	Mãe de Paulo Gustavo celebra o dia do Orgulho LGBTQIA+	Eliminado (2)	—
	Celebridades	Irmã de Britney Spears diz ter orgulho da cantora por ter se pronunciado	Incluído	B.6
	Celebridades	Ex-marido de Britney Spears afirma querer cantora ‘feliz e saudável’	Incluído	B.7
	Agora	Nanda Costa e Lan Lanh contam como esconderam gravidez	Eliminado (2)	—
8/8 a 14/8/2021	Celebridades	Britney Spears dança e celebra após o pai desistir da tutela: ‘Liberdade’	Incluído	C.1
	Agora	Faustão vai a hospital para retirar cateter de tratamento renal	Eliminado (2)	—
	Celebridades	Entenda a briga judicial entre Britney Spears e o pai	Incluído	C.2

Veículo: F5 – Folha de São Paulo (https://f5.folha.uol.com.br)				
Semana	Editoria	Título	Status	Anexo
	Celebridades	Britney Spears: Famosos e anônimos celebram após pai deixar tutela da cantora	Incluído	C.3
	Celebridades	Advogado de Britney diz que investigação contra pai da cantora continuará	Incluído	C.4
	Celebridades	Pai de Britney Spears desiste de ser tutor da cantora após 13 anos	Incluído	C.5
	FolhaBlogs	No aniversário de 15 anos do <i>Google Trends</i> , compare os termos mais pesquisados em 2006 e 2021	Eliminado (3)	—
	Celebridades	Britney Spears: Fãs atacam Brenda Penny na web, juíza responsável pelo caso	Incluído	C.6
	Celebridades	Britney Spears diz que publicará menos devido a ‘mentiras horríveis’	Incluído	C.7
26/9 a 2/10/2021	Agora	Rodrigo Faro nega qualquer atrito com Marcos Mion	Eliminado (2)	—
	Cinema / Ilustrada	‘Britney x Spears’ só reforça o que já se sabia sobre tutela da cantora	Incluído	D.1
	Celebridades	Britney Spears publica fotos nua de viagem nas redes sociais	Incluído	D.2
	Celebridades	Pai de Britney Spears diz que ‘tribunal errou’ em afastá-lo da tutela	Incluído	D.3
	Agora	Duda Reis topou fazer <i>tour</i> por fazendas do interior paulista	Eliminado (2)	—
	Celebridades	Britney Spears se livra da tutela do pai após 13 anos	Incluído	D.4
	Celebridades	Segurança de Britney Spears incluía perseguição a namorados e dossiê de fãs	Incluído	D.5
	Celebridades	Britney Spears: pai da cantora pode perder tutela em audiência nesta quarta	Incluído	D.6
	Coluna	De que vale investir nos filhos?	Eliminado (3)	—
3/10 a 9/10/2021	Celebridades	Britney Spears ganha cachorro de estimação do noivo: 'Segurança da casa'	Incluído	E.1
	Celebridades	Ex de Britney defende maior contato dela com os filhos: 'Com segurança e supervisão'	Incluído	E.2

Veículo: F5 – Folha de São Paulo (https://f5.folha.uol.com.br)				
Semana	Editoria	Título	Status	Anexo
	Celebridades	Britney Spears agradece empenho dos fãs e movimento #FreeBritney	Incluído	E.3
	Celebridades	Britney Spears pode nunca mais voltar a se apresentar	Incluído	E.4
10/10 a 16/10/2021	Celebridades	Courtney Love aconselha Britney Spears a deixar EUA: 'Torcendo por você'	Incluído	F.1
	Celebridades	Britney Spears diz que se afastará da carreira após fim da tutela do pai	Incluído	F.2
	Celebridades	Britney Spears publica foto de <i>topless</i> e questiona padrões de beleza	Incluído	F.3
	Esporte	Técnico de futebol americano se recusa a tomar vacina e pode perder emprego	Eliminado (3)	—
7/11 a 13/11/2021	Celebridades	Advogado de Britney Spears quer investigação do pai da cantora após tutela	Incluído	G.1
	Celebridades	Britney Spears fala após o término da tutela: 'Melhor dia de todos'	Incluído	G.2
	Celebridades	Britney Spears está livre da tutela do pai após 13 anos	Incluído	G.3
	Celebridades	Tutela de Britney Spears pode chegar ao fim nesta sexta	Incluído	G.4
	Celebridades	Britney Spears diz que Donatella Versace está fazendo seu vestido de noiva	Incluído	G.5
	Agora	Ao honrar Marília Mendonça, Prêmio Multishow resolve injustiça com Ludmilla	Eliminado (2)	—
	Celebridades	Ex-empresária de Britney Spears nega ter controlado remédios da cantora	Incluído	G.6
UNIDADES TEXTUAIS SELECIONADAS				38

Fonte: elaborado pela autora.

Procuramos documentar os procedimentos que orientaram o levantamento de materiais até então. As operações que elencamos ao longo desse processo foram respostas táticas ao fenômeno — do primeiro desenho de pesquisa até o último momento deste exercício, houve uma série de transformações decorrentes do próprio trabalho de campo. Uma das mudanças mais drásticas em relação ao planejamento inicial consistiu em abandonar um critério apresentado ainda no plano de estudos. A princípio, havíamos previsto que os textos coletados passariam por mais uma última etapa de triagem, eliminando-se aqueles em que não detectássemos a presença de expressões-chave explicitamente relacionadas ao tema do sofrimento mental. Seriam consideradas palavras que designam diagnósticos psiquiátricos, remédios e tratamentos a eles associados. Esse léxico permitiria incluir termos como “bipolar”, “demência”, “deficiência”, “lítio”, “psiquiátrico/a”, “clínica”, “internação”, dentre outros.

No entanto, essa definição se revelou restritiva demais. Afinal, tais palavras apareciam quase apenas nos textos que faziam citação direta ao depoimento de Britney em junho de 2021. Fora desse recorte, raras vezes eram mencionadas. Por outro lado, após uma primeira leitura, concluímos ser desnecessário recorrer a esse método para garantir a pertinência à problemática. O contato com a bibliografia foi fundamental para essa escolha; como sinalizam os estudos de Elaine Showalter (1985), a interseção entre gênero e loucura se dá muitas vezes de forma implícita, convocada através de metáforas ou de outros modos mais ou menos tácitos de ativação de imaginários. Trago esse exemplo para ilustrar que, mesmo ao lidar com as decisões aparentemente mais mecânicas ou operacionais da rotina de trabalho, o diálogo com as perspectivas teóricas contribuiu para orientar nosso movimento investigativo.

3. TEXTUALIDADES MUDIÁTICAS EM TORNO DO *FREE BRITNEY*

3.1. Texto e textualidade

Antes de passarmos às próximas fases de análise, cabe definirmos as perspectivas conceituais que guiam e localizam nossas observações. A começar pela própria discussão do que tratamos por textualidade.

Quando falamos em texto não estamos nos referindo apenas à dimensão verbal, apesar da relevância que aspectos linguísticos possam assumir ao longo de nossas investigações. Em lugar disso, trabalhamos com uma noção que contempla “qualquer unidade de comunicação, geralmente multissemiótica ou ‘multimodal’, sustentada por uma prática discursiva e inserida em uma rede ou em umas redes textuais, que podem integrar ou não elementos verbais, e que por fim não devem identificar-se restritivamente com eles”⁹² (Abril, 2012, p. 16). Ainda, como aponta Leal, em sua manifestação “nenhum texto comunicacional é ‘puro’” (Leal, 2018, p. 21):

As palavras, por exemplo, em qualquer situação comunicativa, estão sempre articuladas a outros sistemas semióticos, como os signos sonoros e corporais (no caso da comunicação interpessoal), como a linguagem gráfica – que transforma a palavra em imagem – nos casos dos produtos impressos, ou aos sons e às imagens em movimento no caso dos produtos audiovisuais etc. (Leal, 2018, p. 21).

Esse caráter híbrido pode ser reconhecido nos artigos, notícias e matérias que reunimos a partir do trabalho de campo. As composições tipográficas dos materiais coletados organizam, no espaço da tela, a hierarquia entre títulos, subtítulos, legendas, *links* e parágrafos, em diálogo com convenções da imprensa e do *design* de interfaces. Com frequência, os elementos verbais são acompanhados por fotografias, vídeos e faixas de áudio que reiteram, complementam ou mesmo contradizem seus sentidos. Procuramos levar em conta não só os aspectos lógico-cognitivos produzidos pela tessitura dessas diferentes camadas, mas também suas relações sensíveis e pragmáticas. Entendemos que “comunicar é bem mais que produzir e transmitir significados e algumas – senão muitas – experiências comunicativas têm seu sentido não na circulação de informação, mas no compartilhamento de sensações, sentimentos, afetos e/ou mesmo na própria condição de estarmos juntos” (Leal, 2018, p. 14).

⁹² No original: “[...] cualquier unidad de comunicación, generalmente multisemiótica o ‘multimodal’ [...], sustentada por una práctica discursiva e inserta en una(s) red(es) textual(es), que puede integrar o no elementos verbales, y que por ende no debe identificarse restrictivamente con ellos”.

Nossa filiação ao campo da Comunicação confere, ainda, ênfase ao caráter processual dos textos, caracterizados não como artefatos estáveis e homogêneos, mas como “amalgamas provisórios de relações em curso”, que emergem de processos comunicativos historicamente localizados (Leal, 2018, p. 22). De acordo com essa mesma orientação, procuramos apreender acontecimentos e fenômenos sociais como “um tecer-se e um devir em um labirinto de sentidos” (Abril, 2018, p. 12-13). Em lugar da “rigidez substantiva do texto”, deslocamo-nos para o domínio das “textualidades”, “para melhor acentuar um sentido de qualidade, fluidez e abertura: ‘texto’ parece algo excessivamente substancial, excessivamente objetivado; por outro lado, a textualidade é um fazer-se qualificado e qualificante” (Abril, 2018, p. 12).

3.1.1. Doença como textualidade

Susan Sontag descreve como algumas doenças — físicas e mentais — tendem a ser saturadas de significação e podem constituir-se como um “texto social” (2007, p. 46). Em outras palavras, uma dada doença pode inspirar fantasias e ter suas causas atribuídas a traços de personalidade ou a práticas comportamentais. Quanto mais misterioso, assustador e intratável for o acometimento, mais difundidos são esses discursos.

Tal argumento pode ser ilustrado pela trajetória histórica da Lepra,⁹³ particularmente em seu auge, entre os séculos XI e XIII. Quase nunca fatal, a enfermidade foi encarada não apenas como pavorosa, mas também como repulsiva. Uma de suas complicações mais temidas era o desfiguramento, percebido como um “processo subjacente e progressivo de dissolução da pessoa” (Sontag, 2007, p. 98). Inscrita no imaginário cristão, durante o período medieval a Lepra era compreendida como expressão de um juízo divino, “um castigo especialmente adequado e justo” (Sontag, 2007, p. 36). Nessa chave, as marcas do corpo adoecido eram motivo de vergonha, não só pelo desvio estético ou pelo medo de contágio que provocavam, mas por serem atribuídas a uma suposta transgressão, tanto moral quanto religiosa.

Embora a ideia de doença como expiação ainda persista, no início do século XVIII outros tipos de narrativa ganharam força. A valorização da razão, central para o Iluminismo, implicou a recusa de sentimentos extremados e o despreço por tudo o que estivesse associado

⁹³ Desde a década de 1970, o termo “lepra” tem sido substituído em diferentes países por “hanseníase”, na tentativa de atenuar o estigma e incentivar seus portadores a buscarem tratamento. Oficializada no Brasil por meio da Lei nº 9.010/95, a mudança de nome por si só não foi suficiente para a superação dos preconceitos historicamente consolidados (Femina *et al.*, 2007).

à sua manifestação. Segundo esse conjunto de crenças, disfarçadas de um saber neutro, uma vida saudável implicava em uma existência dita *equilibrada*, com hábitos bem regrados e desejos moderados; em última instância, “uma vida familiar muito calma, serena e correta” (Sontag, 2007, p. 20). Os afetos, por sua vez, deveriam ser contidos sob uma expressividade limitada.

Durante esse período, quando a tuberculose ainda não havia recebido uma explicação científica suficientemente estável, sua contração estava associada a uma personalidade desajustada, caracterizada por um “excesso de paixão, que acometia os imprudentes e os sensuais” (Sontag, 2007, p. 18). Mais adiante, no entanto, com a ascensão dos ideais românticos, a comoção sentimental passou a ser revestida por uma carga mais positiva. Por sua vez, a tuberculose foi ressignificada como um mal ocasionado não apenas pelo excesso, mas sobretudo pelo represamento das emoções. Talvez possa parecer menos moralista entender a doença como uma representação corporificada do subconsciente, mas, em maior ou menor grau, tais concepções também se revelam punitivistas, na medida em que atribuem ao doente a responsabilidade pela própria condição. Afinal, “a ideia romântica de que a doença expressa o caráter é invariavelmente ampliada a fim de assegurar que o caráter causa a doença — porque ele não se exprimiu” (Sontag, 2007, p. 38).

Interpretações como essas não se restringem ao senso comum e podem ser encontradas em manuais e relatos clínicos. Um de seus subprodutos é a crença de que a cura depende quase que exclusivamente da *força de vontade*, ou seja, da capacidade do paciente de restabelecer a si mesmo, ainda que tenha pouco ou nenhum controle sobre seu quadro. Além de contribuir para afastar o doente dos tratamentos que possam estar disponíveis, essa premissa tende a acentuar o sentimento de culpa, agravando ainda mais o sofrimento.

Os juízos que produzimos sobre uma dada doença derivam “das nossas definições do que, em diferentes tempos e lugares, considera-se ser a sociedade ideal e a pessoa ideal”⁹⁴ (Grinker, 2021, p. xxii-xiii). No esforço de fazer algum sentido dessas experiências, as formas de contração ou de agravo são com frequência associadas àquilo que uma dada cultura encara como perverso, inferior ou “não natural”. Por outro lado, o que se imagina corresponder à personalidade e às condutas dos doentes é revestido por uma mística de risco, e então convertido em referência do que deve ser taxado e banido. Trata-se de um duplo movimento, concomitante e complementar: a moralização da patologia e a patologização daquilo que viola códigos morais.

⁹⁴ No original: “[...] from our definitions of what, at different times and places, people consider the ideal society and the ideal person”.

A essa altura, podemos ser mais assertivos em dizer que o que Sontag caracteriza como “texto social” se aproxima da concepção de textualidade que pretendemos mobilizar ao longo deste trabalho. Podemos suprimir, sem prejuízo de sentido, o termo “social”, já que de partida tomamos todo texto como uma prática sociodiscursiva. Compreender a doença — e mais especificamente a loucura — como textualidade implica considerá-la não só como manifestação biológica, mas como uma experiência mediada por códigos culturais (Grinker, 2021).

No breve percurso que percorremos aqui, vimos um mesmo acometimento ser revestido de significados distintos ao longo de diferentes tempos históricos. Na adaptabilidade dessas explicações, reconhecemos sua articulação a outros textos, sua inscrição em tramas discursivas que as excedem e sua capacidade de atualização conforme os valores vigentes. Para que possamos apreender, em alguma medida, as tecituras que emergem da empiria, propomos então articular as indicações teórico-metodológicas organizadas no primeiro capítulo a uma análise dos percursos gerativos do sentido, de acordo com o modelo da semiótica tensiva *greimasiana*.

3.2. Percurso gerativo do sentido

A semiótica oferece procedimentos analíticos para que possamos compreender “o que o texto diz, como o diz e para que o faz” (Barros, 2005, p. 78). Para esse fim, propõe um percurso gerativo composto pela sucessão de três patamares, que vão do mais simples ao mais complexo, do abstrato ao concreto. São eles: a) nível fundamental; b) nível narrativo; c) nível discursivo.

No nível fundamental, buscamos identificar as categorias semânticas que sustentam a significação das textualidades em torno do “*Free Britney*”. Já no nível narrativo observamos, dentre outros aspectos, os valores que circulam entre os actantes⁹⁵ e regem os compromissos assumidos. Por fim, a nível discursivo, procuramos apreender os procedimentos de tematização e figurativização,⁹⁶ além das relações argumentativas entre enunciador e enunciatário.⁹⁷

⁹⁵ Actante é uma “entidade sintática da narrativa que se define como termo resultante da relação transitiva, seja ela uma relação de junção ou de transformação. O actante funcional, por sua vez, caracteriza-se pelo conjunto variável dos papéis que assume em um percurso narrativo” (Barros, 2005, p. 80).

⁹⁶ A tematização compreende a “formulação abstrata dos valores narrativos e sua disseminação em percursos, por meio da recorrência de traços semânticos” (Barros, 2005, p. 86). Associados à tematização, os procedimentos de figurativização consistem em recobrir os percursos temáticos abstratos com figuras concretas, que lhes conferem traços sensoriais.

⁹⁷ Implícitos nos textos, enunciador e enunciatário são posições do sujeito da enunciação, “que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso” (*Ibid.*, p. 60). O enunciador estabelece os valores do discurso e, em

Tendo em vista que a perspectiva das textualidades privilegia a observação das infundáveis linhas de conexão entre os enunciados e as dimensões socioculturais que os atravessam, nossa análise não se encerrou nos textos que levantamos no *F5*, como descrito no capítulo anterior, mas os tomou como ponto de partida para tecer uma rede maior de conexões, que não estava dada *a priori*.

Sendo processos comunicativos e pragmáticos, as textualidades desestabilizam as relações temporais e de sentido que definiriam a princípio os limites e os contornos dos textos. Afinal, um texto não é simplesmente um produto, um resultado final de uma prática sociodiscursiva historicamente situada, mas algo que emerge em seu desenrolar [...] (Leal, 2018, p. 23).

Como parte de nosso gesto investigativo, buscamos até certo ponto recompor as textualidades que o *Free Britney* faz emergir. Como se fez necessário enumerar e organizar uma complexa sucessão de acontecimentos, nossa exposição inicia-se pela descrição das estruturas narrativas e só então avança para a discussão dos outros níveis do percurso gerativo. Veremos, no entanto, que essas dimensões não são tão facilmente distinguíveis umas das outras, uma vez que se encontram sincretizadas no ato comunicativo.

Retomando as escolhas já realizadas, elegemos como referencial os eventos ocorridos entre 20 de junho e 13 de novembro de 2021, do depoimento de Britney Spears à Corte de Los Angeles à decisão judicial pelo fim da curatela. Nesse intervalo, vislumbramos um esquema narrativo completo — “a unidade maior na hierarquia sintática da narrativa, que se define pelo encadeamento lógico dos percursos narrativos da manipulação (ou do destinador-manipulador), da ação (ou do sujeito) e da sanção (ou do destinador-julgador)” (Barros, 2005, p. 82). De forma simplificada, a fase da manipulação determina os valores que irão orientar a ação dos actantes. É caracterizada pela agência de um sujeito sobre outro para levá-lo a *dever* e/ou a *querer fazer* alguma coisa. Já o percurso do sujeito, ou o percurso da ação, é composto pelos programas de: a) competência, em que o sujeito do fazer recebe a qualificação necessária à ação (um *saber* e/ou um *poder fazer*); e b) performance, em que se apropria dos objetos-valor que deseja, operando a transformação central da narrativa. Por último, no percurso do destinador-julgador, ou percurso da sanção, as ações do destinatário-sujeito são constatadas, avaliadas e, então, recompensadas ou punidas.

Como aponta Fiorin, “as fases da sequência canônica não aparecem sempre bem arrançadas como pode ter dado a entender a explicação anterior” (2021, p. 32). Um ou mais percursos podem ser ocultos, sendo recuperados apenas a partir de relações de pressuposição.

um fazer-persuasivo, procura levar o enunciador a crer e a fazer. Ao enunciatário, por sua vez, cabe um fazer interpretativo.

Além disso, “as narrativas realizadas não contêm uma única sequência canônica, mas um conjunto delas” (p. 33). Tomando narrativa como a “sucessão de estados e de transformações” (Barros, 2005, p. 23), buscamos representar no Quadro 3 alguns encadeamentos na trajetória de Britney Spears.

Quadro 3 – Sucessão de esquemas narrativos.

Esquema narrativo	Transformação central
I. Ascensão de Britney enquanto diva <i>pop</i>	Britney entra em conjunção com os objetos-valor “fama” e “riqueza”.
II. Ataques midiáticos e instauração da curatela	Britney entra disjunção com o objeto-valor “liberdade”.
III. Das suspeitas do <i>fandom</i> ao movimento “ <i>Free Britney</i> ”	A comunidade de fãs conquista os objetos modais “visibilidade” e “engajamento”.
IV. Britney depõe contra a curatela, em seguida encerrada pela Justiça	Britney recupera o objeto-valor “liberdade”; sanções começam a ser distribuídas aos destinatários-sujeitos.

Fonte: elaborado pela autora.

Os esquemas listados possuem entre si uma relação de interdependência e, por vezes, de sobreposição. Em linhas gerais: a ascensão de Britney enquanto diva *pop* é o que motiva o interesse em torno de sua figura que, mais tarde, se tornará alvo de uma superexposição midiática (**Esquema I** → **Esquema II**); os ataques à sua imagem mobilizam a opinião pública e criam um ambiente favorável para a instauração da curatela (**Esquema II**); relatos e denúncias começam a levantar suspeitas do *fandom* que, por meio de iniciativas de ativismo digital, impulsiona o movimento “*Free Britney*” (**Esquema II** → **Esquema III**); apoiada por um público engajado, Britney depõe contra a curatela em audiência aberta, repercutida pelos meios de comunicação (**Esquema III** → **Esquema IV**); por fim, a Justiça dos EUA anuncia o fim de sua interdição (**Esquema IV**).

Notamos que os três primeiros esquemas narrativos são a todo tempo convocados pelas unidades textuais que selecionamos, em geral de forma expressa e sumarizada (Quadro 4). Entendemos que essa estratégia responde a demandas relacionadas ao fator de situacionalidade (Costa Val, 1991); afinal, em um portal de notícias massivamente acessado, com conteúdos de diferentes editoriais, é de se esperar que nem todos os leitores estejam a par da biografia da cantora.

Quadro 4 – “Confira os principais acontecimentos da vida de Britney Spears”.

CONFIRA OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA VIDA DE BRITNEY SPEARS

- 1992** – Escalada para o programa de televisão "The Mickey Mouse Club" com Justin Timberlake, Christina Aguilera e Ryan Gosling.
- 1997** – Assina um contrato de gravação com 15 anos.
- 1998** – Lança o primeiro single, "... Baby One More Time", que lidera a parada Billboard Hot 100 durante duas semanas. No ano seguinte, seu disco de estreia homônimo lidera as paradas em 15 países.
- 2000** – O segundo disco de estúdio, "Oops!... I Did It Again", bate recordes. Britney confirma estar namorando Justin Timberlake.
- 2002** – Britney estrela seu primeiro filme, "Crossroads: Amigas para Sempre." Seu relacionamento com Timberlake termina.
- 2004** – Casa-se com o amigo de infância Jason Alexander, e o casamento é anulado três dias depois. Nove meses mais tarde, casa-se com o dançarino Kevin Federline.
- 2007** – Britney entra e sai de clínicas de desintoxicação duas vezes em questão de dias, raspa a cabeça e volta a se internar.
- 2008** – A cantora é hospitalizada duas vezes na ala psiquiátrica e é sujeita a uma tutela por meio da qual seu pai e um advogado assumem o controle de seus assuntos pessoais e comerciais.
- 2013** – Inicia um período de dois anos de apresentações em Las Vegas que é renovado por mais dois anos.
- 2019** – Anuncia um "hiato de trabalho por tempo indeterminado e se interna em uma clínica de saúde mental".
- Abril de 2021** – Por meio do advogado, Britney pede para se dirigir pessoalmente à corte encarregada de sua tutela.
- 23 de junho de 2021** – Tem audiência virtual marcada com o tribunal.

Fonte: *F5 – Folha de São Paulo*.⁹⁸

Nas próximas páginas, detalhamos cada um dos percursos indicados no Quadro 3 (ver p. 71). Para tanto, fazemos um recuo no tempo e retomamos emergências textuais que à primeira vista parecem ultrapassar nosso horizonte narrativo, mas estão nele inferidas. Consideramos esse exercício estratégico tanto para a discussão do fenômeno quanto para a apreensão dos valores que circulam entre os sujeitos.

⁹⁸ Quadro extraído do Anexo A.1, reproduzido também nos Anexos A.4, A.5, A.6, B.5, B.7, C.2, D.3 e D.4.

3.2.1. Esquema I: Ascensão de Britney enquanto diva pop

Para recompor a fase de manipulação deste esquema, recorreremos a biografias midiaticamente difundidas sobre Britney, como as organizadas pelos documentários *Framing Britney Spears* e *Controlling Britney Spears*, ambos produzidos pelo *The New York Times* em 2021. Ainda que o estatuto de documento que assumem possa ser problematizado, não é nosso objetivo aqui apurar sua precisão factual, mas mapear os sentidos que produzem e que, em algum nível, são admitidos como verdadeiros por seus enunciatários.

De acordo com tais narrativas, desde a infância Britney Jean Spears destacava-se em atividades teatrais e musicais, como apresentações na pré-escola e no coral da igreja protestante que frequentava junto de sua família. Diante das manifestações precoces de talento, seus pais, Jamie e Lynne, contrataram empresários e consultores, além de aulas de canto e de dança. Também viabilizaram sua participação em concursos, audições e turnês em diferentes cidades dos Estados Unidos. Nos termos da semiótica, identificamos aqui tanto a atribuição de competência semântica quanto modal: o investimento de tempo e de recursos financeiros indica que os Spears acreditavam no potencial da filha (*crer-poder*) e almejavam seu sucesso na carreira artística (*querer-poder*).

No percurso da ação, por sua vez, podemos enumerar uma série de desdobramentos que contribuíram para a aquisição de competências por Britney. No início da década de 1990, a cantora já acumulava participações em produções cênicas e televisivas. Quando tinha pouco mais de 10 anos, conquistou relativa popularidade com suas performances no *Star Search*, um programa de competições musicais. Três anos depois, foi escalada para integrar o elenco do tradicional *The Mickey Mouse Club*, veiculado pelo *Disney Channel* desde os anos 1950. Durante esse período, contracenou com outros atores-mirim que mais tarde também conquistaram a fama, como Ryan Gosling, Christina Aguilera e Justin Timberlake. Ao longo desse tempo, Spears acumulou experiências e contatos na cena *pop*, conquistando um *saber-fazer* e um *saber-ser* que lhe seriam úteis.

Após o cancelamento da série, em 1995, Britney voltou seus esforços para a carreira solo. Três anos mais tarde, lançou seu primeiro *single*, “...*Baby One More Time*”. Gravada pela *Jive Records*, a canção de ritmo dançante e tema amoroso rapidamente atingiu o topo das paradas internacionais e, em um único dia, ultrapassou a marca de meio milhão de cópias vendidas.

Como parte das estratégias de promoção da faixa, foi preparado um videoclipe de quase quatro minutos de duração. Nele, Spears demonstra domínio vocal e habilidades excepcionais de dança — disposições que certamente contribuíram para o seu reconhecimento enquanto *performer* digna de admiração. Além disso, a produção audiovisual configurou-se como a primeira aparição da cantora para a maior parte dos públicos. Com o cabelo preso em duas tranças coroadas por pompons cor-de-rosa, Britney vestia o que poderia ser um uniforme colegial das escolas católicas norte-americanas, mas com a saia mais curta e a blusa desabotoada, amarrada à altura da cintura. Em sintonia com o estilo *Bubblegum pop*,⁹⁹ tanto o figurino quanto a coreografia, a atuação e o cenário¹⁰⁰ convocavam um imaginário vinculado à inocência infanto-juvenil e, simultaneamente, insinuavam um apelo sexual.

Com o expressivo sucesso do *single*, a cantora passou a atrair crescente atenção midiática, pautada sobretudo pelo acentuado interesse em sua vida pessoal e íntima, como ilustra o título da matéria de capa da revista *Rolling Stone* de 15 de abril de 1999 (Figura 14): “por dentro do *coração*, da *mente* e do *quarto* de um sonho adolescente”¹⁰¹ (grifos nossos). De acordo com os critérios oferecidos por Graeme Turner (2004), compreendemos que é a partir desse momento que Spears assume o estatuto de celebridade:

Podemos mapear o exato momento em que uma figura pública se torna uma celebridade. Isso acontece quando o interesse da mídia por suas atividades é transferido de seu papel público [...] para a investigação de detalhes da sua vida privada (Turner, 2004, p. 8).¹⁰²

⁹⁹ *Bubblegum pop* (ou “*pop* chieletes”) é um subgênero musical voltado prioritariamente para adolescentes. Com batidas animadas, harmonias simples e letras cativantes, é caracterizado pela combinação de elementos do universo infantil a componentes de duplo sentido sexual.

¹⁰⁰ Curiosamente, a locação utilizada é a mesma onde vinte anos antes foi gravado o filme *Grease: Nos tempos da Brilhantina* (1978).

¹⁰¹ No original: “*Inside the heart, the mind and the bedroom of a teenage dream*”.

¹⁰² No original: “*We can map the precise moment a public figure becomes a celebrity. It occurs at the point at which media interest in their activities is transferred from reporting on their public role [...] to investigating the details of their private lives.*”

Figura 14 – Capa da edição de 15 de abril de 1999 da revista *Rolling Stone*.



Fonte: *Rolling Stone*.¹⁰³

O êxito comercial e a popularidade de “...*Baby One More Time*”, acompanhados do interesse em torno de sua figura, marcam a apropriação por Britney dos objetos “fama”, “riqueza” e “capital midiático” — valores que conservou ao se manter ativa na cena *pop* com o lançamento de outros *hits*, a realização de *shows* e a participação em comerciais e programas televisivos.

Antes de seguirmos, interessa-nos discutir as bases que ampararam seu reconhecimento pelas audiências e pela indústria do entretenimento. Como percebemos nas textualidades midiáticas produzidas durante os primeiros anos de sua fama, a combinação entre o imaginário ao redor da pureza virginal e um apelo erótico excedeu os limites do videoclipe de estreia, estendendo-se para a composição de sua imagem pública. Em tensão aparente, a conjunção

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/music/music-lists/britney-spears-the-rolling-stone-covers-207308/september-13-2001-226595>>. Acesso em 25 ago. 2023.

desses atributos aderiria ao modelo dominante de performance de feminilidade, orientado ao desejo masculino heteronormativo e às regulações de uma sociedade patriarcal.

À época com 16 anos, o corpo e a intimidade de Britney eram abordados de forma insistente e impertinente, quase sempre por homens adultos. Sua virgindade, em especial, foi tematizada repetidas vezes em matérias jornalísticas, *talk shows* e conferências de imprensa. Além de um policiamento moral, a obsessão midiática em torno de sua sexualidade contribuía para sua promoção como uma espécie de Lolita. Apelidada de “princesinha do *pop*”, Britney satisfazia aos requisitos da tríade que Edgar Morin (1989) identifica em personagens femininas emergentes da indústria cultural: beleza, juventude e *sex-appeal*. Não devemos nos esquecer, no entanto, que “as noções de belo e feio que nos atravessam são atos políticos” (Bento, 2021, p. 159).

Figura 15 – Capas da *Cosmo Girl* (jun. / jul. 2000), *People Weekly* (fev. 2000) e *Atrévida Hot* (jan. 2001).



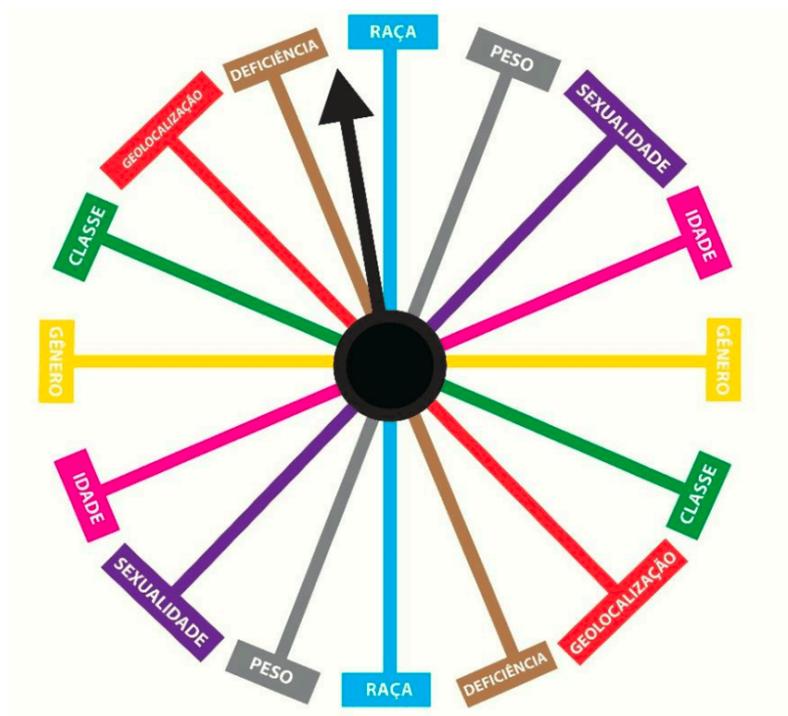
Fonte: Composição da autora.¹⁰⁴

Em revistas publicadas no início dos anos 2000 (Figura 15), vemos o rosto de pele clara e uniforme de Spears emoldurado pelo cabelo loiro e liso que, como bem pontua a jornalista Maria Clara Drummond (2021), é convencionado como um signo de beleza, desejabilidade, privilégio e branquitude. Os enquadramentos fotográficos também deixam ver seu abdômen torneado, os seios empinados, os braços magros e a silhueta esbelta. Sua heterossexualidade aparece presumida nas diferentes chamadas, como “a polêmica cantora adolescente esclarece

¹⁰⁴ Capas disponíveis em: <<https://imgix.bustle.com/lovelace/uploads/886/a262ab80-e843-0132-cf12-0e01949ad350.jpg?w=760&h=1029&fit=crop&crop=faces&auto=format%2Ccompress&q=50&dpr=2>>, <<https://community.thriveglobal.com/dear-media-save-your-apologies-just-do-better/>> e <<https://br.pinterest.com/pin/209065607688306015/>>, respectivamente. Acesso em 18 ago. 2023.

as coisas sobre [...] caras muito mais velhos (eca!) e enviar e-mails para o Príncipe William ('Ele é tão fofo!')".¹⁰⁵ Ao acionarmos a metodologia da roleta interseccional (Figura 16), proposta por Fernanda Carrera (2020), constatamos que, à exceção do gênero, a diva *pop* encarnava os espectros mais privilegiados das hierarquias corporais, raciais, socioeconômicas, territoriais, etárias e sexuais.

Figura 16 – Roleta interseccional, proposta por Fernanda Carrera (2020).



Fonte: e-Compós.¹⁰⁶

Ao mesmo tempo em que Britney era incentivada e recompensada por explorar sua sensualidade, seu modo de ser e suas condutas eram desde então polemizados, especialmente por grupos mais conservadores. Para esses enunciatórios, seu *sex appeal* não se apresentava como um valor a ser exaltado, mas como uma ameaça à “moral e aos bons costumes”. Diante da capa da Rolling Stone (Figura 14, p. 75), a *American Family Association* chegou a pedir que os “americanos adoradores de Deus” boicotassem as lojas que comercializavam os discos da cantora. Ainda que tenha sido uma expressão minoritária, esse caso projeta uma disputa em torno dos valores fundantes da celebridade de Britney e dá os primeiros indícios de uma possibilidade de ruptura.

¹⁰⁵ Texto extraído da capa da revista *People Weekly* de 14 de fevereiro de 2000 (ver Figura 15). Tradução nossa.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>>. Acesso em 18 jul. 2023.

3.2.2. Esquema II: Ataques midiáticos e instauração da curatela

A sanção positiva de Britney por boa parte das audiências e pela indústria do entretenimento pressupõe o estabelecimento de um contrato assentado na valorização de suas competências: um *saber-fazer*, relacionado às suas habilidades musicais e performáticas (dança, atuação, presença de palco etc.); e um *saber-ser*, associado à conformidade com os padrões heteronormativos de corporalidade e comportamento.

Porém, com o passar do tempo, suas ações começaram a ser cada vez mais avaliadas negativamente e, em 2007, observamos uma acentuada escalada dessa tendência. Segundo a revista *Forbes*, naquele ano Spears foi a celebridade mais exposta pelos meios de comunicação. Enquanto disputava a guarda dos dois filhos com o ex-marido, o dançarino Kevin Federline, também enfrentava uma cobertura invasiva e desfavorável de sua vida pessoal. Com forte cunho sensacionalista, as numerosas manchetes dos tabloides eram acompanhadas de flagrantes fotográficos visivelmente não pactuados com a cantora.

Para Turner (2004), a fofoca promovida pelo jornalismo de celebridades é instrumental para fortalecer conexões comunitárias, deliberar sobre normas e avaliar condutas. Nos termos da semiótica, poderíamos dizer que a fofoca é um objeto modal para o destinador-julgador (grupo social), através do qual aprecia e sanciona a performance do destinatário-sujeito (celebridade), distribuindo-lhe recompensas ou, na maioria das vezes, punições.

Comprendemos que a condenação midiática de Britney estava estreitamente conectada aos anseios morais da época. Que parâmetros, portanto, ela havia transgredido e de que maneiras? Que relações tais desvios estabelecem com as expectativas presumidas no acordo simbólico firmado com seus públicos? A partir dessas questões, recorreremos a capas de tabloides e revistas que, em 2007 e em 2008, conferiram-lhe destaque. Para organizar nossa argumentação, optamos por agrupá-las em três eixos temáticos: a) maternidade; b) sexualidade; e c) performatividade de gênero.

a) Maternidade

Figura 17 – Capas das revistas *In Touch* (mar. 2007) e *US Weekly* (jan., ago. e out. 2007) e dos tabloides *Daily News* (out. 2007) e *National Enquirer* (jan. 2008).



Fonte: Composição da autora.¹⁰⁷

No conjunto de publicações organizado acima (Figura 17), lemos as manchetes “Bebês em perigo”, “Eu vou matar as crianças” e “Socorro!” (traduções nossas). Marcados por um tom de denúncia, os títulos promovem o juízo de que Britney seria perigosamente incapaz de exercer as atribuições do papel maternal. Mesmo quando trazem chamadas mais enigmáticas, como “Babás de Britney contam tudo” e “Mamãe está chorando” (traduções nossas), implica-se a ideia de que seus filhos estariam expostos a um ambiente nocivo e inadequado. Já em

¹⁰⁷ Capas disponíveis em <<https://www.ebay.com/itm/324848520134>>, <<https://www.gettyimages.ie/detail/news-photo/daily-news-front-page-october-2-headline-unfitney-news-photo/97296772>>, <<https://www.popbytes.com/britney-spears-i-will-kill-the-kids/>>, <<https://www.gawker.com/289635/britney-spears-is-a-terrible-mother>>, <<https://www.nytimes.com/2021/02/12/arts/music/britney-spears-documentary-media.html>>, <https://www.nationalenquirer.com/wp-content/uploads/old_neq/article_images/cover_stry_9.jpg>. Acesso em 25 ago. 2023.

“*Unfitney!*”, a sentença que lhe nega a ação de custódia é parodiada com um toque de humor perverso — sua pressuposta inadequação para a maternagem é referenciada a partir de uma apropriação sarcástica do recurso de sufixação da partícula “-ney”, caro à sua base de fãs.

Notamos, contudo, que os arranjos verbovisuais das capas não se sustentam por uma relação literal entre aquilo que alarmam e o que de fato mostram. Nenhum tipo de negligência ou violência é documentado pelas imagens. Por outro lado, é interessante observar como aparece o corpo de Britney: vestindo roupas comuns, com o cabelo preso de forma casual e o rosto com pouca ou nenhuma maquiagem, a maioria dos retratos flagra momentos banais de seu cotidiano. Seu visual pouco produzido (em comparação com as expectativas em torno da aparência de uma celebridade) contribui para reforçar uma percepção de descuido da cantora consigo mesma e, por que não, com seus filhos. Em algumas fotos, o choro das crianças também se oferece como um dos indícios dos maus-tratos físicos e/ou psicológicos a que estariam sujeitas. No entanto, o campo fotográfico deixa de fora a presença dos *papparazzi* que, muito possivelmente, influenciavam o estado emocional das cenas que capturavam.

b) Sexualidade

Em *Pensando o Sexo*, Gayle Rubin (2017) desenvolve o argumento de que a sexualidade é organizada em um sistema de valores que define como “boas”, “normais” e “naturais” as práticas heterossexuais, conjugais, reprodutivas e monogâmicas. Em contrapartida, são consideradas anormais, patológicas e/ou imorais todas as modalidades de sexo que escapam a essa regra, como relações homossexuais, fora do casamento, promíscuas, não-reprodutivas, em grupo, entre pessoas de diferentes gerações ou que envolvem o uso de acessórios.

Embora as origens dessa hierarquia possam ser encontradas nas tradições religiosas ocidentais, contemporaneamente ela se mantém pela via da “extrema abjeção médica e psiquiátrica” (Rubin, 2017, p. 83). Assim, enquanto indivíduos com uma sexualidade conforme aos padrões hegemônicos são recompensados com um tratamento digno e um *status* respeitável, aqueles que se engajam em atividades sexuais divergentes enfrentam a presunção de doença mental. Nesse processo, as sexualidades transgressoras são tidas como “sintomas de uma integração defeituosa” (Rubin, 2017, p. 84) e reflexos de uma inferioridade emocional.

Figura 18 – Capas das revistas semanais *In Touch* (fev. 2007), *Star* (dez. 2007) e *OK! Weekly*



Fonte: Composição da autora.¹⁰⁸

Percebemos os agenciamentos desse aparato semiótico nas revistas destacadas acima (Figura 18). Nelas, Spears é representada como uma “problemática estrela” que recorre ao relacionamento com outras mulheres em busca de “conforto & atenção”.¹⁰⁹ Sensacionalistas, as manchetes prometem revelar o “Segredo gay” e a “Nova amante de Britney: e sim, ela é uma mulher!”. Além disso, enumeram com espanto os objetos encontrados em sua “casa maluca”: “algemas cor-de-rosa, espelhos no teto e fantasias bizarras” (grifos nossos). Ao configurar como “chocante” a suposta lesbianidade, associá-la à carência afetiva e taxar de aberrante o interesse por artigos eróticos, essas capas reiteram a marginalização de práticas sexuais que não se encaixam no referencial de admissibilidade heteronormativo. Ao mesmo tempo, convidam à apreciação exótica e sexualizada dos corpos que condenam.

c) Performatividade de gênero

Gostaríamos de assinalar na montagem a seguir (Figura 19) a centralidade conferida às configurações corporais e comportamentais de Britney.

¹⁰⁸ Capas disponíveis em:

<https://64.media.tumblr.com/f0b48e6533e1bf7837056e1996d62daf/tumblr_oottormw2o1vfoa2mo1_500.jpg>,

<https://www.popbytes.com/inside_britney_spears_crazy_house/>

e <<https://www.wendybrandes.com/blog/2007/08/another-picture-of-britney-spears-ring-yall/>>.

Acesso em 25 ago. 2023.

¹⁰⁹ No original: “The troubled star searches for comfort & attention in the arms of her female friends”.

Figura 19 – Capas das revistas semanais *People* (mar. 2007) e *OK! Weekly* (ago. 2007), e dos tablóides *Daily Mirror*, *Daily News* e *New York Post* (fev. 2007).



Fonte: Composição da autora.¹¹⁰

Gênero, lembra-nos Butler, “é uma performance que envolve consequências claramente punitivas” (2018, p. 6). Quando Britney Spears raspou o próprio cabelo — aquele que no auge do seu sucesso era loiro, longo e liso —, seu ato foi de pronto significado como “loucura”, evidência objetiva de um “colapso nervoso”.¹¹¹ À época, nenhum parecer médico ou judicial que atestasse essa hipótese havia sido divulgado; mesmo assim, em uma interpelação

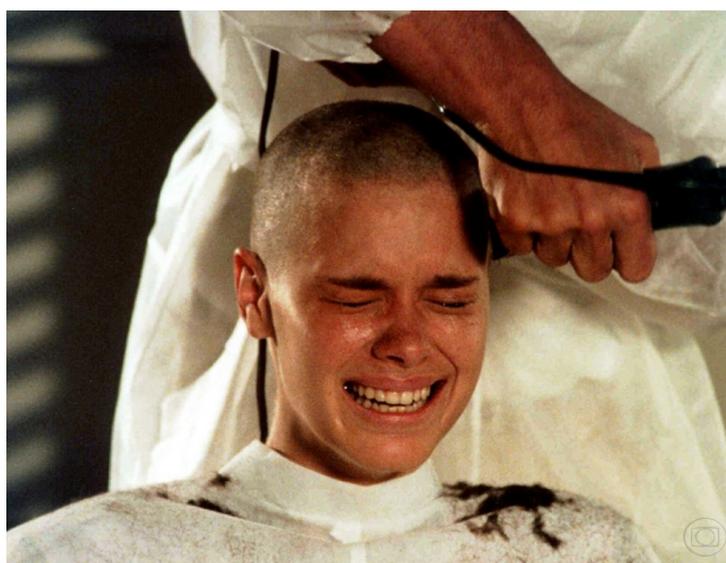
¹¹⁰ Capas disponíveis em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2021/12/britney-spears-faz-40-anos-relembra-quatro-polemicas-envolvendo-a-cantora-ckwnn2f5h003m016f5k9h2hx4.html>>, <<https://www.vanityfair.com/style/2017/09/britney-spears-2007-anniversary>>, <<https://www.amazon.com/People-Magazine-March-Britney-Spears/dp/B0017RT4HK>>, <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/02/8-fatos-marcantes-da-historia-de-britney-spears.html>> e <<https://www.nzherald.co.nz/entertainment/new-documentary-reveals-shocking-new-details-about-britney-spears-2007-meltdown/ZYO4CGAF4ZFCI7YWJ6WOHNGQQA/>>. Acesso em 25 ago. 2023.

¹¹¹ Nos textos que encontramos no *F5*, essa série de episódios é qualificada alternadamente como um “colapso nervoso em público” (cf. Anexos A.1, A.2, A.4, B.5 e B.7), um “colapso emocional” (cf. Anexo B4) e um “colapso psicológico” (cf. Anexo C.4).

marcadamente injuriosa, o gesto foi textualizado como expressão corporificada da presumida patologia. A correlação taxativa e quase instantânea é efeito da ativação de um imaginário bem consolidado e difundido que, como vimos no primeiro capítulo, convencionou representar a mente adoecida em corpos femininos que exibem marcas de desvio, materializadas em gestualidades exasperadas, olhares desafiantes e estilizações estéticas que divergem das expectativas generificadas. É decisivo para essa atribuição de sentidos que tenha sido a própria Britney a passar a máquina. Além disso, nas fotos que flagram o momento, vemos ela sorrir enquanto se olha no espelho (ver Figura 3, p. 14).

Como contraponto, podemos lembrar da cena que Carolina Dieckmann protagoniza na novela *Laços de Família* (2000), da TV Globo. A atriz interpreta Camila, uma jovem mulher diagnosticada com leucemia. Enquanto o barbeador elétrico corre por seus fios, também lisos e loiros, ela chora convulsivamente ao som da melancólica música *Love by Grace*, de Lara Fabian (Figura 20). O entendimento de que a ação aqui é fruto de uma situação trágica e incontornável, que se impõe à vontade da personagem, convoca a compaixão dos espectadores. Embora sejam, ao fim, imagens muito parecidas entre si, as modalizações passionais das duas sujeitas convocam juízos distintos. A comparação nos dá pistas de que a significação não está fixada na forma resultante, mas emerge sobretudo dos modos de realização e de avaliação da performance.

Figura 20 – Carolina Dieckmann raspa o cabelo na novela *Laços de Família*.

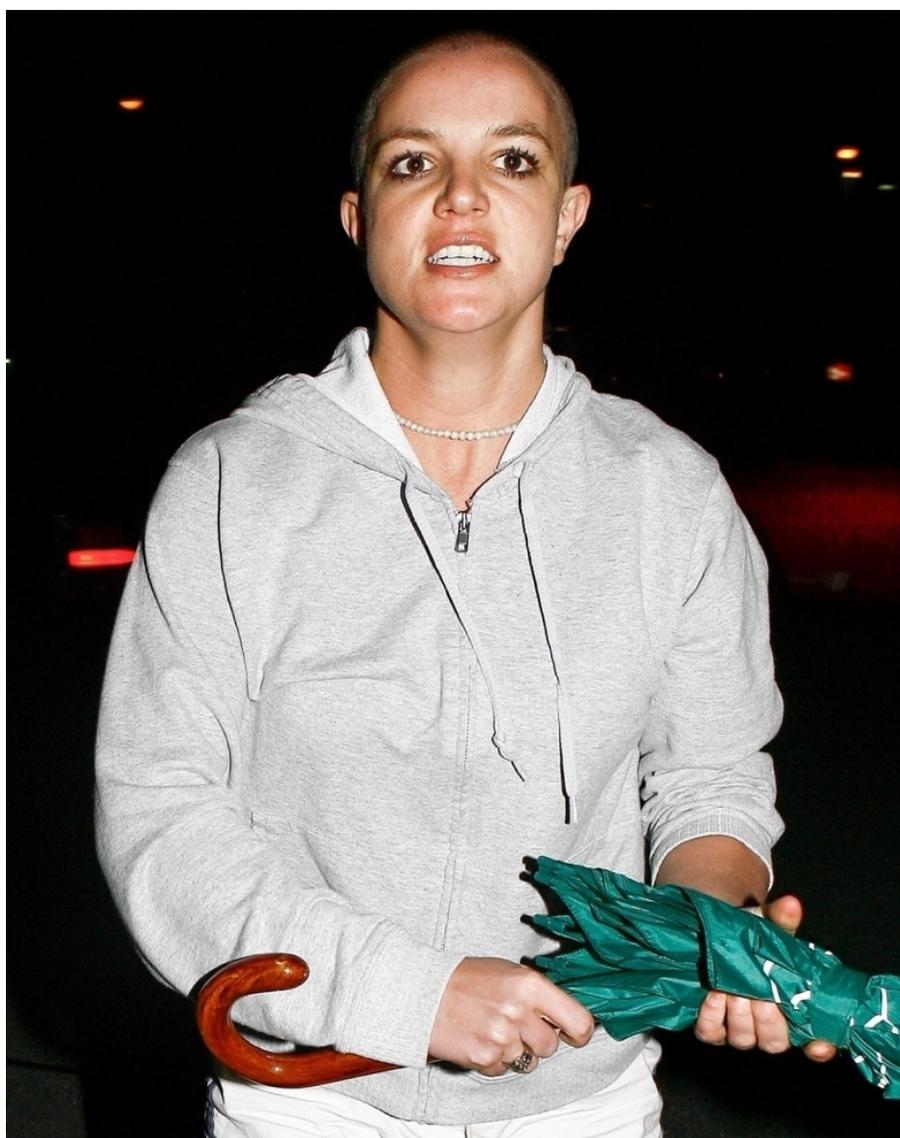


Fonte: G1.¹¹²

¹¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/02/08/carolina-dieckmann-relembra-cena-em-que-raspa-cabelo-em-lacos-de-familia-chorei-porque-estava-entregue-ao-personagem.ghtml>>. Acesso em 25 ago. 2023.

Voltando a Spears, uma outra cena que despertou comoção pública foi o seu ataque ao carro do *paparazzo* Daniel Ramos. Assediada por dezenas de fotógrafos que se recusaram a afastar-se mesmo depois de várias súplicas, a reação da cantora foi lida como uma repentina ruptura da docilidade e da passividade que lhe eram esperadas. A expressão tensa de seu rosto e a conformação de seu corpo em posição de enfrentamento (Figura 21) circularam junto a manchetes como “60 horas de loucura de Britney Spears”, “A Fúria de Britney” e “*Meltdown*”,¹¹³ palavra que, além de descrever seu estado como um extremo descontrole emocional, também insinua a degradação de sua imagem.

Figura 21 – Britney Spears logo depois de investir contra o carro do *paparazzo* Daniel Ramos.



Fonte: Agência X17.¹¹⁴

¹¹³ No sentido literal, “derretimento” ou “fusão”.

¹¹⁴ Disponível em: <<https://x17online.com/gallery/view/britney-head-shave-gal>>. Acesso em 27 ago. 2023.

Nos primeiros anos de fama, Britney ostentava uma aparência de doçura, inocência, sensualidade e beleza, esta última concretizada em um corpo jovem, branco, magro e delicado. Seus desvios em relação às normas de gênero e de sexualidade implicaram, assim, um rompimento radical dos contratos simbólicos firmados — tanto aquele com seus públicos quanto o que rege as condições de existência das mulheres, seus modos de ser e estar no mundo. As textualidades midiáticas produzidas a partir de então incitavam os enunciatórios a participar de forma ativa da sanção que elas ajudavam a promover. Na medida em que rotulavam a cantora como louca e ameaçadora, corroboravam estereótipos negativos em torno do adoecimento psíquico e convidavam a aderir aos termos de um regime punitivista, voltado à apreciação sádica e ao entretenimento. Frente a esses textos, uma inclinação solidária só se faria possível a partir de uma oposição crítica, que recusasse por completo o fazer-persuasivo dos sujeitos-enunciadores — como foi o caso da manifestação da fã Cara Cunningham (ver p. 55).

À condenação midiática, encadearam-se sanções psiquiátricas e jurídicas. No início de 2008, Britney foi submetida a uma internação compulsória. Imagens do seu corpo sendo levado para a ambulância, com braços e tornozelos amarrados à maca, foram veiculadas em programas televisivos, jornais e revistas. Pouco depois desse episódio, ela foi declarada incapaz pela Justiça dos EUA e interdita por seu pai, a quem foi transferido o controle quase irrestrito sobre seu patrimônio, sua carreira e sua vida pessoal.

Figura 22 – Capas do tabloide *National Enquirer* (jan. 2008) e das revistas *Ok Weekly* (mar. 2008) e *Star* (jan. 2008).



Fonte: Composição da autora.¹¹⁵

¹¹⁵ Capas disponíveis em: <<https://online.berklee.edu/takenote/framing-britney-spears-what-it-teaches-us-about-the-disparity-between-male-and-female-performers/>>, <<https://www.ebay.com/itm/155440331007>> e <<https://www.ebay.com/itm/144996544201>>. Acesso em 25 ago. 2023.

3.2.3. Esquema III: Das suspeitas do fandom ao movimento Free Britney

No esquema anterior, identificamos os quatro componentes de estigma que enumeram Link e Phelan (2001): Britney foi rotulada como “mulher louca”, estereotipada como perigosa, exposta a rituais públicos e midiáticos de discriminação e privada do pleno exercício de seus direitos. Ainda que se mantivesse em posições favoráveis em vários eixos de opressão/privilégio (Carrera, 2020), suas afrontas a normas sexuais e de gênero, bem como sua psiquiatriação, abalaram os valores modais que havia conquistado previamente. Nesse contexto, sua interdição não foi problematizada pela grande mídia nem por boa parte dos públicos, ao menos não de início. Mas, diante da sucessiva renovação da curatela, a princípio temporária, segmentos da base de fãs da cantora começaram a questionar os fundamentos legais para a pertinência e a manutenção do instrumento.¹¹⁸ O primeiro ponto que despertava dúvidas é que, depois de poucas semanas de intervalo em sua carreira, Britney retornou à cena *pop* em uma intensiva rotina de trabalho. Reproduzimos abaixo um texto publicado no *The Intercept Brasil*¹¹⁹ que sintetiza essa inquietação:

[...] como uma pessoa declarada incapaz, com demência, pode ter lançado quatro álbuns, feito duas turnês mundiais, somando 176 shows, e uma das residências de Las Vegas mais bem-sucedidas da história? Ou como poderia ter atuado como jurada do programa de talentos *The X Factor* e feito aparições especiais em diversas séries de TV, como *Jane the Virgin*, em 2015, e *How I Met Your Mother* – essa, apenas um mês após perder seus direitos? (Lara, 2021).

Em 2019, uma série de ocorrências acentuou ainda mais a crença dos fãs de que a diva estaria sendo economicamente explorada por sua família. Dentre elas listamos: o súbito anúncio do cancelamento do espetáculo *Domination*;¹²⁰ o pedido de demissão de um dos advogados que gerenciava sua curatela, sob a alegação de que Britney estaria sujeita a “um detrimento

¹¹⁸ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/05/17/arts/music/britney-spears-conservatorship-mental-health.html>>. Acesso em 10 set. 2021.

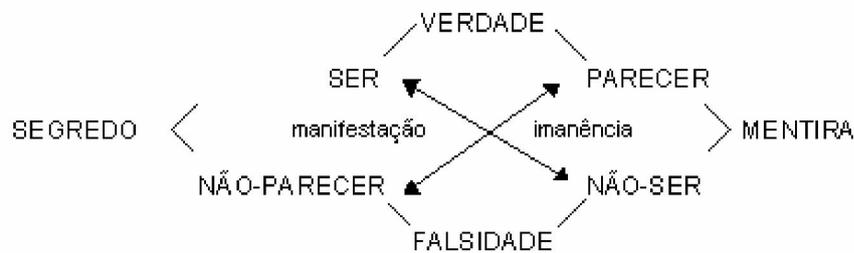
¹¹⁹ Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/30/britney-spears-abuso-sexual-lei-maria-da-penha>>. Acesso em: 26 set. 2022.

¹²⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/01/04/britney-spears-cancela-temporada-de-shows-em-las-vegas-para-ficar-com-o-pai-doente.ghtml#>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

substancial, dano irreparável e um perigo imediato”;¹²¹ e dúvidas a respeito das circunstâncias de internação da cantora em uma instalação psiquiátrica,¹²² em abril daquele ano.

Neste momento, torna-se central para a narrativa um fazer interpretativo de destinadores-julgadores, regido pela perturbação do regime veridictório (Figura 24). Fundada na oposição das categorias /ser/ vs. /parecer/, a veridicção determina “a relação do sujeito com o objeto, dizendo-a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta” (Barros, 2005). Entra em cena um “jogo de máscaras”, com “segredos que devem ser desvelados” e mentiras que precisam ser trazidas à tona (Fiorin, 2021, p. 31).

Figura 24 – Modalização veridictória.



Fonte: Greimas e Courtés *apud* Barros, 2005, p. 47.

Formado em grande parte por pessoas diversas da comunidade LGBTQIAPN+¹²³ e por mulheres heterossexuais cisgênero, o *fandom* passa a ser movido pela suspeita (*crer não-ser e querer-saber*), pela solidariedade (que conduz a um *querer-fazer*) e por um senso de indignação (que por sua vez mobiliza um *dever-fazer*). Sabendo valer-se da arquitetura algorítmica das redes sociais, perfis oficiais de bases de fãs em diferentes países começam a publicar e compartilhar postagens que faziam ecoar denúncias, hipóteses e reivindicações contrárias à curatela, indexadas pela *hashtag* “#FreeBritney”. Tal tática já havia se mostrado eficiente em iniciativas de ativismo digital precedentes, como o “#MeToo” e o “#NiUnaMenos”.

¹²¹ Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/audiencia-para-definicao-da-tutela-de-britney-e-adiada-por-causa-do-coronavirus-2>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

¹²² No *podcast Britney's Gram* (disponível em: <<https://britneysinstagram.libsyn.com/75-freebritney>>), um informante denunciava que Britney havia sido internada contra sua vontade, após deixar de tomar sua medicação. O episódio depois foi confirmado por evidências apuradas no documentário *Controlling Britney Spears* (2021).

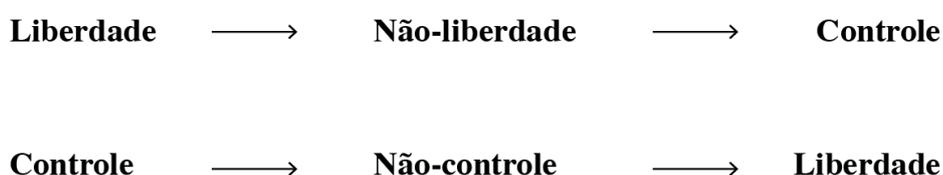
¹²³ Em entrevista à NBC, Samantha Stark, diretora dos documentários *Framing Britney Spears* (2021) e *Controlling Britney Spears* (2021), afirma que “as vozes mais expressivas do movimento [Free Britney] são *queer*” (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/framing-britney-spears-examination-movement-s-queer-voices-n1258396>>. Acesso em 8 nov. 2021.

As ações coordenadas pelo *fandom* ultrapassaram seus circuitos e conseguiram envolver atores que, a princípio, poderiam não ter um forte vínculo com a cantora, mas se empatizavam com a situação de opressão que aparentemente a cercava. Afinal, ser alvo de assédios públicos, bem como ter seu corpo, seu comportamento e sua sexualidade legislados por uma figura familiar masculina são experiências com que boa parte dos apoiadores poderia se identificar. O movimento passou a aglutinar, em torno de si, um corpo coletivo heterogêneo, de contornos menos precisos, mas com maior capacidade de alcance e infiltração.

3.2.4. Esquema IV: Britney depõe contra a curatela

Em mais de uma ocasião, a *hashtag* “#FreeBritney” despontou como um dos tópicos mais discutidos no *Twitter* e como um dos termos mais pesquisados no *Google*. A enorme adesão pública conferiu visibilidade ao movimento, pressionando a agenda midiática para colocar em pauta a contestação da curatela. Canais jornalísticos de referência começaram a produzir longas reportagens e a cobrir novas ocorrências. Embora não fossem feitas asserções conclusivas, toda essa conjuntura contribuiu para que fosse admitida a possibilidade de que a cantora poderia, de fato, estar sofrendo abusos. Como consequência, os sentidos das categorias semânticas de base começam a ser reorientados (Figura 25).

Figura 25 – Percursos fundamentais.



Fonte: Composição da autora.

No “Esquema I”, verificamos que o corpo e a performatividade de gênero de Britney eram regulados desde sua infância. Esse estado de *não-liberdade* é sucedido, no “Esquema II”, por uma negação quase absoluta de sua autonomia, com a asserção do controle jurídico e

familiar, encarnado na figura de seu pai. Porém, graças à instabilidade veridictória ativada no “Esquema III”, inicia-se um fluxo oposto, cujos vetores agora se tornam ainda mais acentuados.

A reorientação da categoria tímica¹²⁴ influencia todas as relações de comunicação entre os sujeitos, incidindo sobre as fases da manipulação, da ação e da sanção. Modifica também os sentidos da estrutura discursiva. Conforme indica Fiorin, “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto” (Fiorin, 2021, p. 23). A partir do depoimento público da cantora, em junho de 2021, vemos o controle ser valorado negativamente como “opressor”, “abusivo e “desmoralizante”.¹²⁵ A liberdade, agora identificada com a autonomia, torna-se eufórica, desejada e digna de ser celebrada:

A cantora Halsey se manifestou em suas redes sociais, dizendo que “**espero de todo o coração que ela seja liberta** desse **sistema abusivo**.” “Ela merece isso mais do que tudo. Admiro sua coragem por ter falado por si mesma hoje. Além disso, f. quem pensa que tem autoridade, como instituição ou indivíduo, para controlar a saúde reprodutiva de uma pessoa”, completou.

(Trecho extraído do Anexo A.2, grifo nosso)

De acordo com as informações do jornal americano, Britney reclamou na Justiça do controle que o pai **impunha**, escolhendo desde com quem ela namorava à cor dos armários da cozinha. “Ela afirmou que sente que a tutela se tornou uma ferramenta **opressora** e de controle sobre ela”, escreveu um investigador em um relatório de 2016.

(Trecho extraído do Anexo A.5, grifos nossos)

Como é característico dos gêneros jornalísticos, os enunciados acima se valem do procedimento de desembreagem interna (Barros, 2005), que ocorre quando o narrador cede a palavra a um interlocutor inscrito no próprio texto, por meio do discurso direto. Ao delegar a outros atores — no caso, “a cantora Halsey” e “um investigador” — uma tomada de posição mais categórica frente à contestação da curatela, o sujeito-enunciador esquia-se da responsabilidade pelas opiniões expressas e reafirma-se como distante, isento e objetivo. Além disso, a evocação da “cantora Halsey” no primeiro trecho cumpre a função de conferir um senso de relevância, demonstrando a adesão ao debate por outras pessoas proeminentes da cena *pop*.

É possível presumir que o fazer-persuasivo do “*Free Britney*” modalizou também a própria Britney Spears, que decidiu se pronunciar em uma audiência aberta.¹²⁶ Na ocasião, ela

¹²⁴ A categoria tímica euforia vs. disforia orienta a qualificação das categorias semânticas. O termo marcado como eufórico é considerado um valor positivo, estabelecendo uma relação de conformidade entre sujeitos e objetos. Aquele marcado como disfórico, por sua vez, é considerado um valor negativo, indicando uma relação de desconformidade (Barros, 2005; Fiorin, 2021).

¹²⁵ Cf. Anexos A.1, A.2, A.4. e B.3.

¹²⁶ A transcrição integral do depoimento pode ser consultada no Anexo H.

pediu “desculpas” por seu silêncio até o momento, justificando que estava em “em negação” e “com vergonha”.¹²⁷ Afirmou, ainda, ter pensado que ninguém acreditaria em seu relato:

“É constrangedor e desmoralizante – esse é o principal motivo pelo qual nunca disse isso abertamente. E principalmente, eu não queria dizer isso abertamente, porque eu honestamente não achei que alguém acreditaria em mim, para ser honesta com você. [...] eu não queria dizer nada disso a ninguém publicamente. As pessoas zombavam de mim ou riam de mim e diziam: ‘Ela está mentindo, ela tem tudo, ela é Britney Spears’. Eu não estou mentindo. Eu só quero minha vida de volta.”

(Trecho extraído do depoimento de Britney Spears – Anexo H)

Quando antecipa o julgamento negativo e o descrédito automático de sua fala, percebemos o agenciamento de processos de auto-estigma, que “incluem tanto a apreensão de ser exposto à estigmatização quanto a potencial internalização de crenças e sentimentos associados à condição estigmatizante” (Bos *et al.*, 2013, p. 2).¹²⁸ Contudo, ao contrário das expectativas expressas pela diva, a adesão pública ao movimento criou condições favoráveis para que sua fala fosse percebida como crível ou, ao menos, merecedora de investigações. Até então apresentada como um sujeito passivo, em aparente conformidade com os mecanismos de controle a que estava submetida, Britney passa a assumir o papel de um sujeito competente, em condições de realizar a performance de reapropriação do valor liberdade. Movida pelo desejo de recuperar sua própria autonomia e de punir os responsáveis por seu sofrimento, a cantora passa a atuar também como sujeito destinador-julgador. Embora não chegue a concretizar por si mesma todas as sanções pragmáticas, já que muitas delas dependem de instâncias posteriores, seu depoimento sinalizou o descumprimento do contrato assumido por aqueles que geriam sua curatela: em lugar de ser protegida, Britney declarou que em realidade estava sendo explorada.

“As pessoas que fizeram isso comigo não deveriam ser capazes de ir embora tão facilmente”.

“E eu honestamente gostaria de processar minha família, para ser totalmente honesta com você. Eu também gostaria de poder compartilhar minha história com o mundo, e o que eles fizeram comigo, ao invés de manter como um segredo para beneficiar todos eles. Quero ser ouvida sobre o que eles fizeram comigo [...]”.

(Trechos extraídos do depoimento de Britney Spears – Anexo H)

O percurso da sanção se estende no horizonte narrativo, excedendo os limites do nosso traçado no eixo temporal. Em agosto de 2021, Jamie Spears renunciou ao papel de curador; cerca de um mês depois, o tribunal oficializou a sua suspensão e, em novembro do mesmo ano,

¹²⁷ Cf. Anexo A.1.

¹²⁸ No original: “It includes both the apprehension of being exposed to stigmatization and the potential internalization of the negative beliefs and feelings associated with the stigmatized condition”.

a interdição foi oficialmente encerrada. Ainda hoje, em 2023, são conduzidas investigações para apurar a culpabilidade dos envolvidos. Todos esses marcos são repercutidos pela imprensa, além de celebrados pelos fãs e comentados pela própria cantora. Observamos, ainda, que esse processo não se detém em desdobramentos restritos à esfera jurídica, como ilustrado pelas manchetes a seguir:

“Britney Spears publica foto de *topless* e questiona padrões de beleza”

(Anexo F.3)

Britney Spears publica fotos nua de viagem nas redes sociais

(Anexo D.2)

“Britney Spears diz que se afastará da carreira após fim da tutela do pai”

(Anexo F.2)

“Britney Spears diz que Donatella Versace está fazendo seu vestido de noiva”

(Anexo G.5)

À primeira vista desconexos, esses textos se ligam uns aos outros sob o programa narrativo de retribuição. É interessante notar que as recompensas distribuídas a Britney estabelecem um diálogo estreito com as violações expostas em seu pronunciamento, enumeradas no Quadro 5.

Quadro 5 – Correspondência entre denúncias e temas evocados.

Denúncias	Tema(s) evocado(s)
a. Interdição do desejo de Britney de engravidar novamente, através da manutenção de um dispositivo intrauterino (DIU) contra sua vontade.	Direitos reprodutivos, direitos sexuais, autonomia, consentimento.
b. Negação de seu pedido para casar-se com seu então parceiro, o modelo Sam Asghari.	Casamento; Relacionamento amoroso; Patrimônio financeiro.
c. Manutenção de uma rotina exaustiva de <i>shows</i> e ensaios. No caso de recusar-se a participar, Britney sofria ameaças de ser internada, forçada a tomar doses debilitantes de medicamentos psicotrópicos e impedida de ver seus filhos.	Trabalho; Psiquiatria; Exploração econômica; Maternidade; Família.

Fonte: composição da autora.

A reaquisição do valor *liberdade* oferece competência modal para que a cantora transforme sua relação com outros objetos, como casamento, maternidade e trabalho. O gesto de publicar “fotos nua [...] nas redes sociais” pode ser percebido como indício de que ela estaria enfim no controle de seu próprio corpo, ao contrário do estado que verificamos na denúncia *a*. Já a encomenda do vestido de noiva opõe-se à situação de impedimento de oficializar sua união afetiva (denúncia *b*). Por último, o anúncio do afastamento da carreira musical denota que a diva conseguiu fazer valer suas decisões sobre a sua rotina de trabalho, superando o estado verificado na denúncia *c*.

No que tange o tema da maternidade, destacamos a manchete “*Ex de Britney defende maior contato dela com os filhos: 'Com segurança e supervisão'*” (Anexo E.2). Ao frisar que o contato com os filhos precisa ser feito “com segurança”, fica pressuposta uma situação anterior de risco, que reativa a imagem da cantora enquanto uma mãe “perigosa” e “em colapso”. Mesmo tendo se passado mais de 15 anos desde os acontecimentos que culminaram em sua interdição, esses títulos demonstram como Spears segue sendo marcada por textos estigmatizantes.

Ainda nessa trilha, vale observarmos os processos de adjetivação que recobrem a figura de Britney. Em texto publicado no *F5* em 24 de junho de 2021 (Anexo A.3), detectamos mais uma vez a vinculação da cantora a traços semânticos associados às temáticas do perigo e da violência, muitas vezes sob a forma de metáforas — “as *explosivas* declarações da cantora”; “a *pop star* [...] fez um *violento* ataque à tutela”; “foi uma crítica *fulminante* ao processo de tutela e aos membros de sua família”; “uma *onda* de acusação, *raiva* e arrependimento” (grifos nossos). Essas descrições passionais contribuem para criar uma cena discursiva e concretizar os atores que dela participam, projetando traços sensoriais em suas falas e gestos. Mesmo assim, é perturbador que não seja o tribunal, o Estado, a instituição da curatela ou Jamie Spears a figurarem a violência, mas sim a mulher que testemunha publicamente sobre os abusos físicos e emocionais que teria sofrido por mais de uma década. Ao mesmo tempo em que implica a impetuosidade agressiva da cantora, o texto também a reveste de traços de fragilidade: “ela parecia isolada, perdida e solitária; uma superestrela que fora manipulada sem piedade”. Ao alternarem entre a pena e o medo, esses enunciados convergem com a ambivalência de sentidos que, como discutimos na seção 1.2.4 do presente trabalho, conforma a imagem discursiva da mulher marcada pelo atributo da loucura.

O procedimento de figurativização se dá de forma distinta no texto intitulado *O uso forçado de contraceptivos declarado por Britney Spears é legal?* (Anexo B.2). Ainda que as

declarações de Britney sejam descritas como “chocantes”, são outros os actantes a serem identificados como intimidadores ou assustadores:

O uso de métodos contraceptivos **impostos** por um tribunal é raro em casos de tutela. Mas o espectro que isso desperta – o da esterilização forçada – tem um longo e **sombrio** histórico nos Estados Unidos, especialmente.

“**Forçar** uma pessoa a fazer controle da natalidade **contra sua vontade** é uma **violação** dos direitos humanos mais básicos [...]”.

[...] a esterilização forçada era uma prática **desumana** [...]

Se um guardião teme que seu tutelado fará escolhas financeiramente insensatas, “a solução não é **decretar** que a pessoa não pode procriar”, disse Sylvia Law, estudiosa de leis de saúde na Escola de Direito da Universidade de Nova York. “Isso é **inaceitável**”.

No processo Buck vs. Bell, de 1927, a Suprema Corte Federal sustentou o direito de esterilizar uma mulher “mentalmente incompetente” que estava internada em uma instituição psiquiátrica estadual, e o juiz Oliver Wendell Holmes **infamemente** escreveu que “três gerações de imbecis bastam”.
(**Trechos extraídos do Anexo B.2, grifos nossos**)

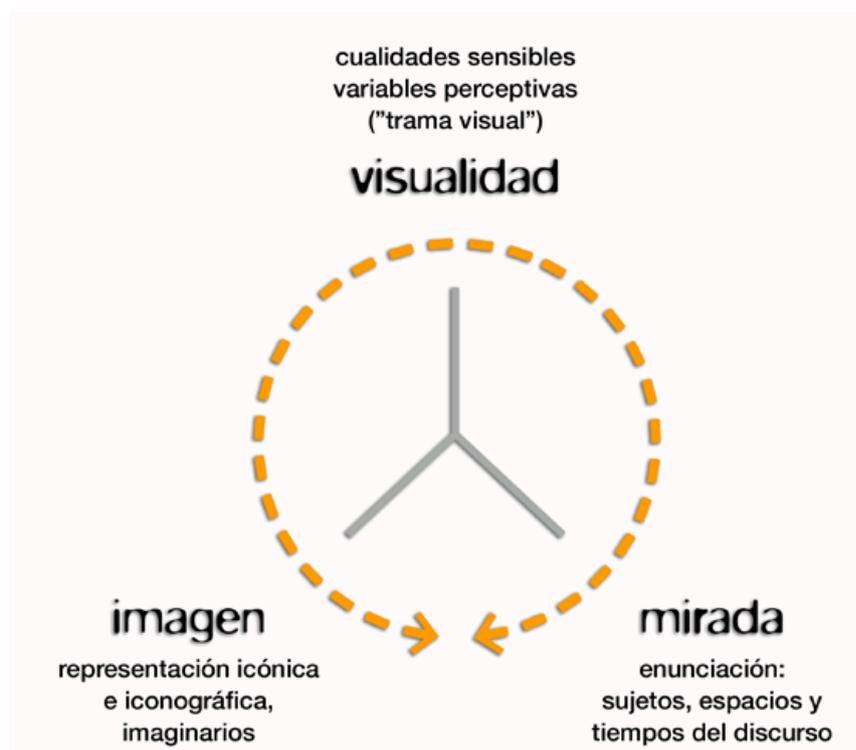
Aqui, sim, são as leis, a jurisprudência, o tribunal, a Suprema Corte, o Estado e os juízes que se apresentam em uma disposição disfórica. Não são apenas os atores que mudam, mas a própria natureza dos atos: suas práticas não são descritas como o resultado de uma agressividade arrebatada ou de um impulso mal contido, mas sim como a perpetração sistemática de uma violência institucional que rivaliza com o princípio do consentimento — este último central para a discussão sobre autonomia, direitos sexuais e direitos reprodutivos. A convocação recorrente desses temas, recobertos por diferentes figuras, reitera o eixo semântico sobre o qual se estrutura a significação do percurso gerativo.

3.3. Espaço sinóptico

Para Gonzalo Abril (2012), os textos visuais são compostos por três dimensões interdependentes: a visualidade, a mirada e a imagem (Figura 26). A primeira delas refere-se às propriedades sensíveis e perceptivas da trama visual, como cores, luzes, texturas, formas e aspectos compositivos. A mirada, por sua vez, corresponde à instância da enunciação, “à conformação do tempo e do espaço no discurso visual, aos lugares de subjetividade e às formas

de subjetivação” (p. 28-29).¹²⁹ Ela se relaciona aos modos privilegiados de apreensão que os textos visuais nos conferem, mediando nossas atitudes e disposições frente a eles. Por último, a imagem concerne à representação, à aderência da visualidade a imaginários socialmente partilhados.

Figura 26 – As três dimensões dos textos visuais (Abril, 2012).



Fonte: IC – Revista Científica de Información y Comunicación.¹³⁰

Com limites imprecisos, os exercícios de ver, mirar e imaginar não se constituem como categorias rígidas, mas como relações de mediação que perpassam a experiência. A partir desse modelo, analisamos as camadas visuais inscritas nas textualidades em torno do “*Free Britney*”. Lançamos mão também do conceito de espaço sinóptico, que convida à observação “simultânea e integradora” do conjunto de componentes que interagem na superfície gráfica (Abril, 2007, p. 82), incluindo signos tipográficos e fotográficos.

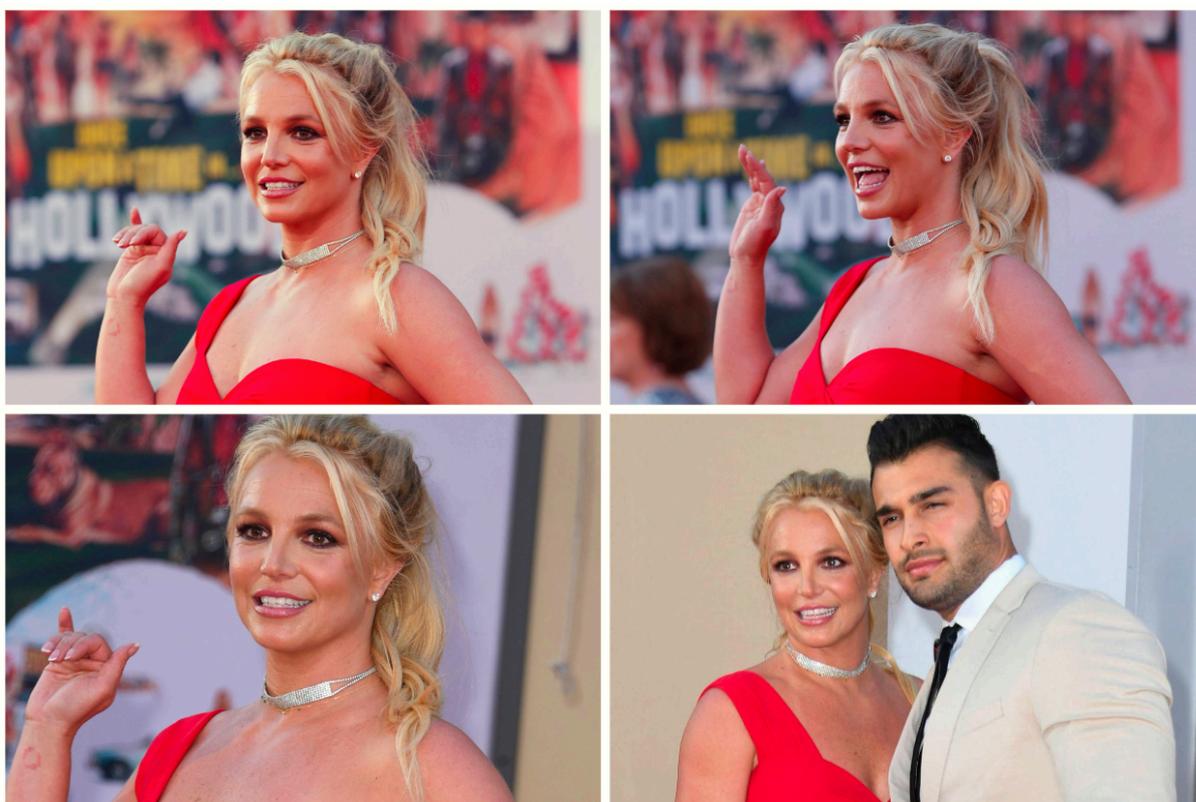
Sabemos que os procedimentos para seleção de fotografias nas redações jornalísticas estão sujeitos a contingências e pressões próprias, que podem envolver desde questões

¹²⁹ No original: “concierno a la conformación del tiempo y del espacio en el discurso visual, a los lugares de la subjetividad y a las formas de subjetivación”.

¹³⁰ Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/9/art_1.pdf>. Acesso em 28 jul. 2023.

relacionadas a custos de licenciamento a critérios orientados por lógicas algorítmicas. Contudo, por mais condicionadas ou automatizadas que tais escolhas possam ser, entendemos que as verbovisualidades emergentes são, de todo modo, produtoras de sentidos. Feitas essas ressalvas, e considerando o grande volume de retratos de que dispõe uma figura pública como Britney Spears, é curioso como dez dos trinta e oito textos que selecionamos do *F5* apresentem, logo na primeira dobra da tela,¹³¹ fotos pertencentes a um mesmo ensaio (Figura 27), datado de 2019.

Figura 27 – Ensaio fotográfico de Britney, reproduzido em dez textos coletados do *F5*.



Fonte: Composição da autora.¹³²

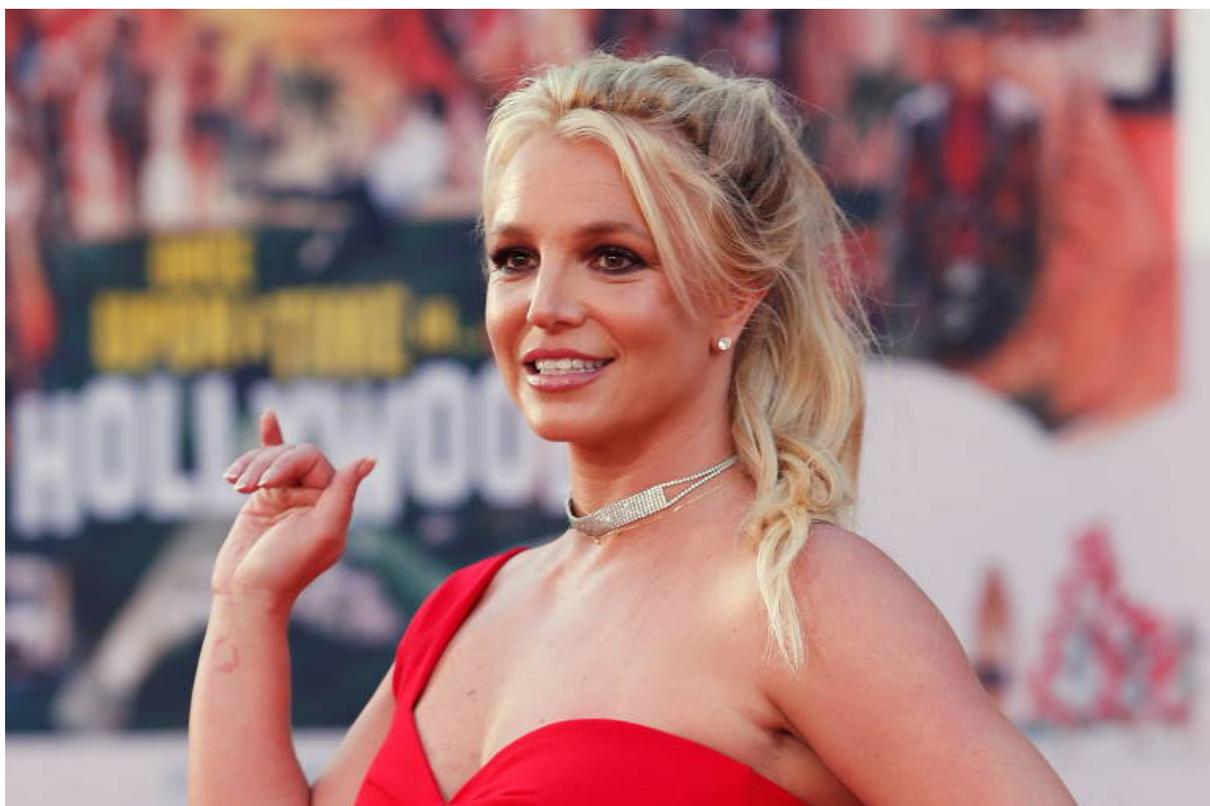
Há, no geral, pequenas variações de uma fotografia para outra, mas as coincidências formais contribuem para a percepção de um todo coeso. Em todas elas, vemos Britney enquadrada em primeiro plano, do busto para cima, a partir de um ponto de vista alinhado à altura dos olhos (Figura 28). A posição do seu corpo e a da câmera alternam sutilmente, mas seu rosto é sempre exibido em três quartos, iluminado da esquerda para a direita. Com exceção de uma foto em que está acompanhada do seu então namorado, Sam Asghari, a cantora aparece

¹³¹ Termo do design de interfaces que corresponde à área da página exibida assim que o usuário acessa o site, antes de usar a barra de rolagem. Por esse motivo, trata-se de um campo privilegiado para a exposição do conteúdo.

¹³² Fotografias extraídas dos textos selecionados do *F5* (ver anexos A.2, A.6, B.1, B.2, B.7, C.3, D.4, D.6, E.1 e F.2).

sozinha, no centro do campo. A nitidez de sua figura contrasta com o plano de fundo sempre desfocado, onde vemos cores difusas e formas que insinuam letreiros tipográficos.

Figura 28 – Retrato de Britney.



Fonte: F5 – Folha de S. Paulo.¹³³

Do ponto de vista que o retrato nos oferece, conseguimos observar a diva bem de perto: vemos suaves nuances de coloração na sua pele, pintas e pequenas manchas em seu colo, linhas de expressão em sua testa, o volume e o brilho de seus dentes, precisamente alinhados. Com olhos, lábios e bochechas maquiadas, Britney veste um traje vermelho com decote sinuoso, preso a seu ombro direito por uma alça única. Em seu pescoço, usa o que parece ser uma gargantilha coberta de diamantes e uma fina corrente dourada com pingentes verdes. Em sua orelha esquerda, está um pequeno brinco circular, que reflete a fonte luminosa. Seu cabelo loiro e comprido está parcialmente amarrado, com os fios levemente desorganizados, apoiados sobre o ombro esquerdo.

O que vemos, lembra-nos Abril (2012), relaciona-se com o que sabemos e acreditamos: embora não vejamos o corpo inteiro da cantora, nem tenhamos à disposição muitos detalhes do

¹³³ Fotografia encontrada nos anexos A.2, A.6, B.2, B.7 e D.4.

cenário, supomos, antes mesmo de recorrer às legendas,¹³⁴ que ela está em algum evento de gala. Tampouco podemos ver o tapete vermelho, objeto típico dessas ocasiões, mas de algum modo inferimos sua presença, sugerida pelo vestido de mesma cor. Porém, não são só as roupas e as joias que dão pistas do contexto. Tanto a composição quanto a gestualidade que a fotografia organiza apontam para uma modalidade específica de registro: a cobertura de festas e cerimônias de luxo, tal como encontramos em colunas sociais e em revistas *people* (Figura 29).

Figura 29 – Retratos das atrizes Natalie Portman, Renée Zellweger e Penelope Cruz na cerimônia do Oscar de 2020.



Fonte: Revista Quem.¹³⁵

A visualidade e a mirada de cada uma das fotos do ensaio de Britney ativam, portanto, um repertório identificável, que marca a cantora enquanto celebridade. Até mesmo quem não lhe conhece provavelmente irá suspeitar de seu estatuto diante da posição que os retratos lhe conferem. Como comentamos na introdução deste trabalho, ao contrário de lutas antimanicomiais e outros movimentos que se formam ao redor do estigma da loucura para

¹³⁴ Como nos informam algumas legendas, o ensaio de autoria de Mario Anzuoni (Agência Reuters) foi produzido na estreia do filme “Era uma vez em Hollywood”, em Los Angeles, no ano de 2019.

¹³⁵ Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/02/oscar-2020-confira-os-looks-do-red-carpet.html>>. Acesso em 28 ago. 2023.

combatê-lo de forma ampla, o “*Free Britney*” orbita a figura de Spears; é sobretudo a sua condição de diva que mobiliza o interesse dos públicos em torno da contestação de sua curatela. Por isso, sua rápida identificação como ícone da cultura *pop* se faz estratégica para a aceitabilidade desses enunciados (Costa Val, 1991).

Outro ponto é que esse tipo de registro se difere de fotografias de estúdio, como as que estampam as matérias de capa que a cantora protagonizou nos primeiros anos de carreira. Também não coincide com a linguagem dos flagrantes *papparazzi*, como vimos nos tabloides de 2007. A cobertura de eventos cerimoniais parece um ponto médio entre essas duas modalidades — não se trata de uma produção tão controlada, mas também não é de todo espontânea.

Figura 30 – Detalhes do retrato de Britney.



Fonte: Composição da autora.

É convencional nesses eventos uma certa ritualidade fotográfica, com termos tacitamente pactuados entre seus participantes. Mais que um acordo firmado fora do campo e do tempo fotográfico, a codificação ritual se inscreve em toda a superfície do retrato. O próprio gestual de Britney se orienta pelo *script* do papel que, na qualidade de célebre, espera-se que

assuma naquela situação. Acenando e sorrindo, dispõe por alguns instantes de sua figura para que sua presença seja registrada e reproduzida. No entanto, há algo de mecânico que transparece na estilização corporal (Figura 30). Quando confrontado com seu olhar e com a conformação de seus músculos faciais, seu sorriso se parece mais com uma *representação* de um estado alegre do que com uma *expressão* emocional genuína. Também notamos que seu aceno não segue a direção para onde apontam seus olhos; os dedos meio dobrados ficam suspensos em uma conformação tensa, com a palma da mão virada para um ponto diferente daquele para que se volta o rosto. Essas pequenas contradições e inconsistências corporificadas imprimem na fotografia um sentido de artificialidade ou, melhor, de não-autenticidade — fotos de estúdio são até mais artificiais, mas costumam ser mais bem-sucedidas em apagar suas condições de feitura.

Ainda que algumas possibilidades de significação sejam sinalizadas pelas dimensões visíveis e invisíveis, constatamos nessa série de retratos uma relativa polissemia, demonstrada por sua adaptabilidade a aproximações intertextuais diversas. Nos exemplos a seguir, o “*tchauzinho*” de Britney se reinscreve nas tramas estabelecidas pelos títulos e subtítulos e dramatiza, no espaço sinóptico, uma despedida irônica da cantora (Figura 31).

Figura 31 – Espaço sinóptico: anexos B.1 (esq.) e F.2 (dir.).



Fonte: Composição da autora.

Percebemos aqui um descompasso entre o tom e o teor dos componentes linguísticos e a configuração eufórica que o texto visual assume. As cenas que se insinuam entre a figura do retrato e os actantes do texto verbal sugerem uma certa infantilização de Britney, cuja

expressividade despreocupada parece alheia ao “medo de errar”, à “perseguição dos *paparazzi*”, ao afastamento da carreira e à administração de seu patrimônio financeiro. Esse tipo de abordagem também minimiza a seriedade dos assuntos tematizados, conferindo um senso de frivolidade a toda a narrativa.

Figura 32 – Espaço sinóptico: anexos C.3 (esq.) e D.4 (dir.).

< celebridades

Britney Spears se livra da tutela do pai após 13 anos

Por enquanto, ela continuará com dois tutores apontados pela Justiça



Britney Spears durante evento em Los Angeles - Mario Anzuoni-22.jul.2019/Reuters

< celebridades

Britney Spears: Famosos e anônimos celebram após pai deixar tutela da cantora

Ela travava uma batalha com o pai na Justiça



Britney Spears - AFP

Fonte: Composição da autora.

Já nas aproximações acima (Figura 32), observamos uma qualificação mais celebrativa. Na justaposição das camadas, o sorriso da cantora, originalmente registrado em uma pré-estreia cinematográfica, é deslocado a um contexto virtual, convertendo-se na reação que poderia ter esboçado diante das notícias sobre a remoção de seu pai da curatela. Entretanto, alguns dos aspectos que comentamos antes — a expressão facial cansada, o desencontro entre aceno e olhar, a suspensão tensa dos dedos — contribuem para reforçar sentidos contraditórios. No caso do texto *Britney Spears: Famosos e anônimos celebram após pai deixar tutela da cantora*, a relação do retrato com o subtítulo sugere dúvida e apreensão: “**por enquanto**, ela continuará com dois tutores [...]” (grifo nosso). Já naquele intitulado *Britney Spears se livra da tutela do pai após 13 anos*, a linha fina “ela **travava uma batalha** com o pai na Justiça” pode insinuar um estado de cansaço ou de desgaste (grifo nosso). Indicamos aqui algumas possibilidades interpretativas, mas a abertura a diferentes sentidos ultrapassa o que esses exemplos dão conta de abarcar. De toda forma, o que parece haver em comum entre esses dois últimos arranjos

verbovisuais é uma euforia comedida, com a sinalização de uma tendência ligeiramente disfórica, condizente com os traços presentes nas fotografias.

É notório que, na última semana de nossa coleta, quando a curatela foi encerrada em definitivo, não foram publicadas fotos desse ensaio. Em seu lugar, foram usados registros de manifestações de apoio ao “*Free Britney*” e um outro retrato da cantora (Figura 33). Nele, Spears também sorri e acena, mas os detalhes de sua composição gestual parecem ser um pouco mais coesos entre si e mais consistentes com uma expressão de alegria.

Figura 33 – Retrato de Britney Spears no 29º Prêmio *GLAAD Media* em Beverly Hills, Califórnia, 2018.



Fonte: F5 – *Folha de S. Paulo*.¹³⁶

Identificamos, ainda, uma outra categoria de sentidos na integração das fotos da pré-estreia ao espaço sinóptico. Nas manchetes enumeradas a seguir (Figura 34), são convocadas as temáticas mais inquietantes pautadas pelo depoimento da cantora, como a exploração por sua família, a interdição de seu desejo de engravidar e o uso do DIU contra a sua vontade.

¹³⁶ Foto por Mario Anzuoni (Reuters), extraída dos anexos F.3, F.4 e F.6.

Figura 34 – Espaço sinóptico: anexos A.6 (esq.), B.7 (dir., acima) e B.2 (dir., abaixo).

< música

Britney Spears diz que vivia com medo e era forçada pelo pai a trabalhar

Jornal americano teve acesso a relatório da Justiça sobre tutela da cantora



Britney Spears durante evento em Los Angeles - Mario Anzuoni-22.jul.2019/Reuters

< celebridades

Ex-marido de Britney Spears afirma querer cantora 'feliz e saudável'

Kevin Federline revelou que artista desejava ter uma filha



Britney Spears na premiere do filme "Era Uma Vez em Hollywood" - REUTERS

< celebridades

THE NEW YORK TIMES

O uso forçado de contraceptivos declarado por Britney Spears é legal?

Cantora alegou, em audiência, que usa DIU contra sua vontade



Fonte: Composição da autora.

Estas montagens parecem, em algum nível, lançar mão do senso de não-autenticidade que discutimos previamente. A disforia das manchetes se estende às fotografias e potencializa uma percepção geral de estranheza e desajuste. A tensão veridictória entre /ser/ e /parecer/ manifesta-se no espaço sinóptico e acentua algo de desconcertante na incongruência posada de Britney. Em *Britney Spears diz que vivia com medo e era forçada pelo pai a trabalhar*, o sorriso artificial da cantora pode ser lido como uma tentativa custosa de manter as aparências e encobrir os abusos que vinha sofrendo. O sentido que se sugere nessa relação, em contrapartida, abre espaço para questionamentos: era falsa a sua performance, então, durante os 13 anos em que esteve sob a curatela, ou é da veracidade do seu relato à Justiça de que deveríamos desconfiar? Qualquer que seja a posição a que os sujeitos-enunciatórios estejam mais inclinados a aderir, a credibilidade de Britney é sutilmente posta em dúvida. Efeito similar é produzido em *Ex-marido de Britney Spears afirma querer cantora "feliz e saudável"*: o título implica que, no momento do enunciado, Britney estava em disjunção com os valores /felicidade/ e /saúde/. Entretanto, a expressão emulada por seu semblante, a sua pose e a sua própria presença em uma festa de gala

fazem pouco para satisfazer as expectativas generalizantes de como uma pessoa abatida e debilitada deveria se parecer.

Antes de encerrarmos nossas análises, cabe comentar mais uma classe de retratos que identificamos nos trinta e oito textos que selecionamos do *F5*. Notamos que oito deles são ilustrados por *selfies* extraídas do Instagram da cantora.¹³⁷ Algumas delas são tiradas frontalmente, à altura dos olhos, outras em um suave *plongée*, mas, em todas elas, Britney olha diretamente para a câmera. Com uma maquiagem mais leve em comparação com as imagens anteriores, roupas menos formais e expressões mais relaxadas, vemos menos a diva e mais a Britney “de-carne-e-osso”. Ao contrário do que verificamos nos flagrantes *papparazzi* em 2007, aqui Spears parece participar mais ativamente da forma como seu corpo é apreendido. A maioria desses retratos é integrada de forma eufórica no espaço sinóptico, corroborando sentidos de liberdade e de reparação (Figura 35).

Figura 35 – Espaço sinóptico, anexo C.1.

< [celebridades](#)

Britney Spears dança e celebra após o pai desistir da tutela: 'Liberdade'

Cantora usou a hashtag #FreeBritney, criada por apoiadores, nas redes



Britney Spears - Instagram/britneyspears

Fonte: Composição da autora.

¹³⁷ Cf. anexos C.7, D.2, D.6, E.2, E.3, E.4, F.3, G.5.

Outros arranjos, contudo, condensam sentidos contrários. No caso de fotos que exibem Britney nua ou seminua (Figura 36), ao menos duas possibilidades interpretativas são sugeridas: alguns sujeitos-enunciatários podem ler a nudez como uma expressão da liberdade do seu corpo, não mais constrangido pelas imposições de seu pai ou pelo dispositivo jurídico da curatela; já outros podem qualificar a auto exposição como um comportamento inapropriado ou excessivo, um indício de um estado mental fragilizado que serviria de argumento para o retorno da interdição. Sem se fixar em uma posição definitiva do desdobramento polêmico, essas textualidades valem-se de sua ambivalência e mantêm-se suspensas no novo horizonte tensivo que começa a se conformar.

Figura 36 – Espaço sinóptico, anexos D.2 e F.3.



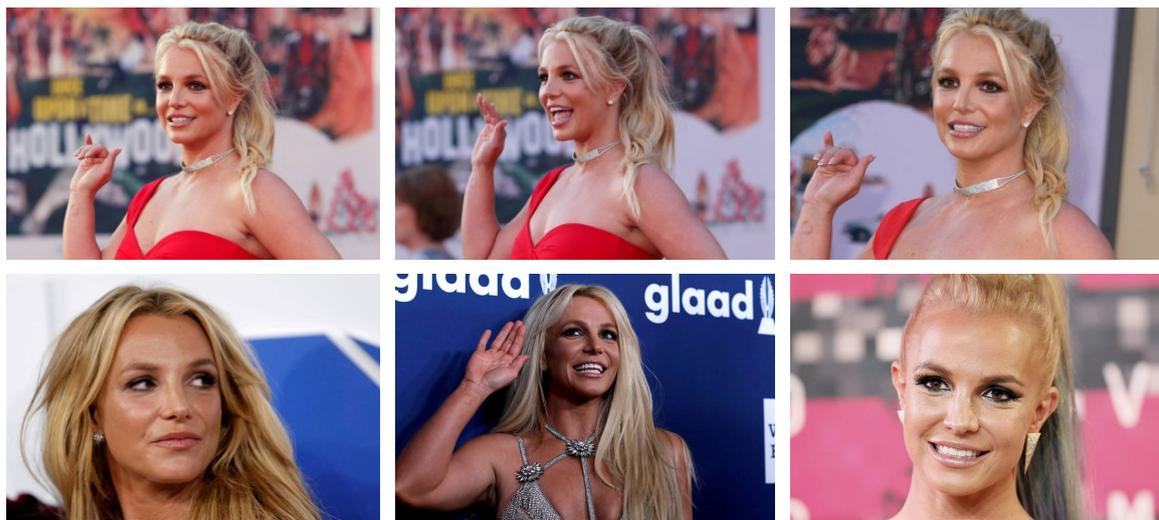
Fonte: Composição da autora.

Por fim, além das categorias de retrato já mencionadas — Britney em eventos de gala (Figura 37a) e *selfies* extraídas de suas redes sociais (Figura 38a) —, em menor proporção encontramos também fotografias que não conferem centralidade à cantora, mas sim a pessoas de seu círculo familiar e íntimo (Figura 37c); a outras celebridades (Figura 38b); e, enfim, a manifestantes que participaram das mobilizações de rua do “*Free Britney*” (Figura 37b). Nos dois últimos casos, em especial, podemos observar mais claramente como o *F5* procura responder às demandas do movimento, ao reconhecer a adesão pública às suas reivindicações e, metonimicamente, presentificar seus apoiadores. Contudo, como nos foi possível perceber, a aparência de uma inclinação solidária à pauta, que os textos do veículo por vezes parecem

assumir, coexiste com sentidos engendrados a partir das mesmas matrizes discursivas que sustentam e renovam a estigmatização de Britney Spears.

Figura 37 – Levantamento e categorização das fotografias presentes na primeira dobra das páginas eletrônicas dos textos extraídos do *F5* (parte I).

a) Britney em eventos de gala



b) Manifestações de apoio ao “Free Britney”



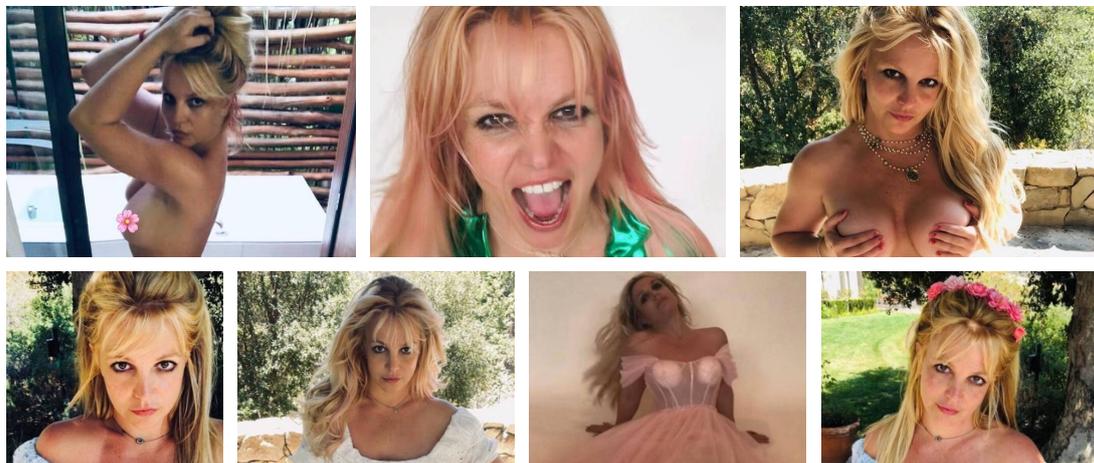
c) Relacionamentos familiares e amoroso



Fonte: Composição da autora.

Figura 38 – Levantamento e categorização das fotografias presentes na primeira dobra das páginas eletrônicas dos textos extraídos do *F5* (parte II).

a) Retratos de Britney extraídos de suas redes sociais



b) Famosos apoiam o “Free Britney”



Fonte: Composição da autora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que guiou todo movimento que fizemos até então foi: quais convocações políticas entre gênero e loucura podemos perceber nas textualidades midiáticas em torno do acontecimento *Free Britney*? Essa formulação trazia em seu interior ao menos mais duas questões — como recuperar uma trama de sentidos tecida *entre* duas categorias? E como apreender um fenômeno que está *nos arredores* de um acontecimento? Aos poucos, fomos nos dando conta de que as textualidades não permaneceriam sendo somente objeto de nosso estudo, mas se converteriam em mediadoras do nosso gesto investigativo.

Como procedimento geral, o que fizemos foi traçar linhas de conexão: entre diferentes teorias, entre acontecimentos e emergências textuais, entre enunciados e discursos. Buscamos articular o referencial metodológico do conceito de estigma (Link e Phelan, 2001) à “sensibilidade analítica” do paradigma interseccional (Akotirene, 2019); a feminização das representações da loucura à produção do corpo feminino pela Modernidade; uma tentativa de recompor as matrizes histórico-culturais de significação a uma incursão pelos mecanismos de engendramento dos sentidos.

Nossa escrita é habitada por processualidades simultâneas, entrecruzadas e integradas. À medida em que nos aproximávamos do fenômeno, sua dualidade se estendia à própria forma como organizávamos e formalizávamos nosso pensamento. Ao contrário do que a estrutura dos conteúdos aqui disponíveis pode aparentar, o processo não se deu em um só fluxo, numa rota certa, mas em uma espécie de vai-e-vem. Por tudo isso, o que se sugere como possibilidade de formato para esse fechamento também é um jogo de aproximações.

Ao longo desta dissertação e, mais especificamente, durante as análises das textualidades que orbitam o *Free Britney*, encontramos quatro isotopias ou recorrências:

a. A conformação do corpo feminino a partir do olhar masculino

A disposição passiva e dócil que caracteriza a estilização de muitos dos corpos femininos que povoam estas páginas atende ao desejo do observador masculino por autoridade e dominação sexual (Kromm, 1994). Não é que o olhar seja “essencialmente masculino, ele é sistematizado para ser masculinizado. Por essência, todavia, esse poder não é inerente a um dos polos gendrados. Ele é criado, socializado, são rastros ou marcas de como esse olhar vem sendo pensado, trabalhado e colocado em prática” (Barbosa e Francisco, 2019, p. 215). Os ordenamentos desse modo de mirar foram decisivos para a

conformação da imagem de Britney Spears no início de sua carreira, quando foi apresentada como um modelo de beleza, de desejabilidade e de performance da feminilidade. Orientado ao desejo heteronormativo e às regulações da sociedade patriarcal, foi esse mesmo olhar que, mais tarde, desaprovou e condenou a diva *pop*, não à invisibilidade, mas ao espetáculo público e midiático do seu sofrimento.

b. A patologização dos desvios e das desviantes do sistema sexo-gênero

Nos asilos vitorianos, vimos que as tentativas de reabilitar a mente se manifestavam em um rígido gerenciamento moral e estético. Constantemente monitoradas, o diagnóstico e o sucesso do tratamento das residentes eram mensurados segundo sua conformidade ou não às convenções generificadas. De forma análoga, Britney foi, desde a infância, submetida a um invasivo escrutínio midiático de seu corpo e de sua sexualidade, o que só se intensificou a partir do ano de 2007. Naquele período, seus desvios em relação às normas de gênero e de sexualidade denotaram uma ruptura radical e foram prontamente enquadrados a partir de um regime patologizante. Concluímos que a afronta à heteronormatividade foi decisiva para sua estigmatização como uma mulher insana, degenerada e impura.

c. Uma identidade contraditória, ou a contradição como identidade

A identidade da mulher marcada pelo rótulo da loucura constitui-se em uma alteridade duplamente conspurcada, forjada em contradições. As modalizações passionais que desperta alternam entre a pena condescendente, associada à fragilidade atribuída às mulheres, e o medo pré-instaurado por estereótipos psicofóbicos. Verificamos agenciamentos desses discursos nos enunciados com que nos deparamos. Neles, a figura de Britney é revestida por traços sensoriais que a qualificam como a) uma vítima patética e indefesa; b) uma filha agressiva e impetuosa; ou, ainda, c) uma mãe irresponsável e ameaçadora.

d. O dizer da “mulher louca” sob suspeita

Para nós, um dos aspectos que parecem ser mais distintivos da estigmatização de mulheres marcadas pelo rótulo da loucura é o profundo abalo do regime de apreensão veridictória de seus relatos. Textos clínicos sobre a histeria são exemplares para esse argumento: as histéricas desafiavam a ordem doméstico-familiar e a autoridade masculina dos médicos, que suspeitavam estar sendo induzidos a desempenhar, a

contragosto, o papel de cúmplices. A premissa de que elas estavam mentindo ou falseando seus sintomas para conseguir atenção ensejava um tratamento punitivo ou uma “punição disfarçada de tratamento” (Barros e Flores, 2019).

À Corte do Condado de Los Angeles, na audiência aberta de 23 de junho de 2021, Britney declarou: “eu honestamente não achei que alguém acreditaria em mim. [...] As pessoas zombavam de mim ou riam de mim e diziam ‘Ela está mentindo’”. Sua preocupação antecipa o descrédito automático que esperava ser conferido à sua fala. Embora o “*Free Britney*” tenha mobilizado uma opinião pública favorável, que tratou as alegações da cantora como dignas de serem apuradas, identificamos na cobertura do acontecimento pela imprensa a circulação de disposições divergentes. No conjunto de textos que selecionamos do portal *F5*, percebemos que as camadas visuais e as suas interações com outros componentes do espaço sinóptico repetidas vezes insinuam relações de não-autenticidade, que aderem à imagem da diva.

Abril (2007) nos lembra que “as convenções representativas desconhecem a inocência”.¹³⁸ A partir de análises de audioverbovisualidades hegemônicas, Karina Barbosa (2023) descreve como, mesmo que os produtos midiáticos possam assumir uma roupagem consonante aos valores emergentes de “movimentos identitários por reconhecimento e justiça”, os sentidos que engendram e reiteram “ainda operam a partir do heteropatriarcado” (p. 9). Identificamos esse *modus operandi* nas textualidades sobre as quais nos debruçamos.

Ao investir em “pactos de permanência”, as normas “produzem efeitos de sentido que fortalecem as condutas da heteronormatividade” e “conferem pertinência discursiva para enunciados aparentemente anacrônicos” (Mendonça, 2018, p. 18). Desse modo, a mídia assume uma posição fundamental na reprodução e na atualização de regras para “a existência, a experiência, o funcionamento dos corpos” (Leal, 2006, p. 145). Ao mesmo tempo em que reafirmam valores cristalizados no passado, essas processualidades versam sobre o futuro, em um caráter antecipativo e performativo (Abril, 2007). Rosa Maria Bueno Fischer (2002) chama atenção para a responsabilidade ética da mídia na reprodução de representações estigmatizantes: “em que medida todos esses diferentes são tratados como diferença a ser excluída ou normalizada; ou então, numa outra perspectiva: em que medida esses ‘outros’ ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente?” (p. 159).

¹³⁸ No original: “*Las convenciones representativas desconocen la inocencia*”.

Redizemos nosso movimento: nos aproximamos das reverberações midiáticas da contestação pública da curatela de Britney Spears como de um campo privilegiado de emergências textuais. Esperamos que nossos achados e os arranjos teórico-metodológicos que buscamos articular possam contribuir para o enfrentamento de outros problemas sensíveis às interseções entre gênero, loucura e mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales: mirar lo que nos mira*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

_____. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. *Revista Científica de Información y Comunicación*, v. 9, p. 15-35, 2012. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/9/art_1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

_____. Prólogo. Tradução: Carlos Mendonça. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). *Textualidades Midiáticas*. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. p. 9-15.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

APPIGNANESI, Lisa. *Tristes, loucas e más: a história das mulheres e seus médicos desde 1800*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, Karina Gomes. Notas sobre imagens de mulheres que encaram meninas mortas: olhar, corpo e enunciação em "Sharp objects" e "The killing". *Esferas*, [S. l.], v. 1, n. 27, p. 1-25, 26 ago. 2023. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14266>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BARBOSA, Karina Gomes; FRANCISCO, Rafael Pereira. Stella Gibson: luminescência na escuridão invisível. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [S. l.], v. 17, n. 31, p. 206-218, 2019. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/556>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, João; FLORES, Isadora Alves. Corpos e papéis sociais no Brasil no início do séc. XX. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 256-269, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/41141/0>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENTO, Berenice. O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos. *Revista Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 157-172, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010008>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BOS, Arjan E.; PRYOR, John B.; REEDER, Glenn D.; STUTTERHEIM, Sarah E. Stigma: Advances in Theory and Research. *Basic and Applied Social Psychology*, v. 35, n.1, p. 1-9, fev. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01973533.2012.746147>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BUTLER, Judith. *Discursos de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78, p. 1-16, jun. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARNEIRO, Ceres Ferreira. “*A culpa (não) é da outra*”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista Claudia. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-COMPÓS*, [S. l.], v. 24, p. 1-22, jan./dez. 2021. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CHESLER, Phyllis. *Women and Madness*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2005.

CHOUINARD, Vera. Placing the ‘mad woman’: troubling cultural representations of being a woman with mental illness in *Girl Interrupted*. *Social and Cultural Geography*, [S. l.], v. 10, n. 7, p. 791-804. nov. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233128705_Placing_the_'mad_woman'_Troubling_cultural_representations_of_being_a_woman_with_mental_illness_in_Girl_Interrupted>. Acesso em: 5 jan. 2022.

CONTROLLING Britney Spears: em busca de liberdade. Direção: Samantha Stark. Produção: The New York Times Company. Estados Unidos, 2021. 70 min. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/controlling-britney-spears-em-busca-de-liberdade/t/QLsVHCHqfd>>. Acesso em: 21 out. 2021.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, [S. l.], v. 1989, n. 1. p. 139-167, 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>>. Acesso em: 20 out. 2021.

_____. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. *Stanford Law Review*, [S. l.], v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

CRUZ, Nelson Falcão de Oliveira; GONÇALVES, Renata Weber; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. Retrocesso da Reforma Psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. *Trabalho, Educação e Saúde*, [S. l.], v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00285>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME / MEC, 1980.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Campinas: UNICAMP / IFCH / CECULT, 2022.

DAKHLIA, Jamil. Informar-se sobre as celebridades: por quê? A opinião dos leitores franceses sobre a imprensa *people*. In: FRANÇA, Vera *et al* (Orgs.). *Celebridades do século XXI*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista*. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

DRUMMOND, Maria Clara. Britney Spears: a vida na gaiola de ouro. *Revista TPM*, 6 mar. 2021. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/britney-spears-a-vida-na-gaiola-de-ouro>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

ERIKSON, Kai T. *Wayward Puritans: A Study in the Sociology of Deviance*. Nova Iorque: John Wiley and Sons, 1966.

FEMINA, L. L.; SOLER, A. C. P.; NARDI, S. M. T.; PASCHOAL, V. D. Lepre para hanseníase: a visão do portador sobre a mudança de terminologia. *Hansenologia Internationalis: hanseníase e outras doenças infecciosas*, Bauru, SP, v. 32, n. 1, p. 37–48, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.saude.sp.gov.br/hansenologia/article/view/35192>>. Acesso em: 12 maio. 2023.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002. p. 151-162. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

FRAMING Britney Spears: a vida de uma estrela. Direção: Samantha Stark. Produção: The New York Times Company e Left/Right Productions. Estados Unidos, 2021. 74 min. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9365752/programa/?s=0s>>. Acesso em: 21 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALZERANO, L. S. A Ofensiva Anti-Gênero na Sociedade Brasileira. *Revista Trabalho Necessário*, [S. l.], v. 19, n. 38, p. 82-104, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/45703>>. Acesso em: 25 out. 2021.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. The politics of staring: visual rhetorics of disability in popular photography. In: SNYDER, S. L., BRUEGGEMANN, B. J.; GARLAND-THOMSON, R. (Orgs.). *Disability Studies: Enabling the Humanities*. New York: The Modern Language Association of America, 2002, p. 56–75.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019. 217p. Edição do Kindle.

GRINKER, Roy Richard. *Nobody's normal*. Nova Iorque: WW Norton & Company, 2021.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Revista Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18588/5/Artigo%20-%20Carlos%20Eduardo%20Henning%20%20%20-%202015.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Boitempo Editorial. 2016. Edição do Kindle.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.), *História das mulheres no Ocidente: o Século XIX* (vol. 4). Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho *et al.* Porto/Portugal: Edições Afrontamento; São Paulo/Brasil: EBRADIL, 1991. p. 351-401.

KIAN, Azadeh. Erving Goffman: da produção social do gênero à objetivação social das diferenças biológicas. In: CHABAUD-RYCHTER, Danielle *et al.* (Org.). *O Gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. Tradução Lineimar Pereira. 1.ed. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília/DF: Ed. Universidade de Brasília, 2014. p. 313-326.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KROMM, Jane E. The Feminization of Madness in Visual Representation. *Feminist Studies*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 507-535, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/3178184>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

LARA, Bruna de. Britney Spears está sofrendo abuso sexual, segundo Lei Maria da Penha. *The Intercept Brasil*, 30 jun. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/30/britney-spears-abuso-sexual-lei-maria-da-penha>>. Acesso em: 26 set. 2022.

LEAL, Bruno Souza. Do corpo como texto: na mídia, na rua. *Revista Fronteiras* (UNISINOS), [S. l.], v. 8, n. 2, p. 144-151, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128/3303>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

_____. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). *Textualidades Midiáticas*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. p. 17-34.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. Misoginia e estereótipos de gênero na construção da imagem pública de Dilma Rousseff. *Vivência: Revista de Antropologia*, [S. l.], n. 56, p. 252-278, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23688/13605>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. *Annual Review of Sociology*, [S. l.], v. 27, p. 363–85, ago. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.363>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LOPES, Bruna Alves. A Culpabilização de mães de autistas ao longo das décadas de 1940 a 1960. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 14, n. 1, p. 178-194, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1113/pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Heteronormatividade: breves apontamentos sobre a força das leis, das normas e das regras nos processos de assujeitamento. In: GONÇALVES, Juliana Soares; TRINDADE, Vanessa Costa; MACHADO, Felipe Viero Kolinski (Orgs.). *Dá-se a ver: textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da comunicação*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. p. 14-21.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 187-201, jun. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

MESQUITA, Letícia Nassar Matos. *A cartilha midiática de Capricho para a educação da jovem brasileira*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. HIV and AIDS-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action. *Social Science & Medicine*, [S. l.], v. 57, n. 1, p. 13-24, 2003. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/s0277-9536\(02\)00304-0](https://doi.org/10.1016/s0277-9536(02)00304-0)>. Acesso em: 2 mai. 2023.

PHELAN, Jo; LINK, Bruce e DOVIDIO, John. Estigma e preconceito: um animal ou dois? In: MONTEIRO, Simone; VILLELA, Wilza (Orgs.). *Estigma e Saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013. p. 183-207.

RAGO, Margareth. Foucault, a histeria e a aranha. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *O mesmo e o outro: 50 anos da História da loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 235-246.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RUBIN, Gayle. Pensando sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: _____. *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady: women, madness, and English culture, 1830-1980*. Londres: Penguin Books, 1985.

SOARES, Thiago. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. *Logos 41 - Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais*, [S. l.], v. 2, n. 24, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14155>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SONTAG, Susan. Doença como metáfora. In: _____. *Doença como metáfora / AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 4-67.

STAFFORD, M. C., SCOTT, R. R. Stigma, Deviance, and Social Control. In: AINLAY, S. C., BECKER, G., COLEMAN, L. M. (Orgs.). *The Dilemma of Difference: Perspectives in Social Psychology*. Nova Iorque: Plenum Press, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-1-4684-7568-5_5>. Acesso em: 8 nov. 2022.

TRINDADE, Vanessa Costa. *Mulheres na TPM: o corpo e a configuração de modos de ser mulher na capa da revista feminina*. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

TURNER, Graeme. *Understanding Celebrity*. Londres: Sage, 2004.

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VITORINO, Mara Cristine. *Imprensa feminina e discurso ideológico na formação da identidade da mulher: um estudo comparativo dos anos 30 com a atualidade*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2015.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ANEXOS

ANEXO A.1

Identificador: 210620_FS_01	Título: Britney Spears pede desculpas por fingir que estava bem: 'Fiquei com vergonha'	
Data: 25 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/britney-spears-pede-desculpas-por-fingir-que-estava-bem-fiquei-com-vergonha.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO A.2

Identificador: 210620_FS_02	Título: Justin Timberlake é criticado por fãs de Britney Spears após apoiá-la	
Data: 24 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/justin-timberlake-halsey-mariah-carey-e-mais-declaram-apoio-a-britney.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO A.3

Identificador: 210620_FS_03	Título: Britney Spears: as explosivas declarações da cantora em julgamento sobre sua tutela	
Data: 24 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades / BBC Brasil / Folha Jus	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/britney-spears-as-explosivas-declaracoes-da-cantora-em-julgamento-sobre-sua-tutela.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO A.4

Identificador: 210620_FS_04	Título: Britney Spears diz que tutela é desmoralizante: 'Quero minha vida de volta'	
Data: 23 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades / Folha Jus	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/britney-spears-diz-que-tutela-e-desmoralizante-quero-minha-vida-de-volta.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO A.5

Identificador: 210620_FS_05	Título: Depoimento de Britney Spears sobre a tutela do pai é cercado de mistérios	
Data: 23 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/depoimento-de-britney-spears-sobre-a-tutela-do-pai-e-cercado-de-misterios.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO A.6

Identificador: 210620_FS_06	Título: Britney Spears diz que vivia com medo e era forçada pelo pai a trabalhar	
Data: 22 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/musica/2021/06/britney-spears-diz-que-vivia-com-medo-e-era-forcada-pelo-pai-a-trabalhar.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.1

Identificador: 210627_FS_01	Título: Britney Spears: Empresa pede para deixar tutela financeira da cantora	
Data: 2 jul. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/07/britney-spears-empresa-pede-para-deixar-tutela-financeira-da-cantora.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.2

Identificador: 210627_FS_02	Título: O uso forçado de contraceptivos declarado por Britney Spears é legal?	
Data: 1 jul. 2021	Editoria(s): Celebidades / The New York Times	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/07/o-uso-forcado-de-contraceptivos-declarado-por-britney-spears-e-legal.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.3

Identificador: 210627_FS_03	Título: Britney Spears: por que Justiça decidiu manter cantora tutelada pelo pai	
Data: 1 jul. 2021	Editoria(s): Celebidades / BBC Brasil / FolhaJus	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/07/britney-spears-por-que-justica-decidiu-manter-cantora-tutelada-pelo-pai.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.4

Identificador: 210627_FS_04	Título: Pai de Britney Spears permanecerá como tutor da cantora, segundo decisão judicial	
Data: 1 jul. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/07/pai-de-britney-spears-permanecera-como-tutor-da-cantora-segundo-decisao-judicial.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.5

Identificador: 210627_FS_05	Título: Pai de Britney Spears acusa tutora da artista de a impedir de tomar decisões	
Data: 30 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades / FolhaJus	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/pai-de-britney-spears-acusa-tutora-da-artista-de-impedi-la-de-tomar-decisoes.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.6

Identificador: 210627_FS_06	Título: Irmã de Britney Spears diz ter orgulho da cantora por ter se pronunciado	
Data: 28 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/irma-de-britney-spears-diz-ter-orgulho-da-cantora-por-ter-se-pronunciado.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO B.7

Identificador: 210627_FS_07	Título: Ex-marido de Britney Spears afirma querer cantora 'feliz e saudável'	
Data: 28 jun. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/ex-marido-de-britney-spears-afirma-querer-cantora-feliz-e-saudavel.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.1

Identificador: 210808_FS_01	Título: Britney Spears dança e celebra após o pai desistir da tutela: 'Liberdade'	
Data: 13 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/britney-spears-danca-e-celebra-apos-o-pai-desistir-da-tutela-liberdade.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.2

Identificador: 210808_FS_02	Título: Entenda a briga judicial entre de Britney Spears e o pai	
Data: 12 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/06/britney-spears-entenda-a-curatela-que-nao-permite-controle-sobre-seu-corpo.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.3

Identificador: 210808_FS_03	Título: Britney Spears: Famosos e anônimos celebram após pai deixar tutela da cantora	
Data: 12 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/britney-spears-famosos-e-anonimos-celebram-apos-pai-deixar-tutela-da-cantora.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.4

Identificador: 210808_FS_04	Título: Advogado de Britney diz que investigação contra pai da cantora continuará	
Data: 12 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/advogado-de-britney-diz-que-investigacao-contra-pai-da-cantora-continuara.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.5

Identificador: 210808_FS_05	Título: Pai de Britney Spears desiste de ser tutor da cantora após 13 anos	
Data: 12 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/09/britney-spears-se-livra-da-tutela-do-pai-apos-13-anos.shtm Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.6

Identificador: 210808_FS_06	Título: Britney Spears: Fãs atacam Brenda Penny na web, juíza responsável pelo caso'	
Data: 12 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/britney-spears-fas-atacam-brenda-penny-juiza-responsavel-pelo-caso.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO C.7

Identificador: 210808_FS_07	Título: Britney Spears diz que publicará menos devido a 'mentiras horríveis'	
Data: 10 ago. 2021	Editoria(s): Celebidades / Instagram	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/08/britney-spears-diz-que-publicara-menos-devido-a-mentiras-horriveis.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.1

Identificador: 210926_FS_01	Título: 'Britney x Spears' só reforça o que já se sabia sobre tutela da cantora	
Data: 1 out.	Editoria(s): Cinema / Folha Ilustrada	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/britney-x-spears-so-reforca-o-que-ja-se-sabia-sobre-tutela-da-cantora.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.2

Identificador: 210926_FS_02	Título: Britney Spears publica fotos nua de viagem nas redes sociais	
Data: 30 set. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/09/britney-spears-publica-fotos-nuas-de-viagem-nas-redes-sociais.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.3

Identificador: 210926_FS_03	Título: Pai de Britney Spears diz que 'tribunal errou' em afastá-lo da tutela	
Data: 30 set. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/09/pai-de-britney-spears-diz-que-tribunal-errou-em-afasta-lo-da-tutela.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.4

Identificador: 210926_FS_04	Título: Britney Spears se livra da tutela do pai após 13 anos	
Data: 29 set. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/09/britney-spears-se-livra-da-tutela-do-pai-apos-13-anos.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.5

Identificador: 210926_FS_05	Título: Segurança de Britney Spears incluía perseguição a namorados e dossiê de fãs	
Data: 29 set. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/amp/celebridades/2021/09/seguranca-de-britney-spears-incluia-perseguiçao-a-namorados-e-dossie-de-fas.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO D.6

Identificador: 210926_FS_06	Título: Britney Spears: pai da cantora pode perder tutela em audiência nesta quarta	
Data: 29 set. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/09/pai-de-britney-spears-pode-deixar-tutela-da-filha-em-audiencia-nesta-quarta.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO E.1

Identificador: 211003_FS_01	Título: Britney Spears ganha cachorro de estimação do noivo: 'Segurança da casa'	
Data: 9 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/britney-spears-ganha-cachorro-de-estimacao-do-noivo-seguranca-da-casa.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO E.2

Identificador: 211003_FS_02	Título: Ex de Britney defende maior contato dela com os filhos: 'Com segurança e supervisão'	
Data: 7 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/ex-de-britney-spears-kevin-federline-esta-feliz-com-fim-da-tutela.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO E.3

Identificador: 211003_FS_03	Título: Britney Spears agradece empenho dos fãs e movimento #FreeBritney	
Data: 4 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/britney-spears-agradece-empenho-dos-fas-e-movimento-freebritney.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO E.4

Identificador: 211003_FS_04	Título: Britney Spears pode nunca mais voltar a se apresentar	
Data: 4 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/britney-spears-pode-nunca-mais-voltar-a-se-apresentar.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO F.1

Identificador: 211010_FS_01	Título: Courtney Love aconselha Britney Spears a deixar EUA: 'Torcendo por você'	
Data: 16 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/courtney-love-aconselha-britney-spears-a-deixar-eua-torcendo-por-voce.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO F.2

Identificador: 211010_FS_02	Título: Britney Spears diz que se afastará da carreira após fim da tutela do pai	
Data: 16 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/britney-spears-diz-que-se-afastara-da-carreira-apos-fim-da-tutela-do-pai.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO F.3

Identificador: 211010_FS_03	Título: Britney Spears pode nunca mais voltar a se apresentar	
Data: 15 out. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/10/britney-spears-publica-foto-de-topless-e-questiona-padroes-de-beleza.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.1

Identificador: 211107_FS_01	Título: Advogado de Britney Spears quer investigação do pai da cantora após tutela	
Data: 13 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/11/advogado-de-britney-spears-quer-investigacao-ao-pai-da-cantora-apos-tutela.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.2

Identificador: 211107_FS_02	Título: Britney Spears fala após o término da tutela: 'Melhor dia de todos'	
Data: 12 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/11/britney-spears-fala-apos-o-termino-da-tutela-melhor-dia-de-todos.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.3

Identificador: 211107_FS_03	Título: Britney Spears está livre da tutela do pai após 13 anos	
Data: 12 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/11/britney-spears-esta-livre-da-tutela-do-pai-apos-13-anos.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.4

Identificador: 211107_FS_04	Título: Tutela de Britney Spears pode chegar ao fim nesta sexta	
Data: 12 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2021/11/tutela-de-britney-spears-pode-chegar-ao-fim-nesta-sexta.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.5

Identificador: 211107_FS_05	Título: Britney Spears diz que Donatella Versace está fazendo seu vestido de noiva	
Data: 10 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2021/11/britney-spears-diz-que-donatella-versace-esta-fazendo-seu-vestido-de-noiva.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO G.6

Identificador: 211107_FS_06	Título: Ex-empresária de Britney Spears nega ter controlado remédios da cantora	
Data: 7 nov. 2021	Editoria(s): Celebidades	Veículo: F5 – Folha de S. Paulo
Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2021/11/ex-empresaria-de-britney-spears-nega-ter-controlado-remedios-da-cantora.shtml Acesso em 13 set. 2022.		

ANEXO H – Íntegra do depoimento de Britney Spears à Corte de Los Angeles, em 23 de junho de 2021

Disponível em: https://glamour.globo.com/entretenimento/celebidades/noticia/2021/06/leia-fala-completa-de-britney-spears-em-audiencia-contra-tutela-do-pai.ghtml Acesso em 13 set. 2022.
